

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

Mauro Castro Ignácio

**NARRATIVAS DE JOGADORES DE BASQUETEBOL SOBRE A RELAÇÃO
ENTRE ESPORTE E DROGAS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NUM BAIRRO DE
PERIFERIA DE PORTO ALEGRE**

Porto Alegre

2021

Mauro Castro Ignácio

**NARRATIVAS DE JOGADORES DE BASQUETEBOL SOBRE A RELAÇÃO
ENTRE ESPORTE E DROGAS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NUM BAIRRO DE
PERIFERIA DE PORTO ALEGRE**

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Myskiw

Porto Alegre

2021

Mauro Castro Ignácio

**NARRATIVAS DE JOGADORES DE BASQUETEBOL SOBRE A RELAÇÃO
ENTRE ESPORTE E DROGAS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NUM BAIRRO DE
PERIFERIA DE PORTO ALEGRE**

Porto Alegre, 24 de fevereiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mauro Myskiw - Orientador (UFRGS)

Profa. Dra. Liana Abrão Romera (UFES)

Prof. Dr. Fabiano Bossle (UFRGS)

Profa. Dra. Raquel da Silveira (UFRGS)

CIP - Catalogação na Publicação

Ignácio, Mauro Castro
NARRATIVAS DE JOGADORES DE BASQUETEBOL SOBRE A
RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E DROGAS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO
NUM BAIRRO DE PERIFERIA DE PORTO ALEGRE / Mauro Castro
Ignácio. -- 2021.
107 f.
Orientador: Mauro Myskiw.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Etnografia. 2. Lazer. 3. Esporte. 4. Drogas. 5.
Periferia. I. Myskiw, Mauro, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Ao ingressar na UFRGS, no ano de 2012, existia uma disciplina chamada introdução aos estudos universitários. Era uma espécie de tutorial sobre como usufruir ao máximo a experiência universitária, toda a estrutura disponível aos estudantes, e as formas de progressão nos estudos. Em uma das aulas, o professor Flávio Castro foi convidado a nos apresentar os programas de mestrado e doutorado da ESEFID. Naquele momento, não tinha noção da grandeza que seria fazer parte de um programa como o PPGCMH, nem sequer pretensões para tal empreitada, pois já me sentia realizado por cursar educação física em uma universidade federal, que figura entre as 500 maiores instituições de ensino superior do MUNDO.

Durante a graduação, participei de grandes grupos de pesquisa/projetos, a quem sou grato, sendo eles o Projeto Esporte Brasil (PROESP-BR), coordenado pelos professores Adroaldo Gaya e Anelise Gaya, o Grupo de Avaliações e Intervenções Motoras (GAIM), da professora Nádia Cristina Valentini, e o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Educação Física Anos Iniciais, coordenado pela professora Lisiane Torres, a quem tenho imenso carinho e respeito.

Ao meu grupo de pesquisa atual, o Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), onde concluí o TCC da segunda graduação, e posteriormente entrei para realizar meu mestrado. Obrigado por todo o suporte e por me mostrar uma nova forma de fazer pesquisa, por me oportunizar trabalhar com aquilo que amo. Ao orientador desse trabalho, Mauro Myskiw, por quem tenho enorme admiração e amizade, e um dos coordenadores do grupo, juntamente com o professor Marco Paulo Stigger, a professora Raquel Silveira e a professora Marília Bandeira.

Ao Conselho de Notáveis Caídos, meu agradecimento especial, por conseguir de forma impar aliar debates enriquecedores sobre sociologia, etnografia, políticas públicas em alguns momentos, alternando com outros sobre esportes, saúde, cinema, fofocas ou qualquer outro tema, que por mais aleatório e banal que fosse, servia para trazer um pouco de oxigênio para a mente, possibilitando espairecer e clarear as ideias. Debates esses regados a muitas IPAs, puros maltes, Devassas, vinhos, etc, sempre com o desfile de copos da coleção da querida Bruna Brogni, as excelentes fotos das viagens do Walter Boehl, os apetitosos pães e quitutes preparados pelo Augusto Dias Dotto, alguns com muito coentro, e ao Leonardo Lima, nosso agitador cultural de uma música, e especialista em redes sociais, memes e mídia.

Obrigado a minha mãe, Jovelina, por me educar, me amar, e me ensinar a importância dos estudos, a dar bronca a cada nota ruim, a cada reclamação dos professores por minhas estripulias no início dos estudos. Mãe, obrigado (e só em digitar essas duas palavras meus olhos se enchem de lágrimas), por ter sido minha primeira professora, a ensinar os primeiros passos, me ensinar o que é retidão, honestidade, respeito, amor. Obrigado pelas aulas na escolinha dominical, desde a infância sentia prazer em lhe ajudar a preparar a aula do dia seguinte, um sinal de que ser professor não é uma escolha, e sim uma vocação.

A pouco tempo atrás, escrevi com saudosismo que iria sentir muita falta da ESEFID, por estar apresentado o TCC e encerrando um capítulo, mas agora sei que ainda existem muitos capítulos a serem escritos, e que a ESEFID certamente vai estar presente em outros mais.

Enfim, não tenho como agradecer a todos, de forma individual, pois quanto mais escrevo mais me vem momentos, pessoas, situações, e não seria justo deixar ninguém de fora, por esse motivo, agradeço a minha família, os irmãos Marcos, Marcelo e esposa Kátia, as irmãs Anelize e Graziela, apesar das brigas, amo vocês sempre, e se se brigo com vocês, brigo mais ainda para defender vocês se preciso for. Andressa e João, amo vocês, muito, e a cada dia mais.

Ao meu “cumpadi” Raul Fraga, e meu afilhado Martin, lindo gremistão que amo, essa amizade foi o maior presente que a UFRGS me deu, e que vou levar pra vida.

Aos amigos da quadra, que possibilitaram a realização desse trabalho, com destaque para o nosso “prefeito” da praça, sua contribuição foi inestimável.

Aos alunos do CT Funcional Core, centro de treinamento que adquiri em meio a essa loucura que foram os últimos anos, obrigado pelo carinho, compreensão com meus horários quebrados para comportar as exigências da grade do mestrado, e por serem ouvidos pacientes para escutar minhas angústias, teorias e desabafos durante esse período. Se o treino é como um remédio para vocês, trabalhar com vocês também é um santo remédio para mim.

A querida amiga Aline Cristiane Kumpfer Nascimento, por sua generosidade e presteza em fazer o bem sem olhar a quem, que sua jornada seja linda e repleta de luz.

Tios, primos, sobrinhas, os gatos, os cachorros, enfim, todos que cruzaram a minha vida e em algum momento deixaram sua marca, meu mais sincero obrigado.

Em um momento em que trago um trabalho etnográfico, com histórias e trajetórias montadas quase que como recortes, meu último agradecimento também virá acompanhado de uma história e de um 'retalho'.

Por mais que eu ame a minha mãe e tudo que me ensinou, grande parte do que sou e de quem sou devo a meu pai.

De meu pai puxei o prazer em contar histórias, das mais elaboradas e mirabolantes possíveis. O prazer em oferecer um bom churrasco, de preparar a carne, servir, entregar a cada um dos presentes o ponto do seu agrado. Menos seca, torrada, porque aí não é churrasco, é qualquer outra coisa, menos churrasco.

Talvez o maior dos dons que herdei de meu pai, foi o de dar vida as coisas: como no filme a Invenção de Hugo Cabret, em que o personagem principal procura de todas as formas encontrar as engrenagens necessárias para consertar um autômato, pois considera que uma coisa quebrada é impedida de realizar seu propósito, é algo triste, sem vida. Meu pai sabia arrumar e consertar praticamente tudo, rádios, televisores, máquinas de lavar, de cortar grama, vitrolas a válvula, encanamentos. Tudo na sua mão ganhava vida. No entanto, como em casa de ferreiro, espeto é de pau, das várias coisas que ficou para depois, que em outro momento faríamos com mais calma, uma gambiarra de meu pai hoje tem um significado único.

A porta principal de sua antiga casa, tem vitrais em ambos os lados, de cores variadas. Um dia, após perder sua chave, ele acabou quebrando um dos vidros coloridos para abrir a porta por dentro. No dia seguinte, para não deixar aberto aquele pedaço quebrado, de pouco mais de 15X15 cm, ele pegou dois pedaços de manta asfáltica, que é basicamente piche de um lado e alumínio do outro, e pediu para que eu colocasse do lado de fora enquanto ele segurava do lado de dentro. Aquele remendo, que era para ser provisório, durou por todos os mais de 10 anos que ele morou lá, e mesmo depois de seu falecimento, e da passagem de pelo menos dois proprietários distintos, toda vez que passo em frente, olho a casa, já reformada, com pintura diferente, nova disposição de jardim, entre tantas outras mudanças, mas ainda hoje, mais de 20 anos depois, nosso remendo ainda permanece lá, como que um monumento a gambiarra de pai e filho. Esse saudosismo, essa vontade de voltar aquele momento toda vez que passo lá, só diz o quanto ele ainda faz falta aqui, o quanto gostaria que ele estivesse comigo em minhas duas formaturas, o quanto

gostaria de ter tido a oportunidade de fazer mais churrascos com ele, mais concertos, algumas gambiarras, mais, mais, mais...

Sei que hoje tu está em tudo meu velho, mas ainda assim, gostaria que estivesse aqui, em carne e osso, para ver mais essa nossa conquista. Quem sabe depois da defesa vou pra Ipanema, pedir um prato de petisco com todos os sabores de pasteis, ou uma porção de batatas para colocar todos os palitinhos nelas, e rir com meus amigos em tua homenagem. Pelo tempo que estive aqui comigo, meu mestre, e que gostaria que tivesse sido muito maior...

RESUMO

NARRATIVAS DE JOGADORES DE BASQUETEBOL SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E DROGAS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NUM BAIRRO DE PERIFERIA DE PORTO ALEGRE

Resumo: Este trabalho procura abordar uma afirmação bastante recorrente na argumentação daqueles que defendem o envolvimento de pessoas, sobretudo crianças e jovens, em universos esportivos: o que de que o esporte afasta ou tira 'das drogas'. Esse discurso está presente, por exemplo, em cursos de formação superior, em narrativas de veículos de comunicação, em projetos sociais, em manifestações de agentes da política pública. A literatura que aborda essa questão, por um lado, reforça esse lugar do esporte como ferramenta social capaz de proteger 'das drogas', mas também há um conjunto de estudos que problematizam o que chamam de uma visão simplista ou reducionista. Sobre essa temática há trabalhos que, no campo das políticas públicas, relacionam esse discurso com políticas utilitaristas e focalistas. Nesse universo de debates é que o presente estudo procurou, através de uma etnografia, compreender as narrativas de um grupo de jogadores de basquetebol sobre a relação esporte e drogas, considerando suas trajetórias e experiências vividas num bairro de periferia da cidade de Porto Alegre. Essa pesquisa, numa perspectiva da etnografia da duração, esteve centrada na compreensão das experiências temporais narradas por jogadores e sobre jogadores, considerando que são construções, no presente, das relações vividas e pensadas. Foram realizadas observações participantes, diários de campo, entrevistas, catalogação e organização de documentos como forma de produção empírica. As análises materializadas num texto etnográfico envolveram narrativas sobre as trajetórias de atores-chave e seus esforços para a composição e manutenção de um grupo de basquetebol. Na sequência, a textualização etnográfica que é uma materialização da experiência no campo e, no presente caso, uma transcrição, analisa especificamente a constituição do grupo de basquete no bairro de periferia e as narrativas de personagens-jogadores sobre a relação entre esporte e drogas. Com a realização do estudo foi possível concluir que a relação entre esporte e drogas são narradas a partir dos dramas e dinâmicas da vida cotidiana urbana.

Palavras-chave: Narrativas; Esporte; Drogas; Basquetebol; Periferia.

ABSTRACT

NARRATIVES OF BASKETBALL PLAYERS ABOUT THE RELATIONSHIP BETWEEN SPORT AND DRUGS: AN ETHNOGRAPHIC STUDY IN A PERIPHERAL NEIGHBORHOOD IN PORTO ALEGRE

This work aims to address a quite recurring statement in the arguments of those who defend the involvement of people, especially children and young people, in sports universes: sports prevent the use and keep people away from 'drugs'. This discussion is present, for example, in higher education courses, narratives of communication means, social projects, demonstrations of public policy agents. The literature that addresses this issue, on the one hand, reinforces this position of sport as a social tool capable of protecting 'from drugs'. However, there is also a set of studies that problematize what they call a simplistic or reductionist view. There are works on this theme, in the field of public policies, which relate this discourse to utilitarian and focalistic policies. In this universe of debates, this study sought through an ethnography to understand the narratives of a group of basketball players about the relationship between sport and drugs. Also, their trajectories and experiences lived in a peripheric neighborhood of the city of Porto Alegre were considered. This research, in a perspective of the ethnography of duration, was centered on the understanding of the temporal experiences narrated by players and about players, considering these are constructions, in the present, of the lived and thought relationships. Participating observations, field diaries, interviews, cataloging and organization of documents were carried out as a form of empirical production. The analyzes materialized in an ethnographic text involved narratives about the trajectories of key actors and their efforts on the composition and maintenance of a basketball group. In the sequence, the ethnographic textualization which is a materialization of the experience in the field and, in the present case, a transcreation, specifically analyzes the constitution of the basketball group in the periphery neighborhood and the narratives of character-players about the relationship between sports and drugs. With the completion of this study, it was possible to conclude that the relationship between sport and drugs are narrated from the dramas and dynamics of everyday urban life.

Key-words: Narratives; Sport; Drugs; Basketball; Periphery.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Organograma do processo de revisão	16
Figura 2 - A quadra coberta da escola	45
Figura 3 - Um dos “games” na Escola.....	48
Figura 4 - A primeira tabela com medidas oficiais da quadra.....	50
Figura 5 – Varrendo as poças para não prejudicar o jogo.....	52
Figura 6 – Alguns dos inúmeros protocolos	54
Figura 7 – Pintando o “quadrado”.....	55
Figura 8 – Uma das linhas recebendo pintura.....	56
Figura 9 – Encerrando os trabalhos	56
Figura 10 – Trabalhos de domingo.....	57
Figura 11 - Recolhendo o material depois de concluir a pintura	57
Figura 12 – Último registro da tabela antiga.....	59
Figura 13 – O transporte da tabela nova	59
Figura 14 - A retirada da tabela antiga	60
Figura 15 – Fazendo as medidas e marcações para colocação da nova tabela.....	60
Figura 16 – Fixando a placa de sustentação do aro.....	61
Figura 17 - A tabela instalada e pronta para uso.....	61
Figura 18 – Flyer de divulgação do Evento	69
Figura 19 - A quadra de testes da Decathlon	70
Figura 20 – Aquecimento entre os participantes	70
Figura 21 – Jogo de abertura do torneio	71
Figura 22 – Um dos modelos sorteados no evento	71
Figura 23 – Foto de encerramento com participantes, familiares e organizadores ...	72
Figura 24 – Mosquito e seu baseado em uma paralização do jogo	91
Figura 25 – Um cigarro ‘licito’ entre um game e outro.....	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Identificação dos trabalhos selecionados para a análise	17
--	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	AS DROGAS E OS ESPORTES NO DEBATE ACADÊMICO.....	14
1.1.1	<i>Esporte como ferramenta social</i>	<i>18</i>
1.1.2	<i>Crítica a uma visão simplista da relação entre esporte e drogas.....</i>	<i>21</i>
1.1.3	<i>Problematizações das políticas públicas utilitaristas e focalistas.....</i>	<i>24</i>
1.2	AS DROGAS E O ESPORTE NO COTIDIANO DO PESQUISADOR	28
1.3	QUESTÕES E OBJETIVOS	33
2	ETNOGRAFIA DA DURAÇÃO.....	35
3	UM GRUPO DE BASQUETE NA PERIFERIA DA CAPITAL	43
3.1	DA ESCOLA PARA A ADOÇÃO DA PRAÇA.....	43
3.2	ENTROSANDO E RENOVANDO O PESSOAL DO GRUPO	62
4	PERSONAGENS-NARRADORES DO BASQUETEBOL	74
4.1	AS RELAÇÕES COM O BASQUETEBOL E COM AS DROGAS	74
4.2	AS NARRATIVAS SOBRE O DRAMA DO COLEGA AMAURY	93
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
6	REFERÊNCIAS	104

1 INTRODUÇÃO

Sempre foi muito recorrente, em diferentes lugares do meu cotidiano, escutar justificativas de envolvimento e de investimentos ‘no esporte’ porque ele ‘tira’, ‘disputa’ ou ‘afasta’ as pessoas ‘das drogas’, sobretudo os jovens. O presente trabalho aborda essa relação a partir de um estudo etnográfico na perspectiva da duração, analisando narrativas de cidadãos moradores de um bairro de periferia de Porto Alegre, especificamente de um grupo de narradores-jogadores de basquetebol.

Ao longo desta introdução procuro mostrar a construção do objeto e dos objetivos da pesquisa e como isso foi desenvolvido em face da compreensão dos debates acessados a respeito da relação entre esporte e drogas, mas também em relação à minha própria experiência como membro do grupo de basquetebol, morador do bairro de periferia e da cidade de Porto Alegre. Assim, procuro, neste capítulo, contextualizar e demarcar elementos sobre a existência um ‘campo acadêmico’ de debates e um ‘campo empírico’ da pesquisa.

1.1 As drogas e os esportes no debate acadêmico

Este trabalho tem seu início pela participação no Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (GESEF/UFRGS). Desde os primeiros meses de 2017 faço parte desse grupo, inicialmente como bolsista de iniciação científica vinculado a um Projeto de Pesquisa relacionado a Políticas Públicas de Esporte e Lazer financiado pelo então Ministério do Esporte¹. Em agosto de 2018 ingressei no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCMH/UFRGS), passando a participar do GESEF/UFRGS como mestrando que tem, como uma de suas responsabilidades, a realização e defesa de uma dissertação.

O GESEF/UFRGS, desde a sua criação em 2001, vem desenvolvendo pesquisas etnográficas sobre lazeres esportivos na cidade de Porto Alegre. Acompanhando as pesquisas realizadas por membros desse coletivo, passei a perceber que a relação entre esporte e ‘drogas’ tangenciava várias das investigações.

¹ Projeto Centro de Desenvolvimento de Pesquisa em Políticas Públicas de Esporte e Lazer da Rede CEDES do Rio Grande do Sul.

Por exemplo, no trabalho de tese de doutorado de Luis Eduardo Cunha Thomassim (2013), o autor, discutindo processos de socialização em contextos esportivos, retrata em “Esporte e a introjeção de valores positivos”, o caso do Milton, um jovem de 15 anos de idade, que estava participando de 4 projetos sociais esportivos, mas que mesmo assim estava envolvido com o tráfico de drogas, sendo assassinado com 15 tiros. O autor traz essa problematização de que as condutas que se consideram intrínsecas a um determinado local, não necessariamente levam os jovens a abdicarem de outras, tendo os indivíduos sua negociação individual com esses pertencimentos e conflitos.

Na tese de doutorado de Mauro Myskiw (2012), essa relação também aparece quando o autor descreve ‘o círculo do tráfico’ nos campos de futebol de várzea, em que seu Túlio, ao falar sobre a ‘escolinha de futebol’ que sua família tinha no bairro, usava como exemplo um círculo desenhado no chão, em que fora do círculo estava tudo aquilo que era importante para os meninos, como família, escola, amigos, a sociedade como um todo, e que uma vez dentro do ‘círculo’, se perde tudo aquilo que está do lado de fora. Na perspectiva do seu Túlio, o universo esporte (escolinha de futebol) era um lugar privilegiado para se conversar com as crianças e jovens, convencendo-os a ficarem ‘fora do círculo’.

Na dissertação de mestrado defendida por Marcelo Rampazzo (2012), sobre projetos de jovens skatistas e relações cotidianas entre lazer, família, educação e trabalho, a questão do uso de drogas também apareceu. O autor, convivendo com os jovens numa pista de skate da cidade de Porto Alegre, notou que o consumo de drogas, como a maconha, ocorria naquele local. Ele ficou intrigado com a relação que o esporte e o uso da maconha tinham naquele ambiente, sendo considerada ‘a droga’ um agente facilitador para a sociabilidade dos frequentadores do local, inclusive considerando que essa poderia ser uma das linhas da investigação do seu trabalho, mas que não foi seguida.

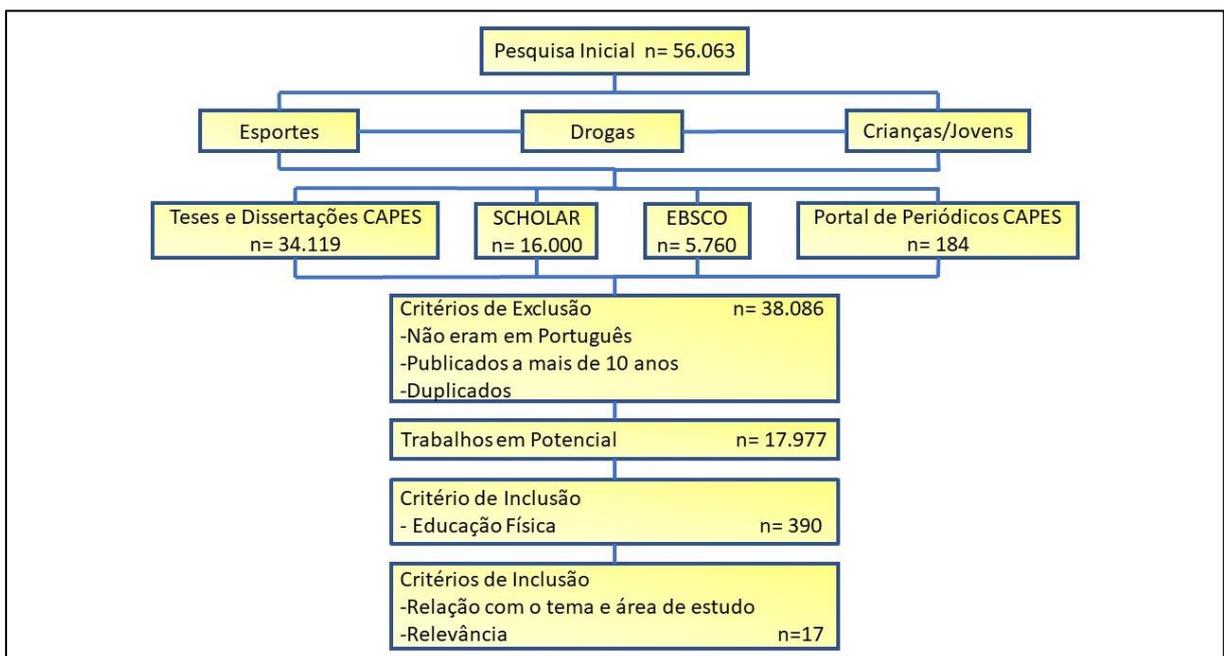
Com essas breves descrições quero destacar que os 03 estudos não buscaram estudar, especificamente, a relação entre o universo esportivo e o das drogas, mas ela apareceu como questão a ser compreendida. Havia aí, dentro do Grupo, um lugar para que eu pudesse colaborar na compreensão das práticas esportivas de lazer na cidade de Porto Alegre. Assim, após reconhecer a existência de uma questão a ser estudada (a relação entre os universos do esporte de lazer na cidade e do uso de drogas), de mostrar o quanto essa questão faz sentido em trajetória de vida numa

comunidade (trarei mais dados sobre isso a seguir), passei a desenvolver uma pesquisa bibliográfica para conhecer o que dizem os trabalhos acadêmicos sobre essa questão.

Investiguei, na literatura publicada em português, o que foi produzido sobre o tema, de forma a encontrar possíveis lacunas e questões relevantes para servirem de contribuição, enriquecendo meu trabalho. E, para operacionalizar essa frente de pesquisa com o propósito de conhecer o debate acadêmico-conceitual existente, me propus a produzir um levantamento que trouxe trabalhos que se dedicaram a fazer uma análise mais pontual sobre o tema, ainda que não necessariamente estivessem analisando a relação entre esporte e drogas.

O levantamento foi realizado nas seguintes bases de dados: Portal de Periódicos CAPES, Portal de Teses e Dissertações CAPES, a base de dados de Pesquisa EBSCO e a plataforma Google Scholar. Nas buscas foram utilizadas as seguintes palavras-chave: esportes, drogas, crianças, jovens. Inicialmente, como é ilustrado na Figura 1, foram encontradas 56.063 publicações utilizando as palavras-chave nos bancos de dados mencionados. A partir disso, foram então excluídos em uma primeira triagem 38.086, com base nos seguintes critérios: 1) aqueles que não eram escritos em idioma português; 2) aqueles que não foram produzidos nos últimos 10 anos; e 3) aqueles que eram duplicados.

Figura 1 - Organograma do processo de revisão



Fonte: Elaboração própria

Operacionalizado o primeiro recorte restaram 17.977 trabalhos, que se enquadraram nos critérios acima e potencialmente aptos para a prosseguir para a etapa de inclusão. Em tal etapa, para que o trabalho publicado fosse efetivamente selecionado nesta pesquisa bibliográfica, considere aqueles relacionados a área de conhecimento Educação Física, restando um total de 390 manuscritos. E, a partir disso, foi então realizada uma leitura flutuante dos trabalhos, verificando aqueles que iam ao encontro do tema proposto, especialmente aqueles que abordavam com mais centralidade as temáticas esporte e drogas, ainda que não procurassem relacioná-las analiticamente. Ao fim dessa verificação ficaram 17 trabalhos para compor a frente investigativa de revisão da literatura. Os trabalhos estão descritos no quadro 1.

Quadro 1 - Identificação dos trabalhos selecionados para a análise

AUTORES	TÍTULO	MIDIA	ANO
RICHTER	Dos lugares do esporte nas aulas de educação física: algumas possibilidades de intervenção pedagógica.	Cadernos de Formação RBCE	2009
MATOS; ANDRADE	Intervenção do profissional de Educação Física em jovens em situação de risco social: a contribuição da Psicologia do Esporte.	Conexões	2011
NOGUEIRA	Esporte, desigualdade, juventude e participação.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	2011
RAMPAZZO	Skate, uma prática no lazer da juventude: Um estudo etnográfico	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	2012
STIGGER; THOMASSIM	Entre o “serve” e o “significa”: Uma análise sobre expectativas atribuídas ao esporte em projetos sociais.	LICERE	2013
OLIVEIRA; DE ALMEIDA SUASSUNA; TROMPIERI FILHO	Do direito ao lazer: o princípio acesso no Programa Esporte na Comunidade (Fortaleza-CE).	LICERE	2013
ROMERA	Esporte, lazer e prevenção ao uso drogas: dos discursos equivocados aos caminhos possíveis.	LICERE	2013
SILVEIRA	Considerações sobre o esporte e o lazer: entre direitos sociais e projetos sociais.	LICERE	2013
COSTA	Histórico de atividade física de dependentes químicos de crack em tratamento na Fazenda do Sol em Campina Grande-PB.	UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA	2013
SILVA <i>et al.</i>	Práticas corporais e uso de álcool e drogas: vivenciando emoções.	Revista Brasileira de Ciência e Movimento	2014
GOMES JUNIOR; CAPUTO	A inclusão social e o esporte na infância: Um estudo de caso no Centro Municipal de Educação Integrada de Penápolis-SP.	SALESIANO	2014

SANTOS; ISAYAMA	Formação profissional em lazer: a construção e a mobilização de saberes em contextos de violência.	Revista Brasileira de Estudos do Lazer	2015
LEITE; HECKTHEUR	Concepções de coordenadores do programa mais educação em funcionamento na cidade do Rio Grande–RS sobre o serviço social e a Educação Física.	Revista Didática Sistêmica	2015
CORTES NETO; DANTAS; MAIA	Benefícios dos projetos sociais esportivos em crianças e adolescentes.	Saúde & Transformação Social/Health & Social Change	2015
PINHEIRO; ANDRADE; DE MICHELI	Relação entre os níveis de atividade física e qualidade de vida no uso de drogas em adolescentes.	SMAD Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (em Português).	2016
PINTO; DE OLIVEIRA	Esporte, infância e juventude despossuída: uma análise das ONG's como acontecimento discursivo.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte	2017
SANCHES	A prática esportiva como uma atividade potencialmente promotora de resiliência.	Revista Brasileira de Psicologia do Esporte	2018

Fonte: Elaboração própria

Uma vez selecionados os trabalhos, meu próximo desafio (e objetivo) passou a ser aprender com eles/neles pontos de ancoragem de argumentos, isto é, questões em torno das quais os estudos foram contextualizados, justificados e elaborados (através de objetivos, processos metodológicos, descrições, análises e conclusões). Nesse processo de aprendizagem passei a compreender e sistematizar a produção de conhecimentos existente em três questões de ancoragem: 1) o esporte como ferramenta social; 2) crítica a uma visão simplista da relação entre esporte e drogas; e 3) problematizações das políticas públicas utilitaristas e focalistas.

1.1.1 Esporte como ferramenta social

Observei que há um conjunto de trabalhos que se desenvolvem em torno do esporte como 'ferramenta social', configurando um universo no qual são aprendidos ou incorporados conhecimentos e habilidades que afastam, distanciam dos riscos, que diminuem as chances de acessar substâncias nocivas, que têm a possibilidade de incluir e de formar caráter, de forjar sujeitos mais resilientes. Passo a trazer uma breve síntese dos trabalhos que se articulam em torno desse eixo.

No estudo de Gomes Junior e Caputo (2014), os autores buscam analisar de que forma o esporte pode ajudar na inclusão social de 20 crianças com idades entre 6 e 11 anos, participantes de um projeto social do Centro Municipal de Educação Integrada (CMEI), projeto esse mantido pela prefeitura de Penápolis-SP. Através de observações das aulas e de entrevistas, utilizando uma abordagem qualitativa, os autores procuraram compreender como se dava essa relação entre inclusão social e esporte, e de que forma o esporte auxilia no desenvolvimento da criança.

A partir dos resultados que foram descritos ao longo do trabalho, os autores puderam concluir sobre a importância do esporte na aquisição de saberes e o desenvolvimento físico, mental e social dos alunos, defendendo que ele ajuda a distanciar dos riscos e adversidades diárias como criminalidade, tráfico, drogas, violências, entre outras tantas.

No trabalho de Sanches (2018), a autora aborda a resiliência em crianças que, mesmo enfrentando situações problemáticas, conseguem atravessar os momentos de adversidade e demonstrar um comportamento considerado normal. Com esse entendimento, ela buscou compreender como praticar esportes pode contribuir para formar um indivíduo resiliente.

Para realizar o estudo foram avaliados 05 adolescentes de uma instituição que trabalha com o atletismo. A pesquisa, de caráter qualitativo, utilizou um instrumento que analisa a rede de apoio social e afetivo, além de uma entrevista semiestruturada. Os resultados obtidos evidenciaram que os participantes do projeto desenvolveram laços afetivos que vão além do contexto do projeto social. Tanto os treinadores quanto os atletas apresentaram muita proximidade uns com os outros. E, além de destacar o aumento da autoestima e de uma maior aceitação, os participantes demonstraram maior responsabilidade, engajamento, melhoria nos hábitos de vida e o desejo de traçar planos para o futuro.

No trabalho realizado por Costa (2012) é problematizado o uso de drogas atualmente, sendo o *crack* considerado uma das mais nocivas, provocando mudanças nas capacidades físicas e cognitivas do usuário. Em relação a isso, a autora ressalta que o esporte é conhecido por provocar melhorias na qualidade de vida de seus praticantes, seja no âmbito físico ou mental, com potencial para auxiliar na prevenção contra o uso de drogas ou no tratamento dos dependentes.

Buscando compreender essa relação, a autora analisa relatos dos dependentes em tratamento contra o *crack* na Fazenda do Sol, em Campina Grande-

PB, para averiguar se existe entre os usuários a percepção de que o esporte pode ajudar no tratamento e na prevenção. Para tanto, desenvolveu uma pesquisa qualitativa, analisando 15 casos de dependentes químicos, fazendo isso com base em entrevistas semiestruturadas, avaliando o histórico de atividades físicas.

Ao final do estudo, ela pode concluir que o esporte auxilia no tratamento e na prevenção, mesmo se atendo ao fato de que a maior parte dos entrevistados era praticante de esportes antes de se envolver com as drogas, destacando a importância de um direcionamento educacional para a prática esportiva.

No trabalho de Cortes Neto, Dantas e Maia (2015), que teve por objetivo investigar os benefícios dos projetos sociais esportivos para crianças e adolescentes, os autores apontam que o esporte atua na socialização e na inclusão. Para eles, os projetos comumente consideram que as crianças e jovens que ficam boa parte do dia na rua se encontram em vulnerabilidade social, o que aumenta as chances de acessar situações consideradas nocivas como drogas, criminalidade, violência, entre outras.

Desenvolvendo uma revisão de literatura (trabalhos entre janeiro de 2010 e dezembro de 2014, usando como palavra-chave “projeto social esportivo”), esses autores concluíram que os projetos sociais esportivos ajudam na melhoria das habilidades motoras, desempenho escolar, comportamento, entre outras, sendo o esporte um promotor de melhorias sociais, desde que observado o contexto em que o indivíduo se encontra.

Outra revisão de literatura foi realizada por Matos e Andrade (2011), na qual eles procuraram identificar e analisar de que forma os profissionais de Educação Física conseguem desenvolver seu trabalho com jovens em vulnerabilidade social, através da psicologia esportiva. Para tanto, tendo como base uma investigação acerca dos descritores psicologia do esporte, projeto social e intervenções, destacaram a estruturação dos projetos sociais, e de como eles são direcionados para contribuir com a inclusão social dos jovens considerados em situação de risco social.

Dentre as qualidades trabalhadas nos projetos, os autores relataram que promover a socialização, o companheirismo, e o caráter são alguns dos temas mais abordados, reforçando o papel do esporte como ferramenta para construção do cidadão com um bom caráter. Ao longo do trabalho ainda sublinharam a baixa produção acadêmica sobre o tema.

O que pude compreender pelo estudo dos trabalhos mencionados acima – ancorados a partir do eixo ‘ferramenta social’ – foi que, a realização de entrevistas e observações, a utilização de instrumentos de rede sócio-afetiva e a produção de revisão de literatura ajudaram a demarcar um entendimento de que o envolvimento com o esporte tem ressonâncias positivas no que se refere ao enfrentamento aos riscos das drogas e da criminalidade relacionada.

1.1.2 Crítica a uma visão simplista da relação entre esporte e drogas

Diferente do entendimento que foi exposto acima, na leitura dos textos da presente revisão, notei que há um conjunto de trabalhos que questionam e/ou criticam a relação linear, natural, simplista de que o esporte possibilita, em si ou por si, o afastamento do universo das drogas e da criminalidade, em especial pelo fato de ocupar o tempo livre das crianças e dos jovens. Além disso, alguns dos estudos apontam que é preciso formar profissionais capazes de intervenções conjuntas com outras áreas, de investir em processos educacionais articulados, multidisciplinares, orientadas para territórios. Da mesma forma, passo a expor breves sínteses sobre os trabalhos que se articulam em torno desse eixo.

No estudo de Silva e colaboradores (2014), os autores buscam problematizar como a atividade física e as emoções operam na reabilitação de usuários de drogas, realizando uma pesquisa bibliográfica com base no que denominaram de um olhar holístico. No estudo foi sublinhado que a procura por emoções pode levar ao uso de drogas psicoativas e que a prática de atividades corporais pode auxiliar na reabilitação de dependentes químicos e na prevenção ao uso das drogas. Assim, o trabalho buscou discutir a prática corporal e a emoção a partir da perspectiva de reabilitação da pessoa envolvida com o álcool e drogas, com suas representações sociais e de que forma pode alterar o comportamento.

Ao final do trabalho, ao invés de afirmar uma relação linear, os autores concluíram que a relação entre práticas corporais e a reabilitação da pessoa envolvida com álcool e drogas não pode ser algo posto (causa-efeito), visto que muitos dados são conflitantes. Por isso, eles sugerem que é preciso dar um direcionamento educacional às práticas, e que tanto as drogas quanto a prática de esportes podem trazer sensações prazerosas, porém com consequências bem diferentes, o que diz muito sobre a complexidade dessa relação.

Essa relação causa-efeito é abordada, criticamente, no trabalho conduzido por Pinheiro, Andrade e De Micheli (2016), que busca analisar de que forma as atividades físicas podem auxiliar no combate ao uso de drogas, relacionando seu consumo com os padrões de qualidade de vida. Com uma abordagem quantitativa, aplicando questionários em 754 jovens de 14 a 18 anos de idade, os autores questionam os preceitos sobre o efeito do esporte no uso de drogas, como a relação entre a prática de esporte e o afastamento do consumo de drogas, sendo o contrário observado no estudo.

Isso porque, os resultados obtidos indicaram que os jovens com alto engajamento em atividades físicas apresentaram grande consumo de diversas substâncias, como maconha e outras drogas. Diante de dados como esses, segundo os autores, existe a necessidade de se refletir sobre o quanto o esporte pode ser agente protetor contra o uso de tais substâncias, como afirmado de modo geral, e se a falta ou a baixa adesão a prática de esportes podem representar um fator de risco. Ademais, eles questionam, na sequência, o fato de que muitos trabalhos se baseiam no senso comum para afirmar que a prática de esportes traz inúmeros benefícios, sem maior aprofundamento. Diferente disso, segundo os autores, existe uma relação associativa entre esses fatores, mas não de causalidade, como sugerem tais estudos.

Também nessa perspectiva de crítica, no trabalho de Romera (2013), ao trazer o relato sobre a implantação dos núcleos do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC), a autora começa a questionar o discurso dos atores sociais envolvidos com o programa, e seus anseios quanto ao uso do tempo livre, o afastamento do mundo das drogas, e a visão dos mesmos de que o esporte tinha o poder de sanar tais problemas. Faz isso, buscando compreender a relação entre o esporte e a prevenção do uso de drogas, lançando questionamentos quanto à forma simplista que essa relação é feita.

Segundo a autora, é comum, em programas sociais que utilizam o esporte como ferramenta socioeducativa, o discurso ingênuo de que o esporte livra os jovens das drogas, quase como algo místico. O trabalho traz indagações que levam a refletir e a desmistificar essa visão popular, através das contribuições obtidas durante os módulos de formação dos agentes sociais e gestores do PELC, com observações que trazem possíveis direcionamentos e aportes para que o esporte ajude nessa luta contra as drogas, mas de forma mais lúcida e realista. Com esse objetivo ela descreve

trabalhos que tiveram resultados positivos, mas deixando claro que esse terreno é complexo e exige muitos esforços de diversas esferas.

Nessa linha argumentativa, a autora conclui que o esporte isoladamente não pode resolver o problema, necessitando de ações conjuntas para tal, e alerta para que velhos preconceitos quanto aos jovens sejam superados, como a visão de que o tempo livre leva as drogas, e que se tenha maior sensibilidade e diálogo para conseguir acessá-los.

Tal posicionamento também consta no trabalho de Santos e Isayama (2015), no qual buscam identificar conhecimentos empreendidos poricineiros da área do lazer, todos professores de Educação Física que trabalham no Programa Fica Vivo!, e elucidar de que forma esses conhecimentos são organizados e incorporados durante seus percursos como profissionais. Através de entrevistas comicineiros e com o aporte de uma revisão de literatura, os autores realizaram uma análise de conteúdo para explorar o material.

Os autores contextualizam a importância de tal pesquisa pelo fato de que, nas ações voltadas à segurança pública, o lazer surge em diversas oportunidades como uma ferramenta para o combate a violência e criminalidade. Contudo, o estudo não aborda isso de maneira simplificada, mostrando a importância da reflexão sobre os saberes da formação do profissional de Educação Física que atua no campo do lazer, no sentido de apontar elementos que possam compor novos currículos de formação na área. Destacam ainda a necessidade de compreender o indivíduo e o contexto em que estão inseridos, para a formação do profissional.

Ao tratar desse contexto, Nogueira (2011), que em seu trabalho aborda o papel do esporte nas políticas públicas voltadas para a juventude e como a desigualdade social afeta essa parcela da população, sustenta a relevância disso ao afirmar que o Brasil tem um histórico de desigualdades sociais e de má distribuição de riquezas. Na sequência, ele destaca a necessidade de uma prática pedagógica voltada a trabalhar os diferentes significados sociais, problematizando o esporte e o utilizando como instrumento para melhoria das condições sociais, com uma concepção mais utilitarista do esporte.

Para problematizar essa concepção, durante todo o trabalho, através de um ensaio a respeito do esporte como ferramenta na constituição de políticas, o autor traz a discussão dos governantes com a ocupação do tempo livre para afastar os jovens

das drogas. Segundo o autor, essa visão é equivocada, pois de forma isolada o esporte não consegue atingir tal objetivo.

* * * *

Ao procurar compreender como os trabalhos que tratam de forma crítica a visão simplista da relação entre esporte e drogas desenvolveram o tema, pude perceber que, utilizando métodos de trabalho como pesquisa bibliográfica, ensaio, questionário, observações e entrevistas, os autores defendem que a relação causa e efeito parece ser utópica, visto que muitos fatores precisam ser levados em consideração, e que o resultado pode ser, inclusive, o inverso, com o esporte correlacionado ao uso de drogas, e que para evitar que os jovens entrem no mundo das drogas, seu contexto e os significados que ele atribuiu ao esporte precisam ser levados em consideração. A juventude e o tempo livre não podem ser tratados como um problema, sendo necessário mais diálogo e compreensão com os jovens e não apenas dos jovens.

1.1.3 Problematizações das políticas públicas utilitaristas e focalistas

A terceira questão de ancoragem dos trabalhos que identifiquei tem vínculo exatamente com a questão dos significados do esporte e das drogas na vida dos jovens, em especial daqueles que vivem em periferias. Notei um conjunto de trabalhos que problematizam a lógica utilitária e focalista atrelada ao discurso de políticas públicas de esporte e lazer para a população de baixa renda moradores de periferias, discursos esses que acentuam as diferenças e os preconceitos, ao invés de se orientarem para a garantia universalizada e democrática do esporte como direito social, tendo em vista aquilo que ele significa nos grupos sociais. Os estudos que trabalham com esse eixo, são apresentados através de uma breve uma síntese nos parágrafos abaixo.

Com essa problematização presente, Oliveira, Suassuna e Trompieri Filho (2013), ao relatarem os avanços do governo Lula no que tange aos direitos sociais para o lazer, destacaram a trajetória das políticas brasileiras favorecendo a participação cultural de uma minoria da população nas práticas corporais, tendo sido o acesso ao lazer pouco difundido para as classes menos favorecidas nos governos anteriores.

Instigados com a maneira como as políticas públicas dependem do interesse do governo para continuarem ou serem extintas, os autores se propuseram a estudar de que maneira funciona o ingresso do programa Esporte na Comunidade na cidade de Fortaleza-CE. Para isso, utilizaram como parâmetro as diretrizes do programa e de que modo os atores envolvidos (gestores, professores, líderes comunitários, pais e alunos) percebem esse processo.

Através de um estudo de caso, com a participação de cinco comunidades-núcleos, realizaram um cruzando dos relatos dos atores sociais, através de entrevistas, com as informações documentais do Projeto e da Política Nacional do Esporte. Após as análises percebem que o programa tem um acesso limitado, com pouco material para dar conta dos núcleos, além de pouco orçamento, somente para pontuar algumas dificuldades. Completam destacando a necessidade de uma reestruturação visando ampliar e qualificar o programa, garantido o acesso da população ao lazer.

Em outro estudo, conduzido por Silveira (2013), o autor reforça o que foi defendido no trabalho anterior, porém a partir da lógica dos projetos sociais. Com uma pesquisa bibliográfica, traz um debate sobre como a sociedade nos dias atuais trata o direito social ao esporte e ao lazer, através de uma imersão em projetos sociais esportivos, tanto nas instituições privadas quando do terceiro setor, destacando que, devido as características neoliberais do Estado, não são ofertadas de forma satisfatória o acesso ao esporte e ao lazer, promovendo políticas focalistas e não universalistas.

Com essa lacuna deixada pelo Estado se tem um espaço em que outras instituições ofertem o esporte para comunidades específicas, atribuindo a ele funções como meio de superação para problemas sociais. Analisando de que forma o terceiro setor, as empresas e os diversos agentes trabalham com o esporte, o autor traz uma síntese, em que critica a forma como o Estado deixou de desempenhar seu papel como fomentador e garantidor do esporte e lazer a todos, permitindo que o mesmo seja ofertado de maneira utilitarista por outros organismos, garantido seu acesso a somente alguns grupos, em detrimento de outros, conforme seus interesses. O autor produz essa crítica ao concluir que o esporte acaba tendo importância apenas a reboque de outros problemas sociais.

Abordando também essa desresponsabilização do Estado, Pinto e Oliveira (2017), buscam em seu estudo compreender as Organizações Não Governamentais

(ONG's) e o discurso recorrente em relação aos jovens e crianças em situação considerada de vulnerabilidade. Esses autores analisam os *websites* de nove organizações, exercício esse que lhes possibilitou perceber que o foco das ações está concentrado nos jovens e adolescentes da região periférica dos centros urbanos, oferecendo atividades voltadas ao esporte.

Os autores consideram, com base nessas análises, que as ONGs dão maior importância as suas próprias ações e atividades do que os jovens, beneficiários dessas ações. A percepção dessas organizações acaba reforçando o discurso de que os jovens das regiões mais vulneráveis estão mais envolvidos com a criminalidade, falta de preceitos morais e éticos, e que o esporte deve ser uma ferramenta para controlar e educar os mesmos, considerando os jovens como problemas a serem resolvidos. Desse modo, em suas considerações finais, os autores alertam para a necessidade de questionarmos esses papéis atribuídos ao esporte, os jovens e as periferias, que reforçam preconceitos e mais prejudicam do que contribuem para a solução dos diversos problemas sociais.

Essa questão dos pré-conceitos está bastante marcada no estudo realizado por Rampazzo (2012). Trata-se de uma etnografia com praticantes de *skate* de Porto Alegre, realizada com observações e diários de campo, cujas experiências levaram o autor a desenvolver uma análise das teorias existentes sobre o lazer e os jovens, não tomando partido por essa ou aquela, mas utilizando-as como subsídios na condução do seu trabalho, visto que as mesmas não chegam a um consenso.

Em seu trabalho, o autor procurou compreender de que forma o *skate* estava relacionado com o dia a dia dos praticantes (família, estudos, trabalho), e em como conseguiam contemplar as diversas exigências, sejam elas profissionais ou pessoais. Durante essa trajetória, o autor perpassou temas como drogas, criminalidade, entre outros, mas decidiu não focar em tais assuntos, abordando aqueles que tinham mais relevância para seu objeto de estudo. Mas na sua análise sobre a presença e uso de maconha na pista de *skate* pode compreender que estava atrelada a distintos significados, conforme os grupos.

Essa questão – a respeito da importância do significado das práticas para a garantia de direitos sociais – foi abordada por Stigger e Thomassim (2013), através de um ensaio baseado numa pesquisa etnográfica. Nele, os autores questionam o modelo dominante em que os projetos sociais se integram ao padrão de ação social

existente, sendo considerados uma alternativa pelo próprio Estado, ao invés de apenas uma prática social que complemente a ação do estado.

Com tal modelo, o que se observa é a repetição de aparentes obviedades no que se refere ao esporte. Por esse motivo, o trabalho dos autores foi produzir algumas sínteses que facilitassem a compreensão e que dessem parâmetros para refletir sobre o tema, buscando sistematizar as diversas posições sobre os projetos sociais esportivos, problematizando as representações e relações que os vários indivíduos das classes ditas populares tem com os projetos, desconstruindo algumas noções que atribuem aspectos naturais ao esporte, e se baseando em resultados de inúmeros estudos, questionar a posição do esporte como de utilidade social para analisar seu significado cultural.

Nessa perspectiva, ao analisar o uso social do esporte, como meio de socialização dos jovens, os autores sugerem que ao invés de utilizar o esporte como algo útil, ou o meio para um fim, transformando os jovens, o esporte deve ser visto como um direito social e que necessita de mais políticas públicas para garantir o seu acesso a todas as populações.

* * * *

Ao verificar os trabalhos que tratam de problematizar sobre o uso das políticas públicas para o esporte de forma utilitarista e focalista, pude perceber que, através de estudo de caso, pesquisa bibliográfica, revisão de literatura, ensaio, etnografia e análise de *websites*, com o auxílio de técnicas e instrumentos como questionários, entrevistas, análise documental, diários de campo e observações, se estabelece uma crítica ao lugar/papel do Estado na garantia do esporte como direito social. Além das limitações objetivas existentes, da desresponsabilização em face de organismos do terceiro setor, dos discursos de criminalização das periferias pobres e dos jovens, as críticas incidem sobre a necessidade de olhar para o significado do esporte na vida daqueles que o vivenciam em políticas públicas e não apenas para sua utilidade.

A partir dos processos descritivos e analíticos dos 17 trabalhos encontrados, o que procurei descrever acima, cheguei à conclusão de que os estudos abordam a relação entre esporte, drogas e jovens (em torno dos 3 eixos de ancoragem destacados), mas não está em evidência a construção cotidiana, principalmente

quando se trata de responder a indagação na perspectiva de jovens no cotidiano de suas vidas, considerando suas narrativas das diferentes trajetórias e contextos de socialização.

1.2 As drogas e o esporte no cotidiano do pesquisador

Meu interesse sobre o estudo na perspectiva de jovens esportistas no cotidiano de suas vidas na cidade não é despropositado e não se justifica apenas pela lacuna de estudos no Grupo ou da revisão realizada. Afirmo isso porque percebo que as narrativas sobre esporte e drogas estão presentes em diversas esferas, como nos projetos esportivos sociais, nos *websites* de notícias, jornais e nas falas dos governantes. Por exemplo, no projeto WimBelemDon, projeto social que atende crianças carentes e em situação de risco social com atividades extracurriculares como oficinas de tênis, tem entre os seus objetivos fomentar a relação do esporte como formador de caráter e mecanismo de transformação social, como se verifica no excerto a seguir:

Através do ensino do tênis integrado à leitura e à complementação escolar, facilitar o desenvolvimento de habilidades e atitudes em crianças em situação de risco social que lhes permitam participar ativamente da sociedade brasileira. Promover a inclusão social de menores em situação de risco social por meio do tênis e atividades extra-escolares. Promover a inclusão social de crianças e adolescentes em situação de risco e/ou vulnerabilidade social, utilizando o esporte, a cultura e a educação como ferramentas de transformação social (WIMBELEMDON, 2016)².

Noutro caso, no Programa Social Futebol Clube, parceria entre o Sport Club Internacional e a Prefeitura de Porto Alegre, o papel do esporte como ocupação do tempo ocioso e de combate as drogas também é destacado:

A parceria feita com o Sport Club Internacional tornou possível que meninos da comunidade, com potencial técnico acima da média, fossem escolhidos para jogar. Foi um grande triunfo do programa, pois meninos que poderiam estar nas ruas, vulneráveis às consequências da ociosidade e até mesmo das drogas, mas tornaram-se futuros futebolistas. Os jogos amistosos que ocorreram durante o ano, tornaram-se uma forma de interagir com várias comunidades do núcleo que compõem o programa. (PREFEITURADEPOA, 20013)³.

² Disponível em: <https://www.wimbelemdon.com.br/sobre-o-projeto/o-que-e-o-projeto-wimbelemdon/>; Acesso em 03 ago. 2019.

³ Disponível em: http://www2.portoalegre.rs.gov.br/sme/default.php?p_secao=176; Acesso em 03 ago. 2019.

Ao realizar uma busca nos jornais locais sobre o esporte e as drogas é possível encontrar reportagens reproduzindo falas de que o esporte é um agente do combate as drogas. Em matéria do jornal Correio do Povo do dia 29 de novembro de 2018, o então futuro ministro Osmar Terra diz: "Vou propor ações usando muito o esporte e a cultura, em especial para a juventude, no que diz respeito ao combate e ao uso de drogas."(CORREIO DO POVO, 2018)⁴.

Em artigo publicado no site GaúchaZH, do dia 14 de janeiro de 2018, o texto traz diversas funções sociais do esporte, entre elas ocupação do tempo de forma saudável, afastamento das drogas, além de colocar nos jovens os mais variados valores, como se pode ler no texto a seguir:

O Brasil tem enorme potencial para adotar o esporte como instrumento de incentivo à formação de nossos jovens, que precisam com urgência de mais oportunidades. Ao ocupar o tempo com algo saudável e motivador, o esportista busca foco, fica longe das drogas, desenvolve a disciplina e o dever cívico e, ainda, trilha o tão desejado caminho da formação de lideranças mais qualificadas, algo que o país precisa muito para alcançar um desenvolvimento mais próspero. O esporte contribui em muito para competências essenciais em nosso tempo, como senso ético, integridade, autonomia para tomar decisões e capacidade de trabalhar de forma eficiente em equipe. Valores esses que tanto sentimos falta naqueles que nos representam (GAUCHAZH, 14/01/2018)⁵.

Em outra matéria veiculada no site GauchaZH, do dia 31 de agosto de 2013, no caderno Vida, com o título "As lições que o esporte dá", o texto afirma, sem citar de que forma chegou a essa conclusão, de que os que estudam sobre o esporte pensam da mesma maneira sobre o tema:

Fora essa revolução pessoal, existe a poderosa força de transformação social. Quem estuda o assunto é unânime em afirmar que criamos uma sociedade melhor, mais justa e mais saudável quando fortalecemos esse pilar, já que com o esporte vem a inclusão, a fuga das drogas e da criminalidade, o resgate da cidadania. (GAUCHAZH, 31/08/2013)⁶.

Em 2017, acompanhando debates na Câmara Municipal de Vereadores de Porto Alegre, sobre a reestruturação administrativa apresentada pelo prefeito eleito, especificamente a proposta de extinção da Secretaria Municipal de Esporte, Recreação em Lazer (SME), eu também notava o quanto o discurso que colocava o esporte como lugar de salvação das drogas era importante para justificar a

⁴ Disponível em: <https://correiodopovo.com.br/Noticias/Pol%C3%ADtica/2018/11/667360/Osmar-Terra-diz-que-tera-carta-branca-para-questoes-sociais>; Acesso em 03 ago. 2019.

⁵ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniao/noticia/2018/01/daniel-randon-mais-esporte-e-menos-violencia-cjcf7gwst01bv01ph6jchxkd8.html>; Acesso em 03 ago. 2019.

⁶ Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia/2013/08/daniela-santarosa-as-licoes-que-o-esporte-da-4252650.html>; Acesso em 03 ago. 2019.

permanência da referida Secretaria e das Políticas Públicas. Trago alguns exemplos dessas manifestações.

No dia 02 de janeiro de 2017, na segunda sessão, o vereador Marcelo Sgarbossa (PT), falou:

E investir no esporte é não precisar investir em política de redução de danos ou de drogas, enfim, de tudo aquilo de ruim – o Ver. Tarciso sabe disso – que o esporte nos salva! Cria disciplina, cria comportamento de equipe, cria disciplina para enfrentar os desafios da vida, não é só uma Secretaria. Não é só uma Secretaria. Então, realmente, fica incompreensível. (CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES, 2017a, p. 91).

No dia 25 de maio de 2017, o então vereador, hoje Deputado Estadual, Doutor Thiago (DEM), falou na quadragésima sexta sessão:

Ver. João Bosco Vaz, V. Exa. falou da necessidade de votos, quero-lhe dizer que precisa apenas de mais 18 votos, porque o meu o senhor tem. Este não é um debate de governo e oposição; este não é um debate de quem é a favor do Executivo e contra o Executivo; não é um debate de quem é a favor do Marchezan ou contra o Marchezan. Este é um debate de visão de Cidade, de quem pensa na Cidade de forma mais global e encara o investimento no esporte, tanto na questão da convivência quanto na questão da retirada dos jovens das drogas, como uma questão de saúde pública. Há quem veja isso como supérfluo, que pode ser substituído por remédio, por antidepressivo, ou trabalhar a questão do craque de outra forma que não a inclusão. (CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES, 2017b, p. 185).

No dia 25 de maio, na mesma sessão, o então vereador, hoje Deputado Estadual, Rodrigo Maroni (PR), disse:

Agora, quem está aqui pedindo pelo esporte sabe que essa é a única alternativa que tem de exercício, de saúde, são nesses espaços públicos. E não só para a melhor idade, para os jovens, para os empregos que têm, vinculados a isso, e justamente para tirar muitas e muitas pessoas da criminalidade. Eu não tenho dúvida nenhuma, se dentro dos bairros da periferia de classe média de Porto Alegre não tivesse o esporte, vocês podem ter certeza – e aí o pessoal que é especialista em segurança pública pode ter os números exatos –, o tráfico que hoje toma conta de todas as cidades seria, no mínimo, quintuplicado. Porque, eu tenho certeza, de dez jovens que estão dentro de uma cancha de futebol, os dez estariam no tráfico de drogas. (CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES, 2017b, p. 190).

Na sexagésima quinta sessão, dia 12 de julho de 2017, o vereador Engenheiro Comassetto (PT), falou:

Quem não conhece aqui o programa feito pela Secretaria Municipal de Esporte Em cada Campo uma Escolinha, ou o programa Esporte Dá Samba, ou o Social Futebol Clube? Quantas crianças foram tiradas da drogadição por essas ações do Poder Público Municipal junto com a Educação através da Secretaria de Esportes? Agora vamos extinguir? (CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES, 2017c, p. 231).

O que estou procurando salientar ao trazer narrativas em projetos sociais, em veículos de comunicação de massa, em arena política (Câmara de Vereadores) é que parece haver um consenso bastante sólido a respeito do lugar do esporte na 'luta contra as drogas'. Vivenciei isso também no âmbito da minha graduação. Ao conversar com meus colegas do curso de Educação Física, grande parcela concordava com a visão de que o esporte liberta das drogas, sendo essa percepção muito forte na minha formação inicial.

Além disso, vivendo desde a infância em um bairro periférico da capital, convivo com aquilo que frequentemente denominamos como prós e contras de tal localização. Segundo o que se aprende muito rapidamente na vida cotidiana desse bairro, existem alguns pontos que carregam significados negativos, dentre os quais posso destacar serviços básicos escassos, saneamento deficitário, uso de 'drogas' nas praças, excessivas faltas de água e luz, ruas sem asfalto, ou algumas vezes, com um pouco de asfalto no meio dos buracos que vão se interligando e formando uma única e gigantesca cratera, resultado do descaso e ausência de manutenção, transporte público sujo, lotado, com poucos horários, somente para citar alguns.

Já os pontos que aprendemos a conferir significados positivos para compreender a vida naquela região, fazendo esquecer ou ao menos tornar menos desagradáveis os negativos, são os mais diversos, como a excelente arborização, diversas praças, a infinidade de opções para a prática de esportes e atividades de lazer, somente para enumerar alguns exemplos. Dentre as praças do bairro, existem opções que contemplam diversos públicos, como a praça com pista de skate, outra com duas quadras de futebol, e uma delas, equipada com uma quadra de basquete, que foi o principal local de observação nesse trabalho.

Entendendo que se trata de um bairro com muitas praças e opções para a prática de atividades ao ar livre, construí uma representação de que é comum encontrar crianças ou jovens praticando algum esporte ou atividade de lazer nas diversas praças do bairro. Desde minha adolescência, por volta dos 13, 14 anos de idade, passei a frequentar a quadra de basquete, primeiro jogando com os 'mandinhos', que são considerados aqueles juvenis, os menores, que não são páreos para os mais velhos da quadra, e que acabavam por dar arremessos ou jogar com seus pares no outro lado da quadra. Uma vez ou outra, eram convidados para jogar com os maiores, para fechar o trio, e se sujeitar as regras impostas pelos 'dinossauros

da quadra', ou 'idosos', na 'zoeção da galera', com suas marcações de faltas duvidosas ao não aceitar perder uma bola ou tomar um toco de um 'mandinho'.

Aos poucos, conforme eu ia crescendo e me aprimorando, acabava por fazer parte daquele grupo regular e, portanto, de uma rede de sociabilidade esportiva. Depois de mais de 20 anos jogando quase que todos os finais de semana naquela praça, hoje em dia sou um dos 'idosos' do grupo, tendo algumas vantagens, como aquelas faltas duvidosas a meu favor quando machucam 'meu ego' por perder um lance para algum garoto de 15 anos de idade.

Estando nesse lugar simbólico no grupo, desenvolvendo leituras sobre os trabalhos do GESEF/UFRGS e a própria pesquisa bibliográfica mencionada acima, fui instigado a estranhar e problematizar os discursos de que o esporte 'combate', 'afasta', 'tira' das drogas. Esses estranhamentos passaram por revisitar (no tempo presente, impactado pelos estudos e reflexões) memórias sobre algumas histórias e experiências da minha juventude esportiva. Lembrando de quando os compromissos da vida adulta ainda eram muito mais flexíveis e, em diversas vezes, inexistentes, era corriqueiro jogos na quadra de basquete durante toda a semana, às vezes até próximo à meia noite no período de verão, inclusive gerando reclamações dos moradores das proximidades da praça pelo barulho da bola batendo na tabela e atrapalhando seus descansos noturnos, ou tão somente a apreciação de alguma programação televisiva.

Em uma dessas noites de semana, passada das 22 horas, quando quase todos os jogadores já tinham ido para suas casas, com exceção de três, eu, Victor e Menon, um dos irmãos gêmeos que jogavam com nosso grupo a menos de um ano, com aproximadamente 16 anos de idade, e que me chamou para um mano a mano. Eu, na casa dos 24 anos de idade, em uma das minhas melhores fases física e técnica, investido de uma arrogância que as vezes me era particular (e que em algumas vezes, ainda é), disse que aceitava, mas que o perdedor iria correr de cuecas até o centro do bairro, em uma clara intenção de caçoar do garoto, e com a certeza de que venceria facilmente. Ele, ferido em seu orgulho, aceitou prontamente. Não sei dizer se por meu cansaço depois de horas de jogo (na época jogávamos 3, 4 horas seguidas), se por minha arrogância, ou pelo desafio imposto, e ferido em seu orgulho, o garoto me ganhou por uma cesta, depois de estar perdendo por uma margem alta no início. No final do jogo, eu irritado e meu colega apavorado porque eu tinha perdido, olho para Menon, e ele me diz: "Bom, aposta é aposta, mas não vou ser sacana contigo, me paga uma coca 2l (refrigerante *Coca-Cola*®) no próximo 'findi' que tá tudo ok". Depois

disso, ele foi embora se rindo, enquanto eu fui me sentindo um derrotado, tentando justificar por mil motivos porque tinha perdido.

Mas essa história não teria a menor importância, não seria nada mais que um jovem cheio de si ferido em seu orgulho como tantos outros, se não fosse o fato de que nunca tive a oportunidade de pagar aquela aposta. Menon e seu irmão estavam envolvidos com drogas e tráfico, e naquele fim de semana, saindo de um comércio a pouco mais de 150 metros de sua casa, Menon foi surpreendido por um rival que lhe desferiu diversas facadas na região do estômago. Ele, desorientado e assustado, correu em direção a sua casa, mas caiu pouco mais de 20 metros à frente, enquanto seu irmão vinha ao seu encontro. Nunca soube se o seu irmão realmente o encontrou e amparou ainda com vida nos braços, ou se ele já caiu sem vida naquele momento.

Isso abalou a todos do grupo de basquetebol e, revisitar essa lembrança, me levou a questionar, depois de tanto escutar que o esporte salva os jovens das drogas. Nesse caso, não salvou. Com a história narrada acima encerrada de forma tão violenta e abrupta, eu não posso responder se o esporte – o basquetebol, no caso – teve algum impacto em sua relação com as drogas, não no sentido de salvação. Mas outra questão é certa, a morte de Menon, colega de basquetebol, impactou no grupo, isto é, teve significado. É precisamente essa produção de significados no grupo que me instigou a desenvolver a presente pesquisa, na expectativa de colaborar com a produção de conhecimentos que eu acessei e procurei analisar na seção anterior.

1.3 Questões e objetivos

Ao invés de passar a me questionar se, como ou quando o esporte salva das drogas (tendo em vista, por exemplo, a narrativa sobre a morte do Menon) passei a me orientar por outras duas questões: qual o significado dessa relação entre esporte, drogas e juventude para jogadores de basquetebol num bairro de periferia de Porto Alegre? Como esses jogadores de basquetebol, da periferia de Porto Alegre, narram suas lembranças sobre a relação entre esporte e drogas?

Com essas interrogações, diferente da expectativa de estudar pessoas jogando e fazendo uso de drogas, inspirado no relato que trouxe, passei a ter como meu objetivo de pesquisa **analisar narrativas de jogadores de basquetebol de um bairro de periferia de Porto Alegre sobre os significados de viver sociabilidades esportivas urbanas (um grupo) e as relações disso com a questão das drogas e**

juventude. É através de relatos de vida desses jogadores-cidadinos apreendidos em suas narrativas que produzi interpretações – essas baseadas num estudo etnográfico – acerca de formas de viver sociabilidades esportivas e interações nos ritmos da vida cotidiana, tendo como questão central as drogas.

Esse objetivo geral me levou ao desenvolvimento de dois mais específicos em que pese a construção da pesquisa e das análises:

- Descrever a constituição do grupo de basquetebol num bairro de periferia como um fenômeno social narrado por personagens protagonistas, buscando compreender, a partir disso, significados da sociabilidade esportiva urbana;
- Analisar e interpretar narrativas de jogadores de basquetebol a respeito das relações entre as experiências de sociabilidade esportiva no grupo de basquetebol e questões ou dramas relacionados às drogas e à juventude, que configuram o cotidiano citadino de periferia.

Para atender esses objetivos realizei uma etnografia da duração, isto é, uma perspectiva de estudo das narrativas dos habitantes das grandes cidades sobre seus territórios de vida em que constroem sentido de identidade em seus deslocamentos e pertencas (ROCHA; ECKERT, 2010). Cada um dos objetivos específicos pontuados acima deu origem a um capítulo (3 e 4).

2 ETNOGRAFIA DA DURAÇÃO

Esta pesquisa foi realizada com base numa experiência etnográfica produzida num grupo de jogadores de basquetebol, do qual eu faço parte, que se reúne numa Praça de um bairro de periferia da cidade de Porto Alegre há duas décadas. Se tradicionalmente a etnografia era utilizada somente para compreender e estudar comunidades e grupos sociais estranhos ao pesquisador, ela passou a ser também utilizada para estudar o que é familiar ao pesquisador, o seu contexto social. Conforme Velho (1978), fazer parte do grupo a ser estudado não significa que não exista um distanciamento simbólico entre os sujeitos, pois não temos a visão dos diferentes atores, e os significados de suas ações com aquele contexto, pois cada um dos olhares dos sujeitos está carregado com suas simbologias e emaranhados de sentidos com singularidades.

Segundo Eckert e Rocha (2008), para o desenvolvimento de uma experiência etnográfica num contexto urbano, torna-se necessário participar do cotidiano do sujeito observado, sempre atento as suas atitudes, variações e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade dos fenômenos sociais para além dos discursos legitimados por outros que não os próprios sujeitos. Nesse sentido, entre fevereiro de 2019 e março de 2020, foram desenvolvidas observações sistemáticas na rotina do grupo de jogadores de basquetebol, sobretudo no contexto de uma Praça e de uma Escola, locais onde ocorriam as partidas há algumas décadas.

Inicialmente, essa pesquisa etnográfica foi pensada na relação com o trabalho de Geertz (1989) e a noção de interpretação das culturas. A ideia era continuar a experiência de sociabilidade esportiva no grupo de basquetebol e, a partir disso, compreender aquele universo – teia de significados –, colocando em foco as relações entre esporte e drogas. Na linha desse autor, buscava uma descrição densa que procura tornar inteligível os significados das práticas e das relações, sendo o texto etnográfico uma interpretação de segunda a terceira mão da visão do ‘nativo’, sendo ele somente o dono da interpretação original, visto que somente ele faz parte daquele contexto estudado. Ou seja, a etnografia é uma construção da visão do Outro, praticamente uma ficção, algo produzido pelo olhar do pesquisador. Nas palavras do autor:

Os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão (por definição, somente um “nativo” faz uma interpretação em primeira mão: é a *sua* cultura). Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são ‘algo construído’, ‘algo modelado’ – o sentido original de *fictio* – não que sejam falsas, não-factuais ou apenas experimentos de pensamento. (GEERTZ, 1989, p.11).

Contudo, durante o desenvolvimento desse trabalho, diversos interlocutores surgiram, alguns sempre presentes e acessíveis, outros mais difíceis de se acompanhar. Dessa forma, o estudo foi me conduzindo a acompanhar as trajetórias de alguns praticantes-chave do local, que tem sua história viva naquela quadra e naquele contexto social; alguns que são jogadores e usuários de drogas, outros que estão no grupo desde muito tempo, mas que sempre mantiveram um distanciamento das drogas. Ao contrário de estudos produzidos em laboratório, em que o maior número possível de variáveis pode ser controlado, ou minimizado em um ambiente propício, em um trabalho etnográfico que segue as trajetórias de diversos interlocutores, muitos imprevistos e surpresas podem ocorrer.

O que me levou a escrever o parágrafo acima? Durante minhas pesquisas de campo, acompanhava com apreensão o surgimento de um vírus que estava criando diversos problemas em território chinês, que parecia algo distante e que dificilmente traria consequências para o povo brasileiro, assim como foi com o vírus Ebola, que mesmo com todo seu poder destrutivo, acabou se mostrando restrito a algumas regiões. Enquanto realizada minhas observações e relatos dos frequentadores da quadra de basquete, via a cada dia o número de pessoas preocupadas com o Covid-19 aumentar, e à medida que ele avançava sobre a Europa, a iminência de que ele chegaria ao Brasil se tornava cada vez mais preocupante.

Quanto mais se noticiava o avanço da pandemia, mais os participantes de minha pesquisa iam se mantendo em suas casas, até que finalmente chegamos ao momento em que os governantes decretaram isolamento social. Sem a possibilidade de acompanhar as partidas e produzir mais anotações e diários de campo, já que os jogos não eram mais realizados, e sem uma previsão de que essa situação se resolvesse a curto ou médio prazo, a partir de março de 2020, outras formas de produzir material para a continuação do trabalho se fizeram necessárias. Diante das medidas de distanciamento social, aumentei o número de entrevistas e conversas com os interlocutores, algumas presencialmente (respeitando as regras de segurança

definidas pela OMS⁷ e autoridades sanitárias locais), quando o entrevistado estava por perto e tinha condições de me receber, quando eu podia lhe receber em algum local, ou em diversos casos, à distância, por aplicativos de conversas online como *Messenger*® ou *WhatsApp*®.

Esses ajustes necessários para a continuidade da pesquisa, seu refino na busca pelo melhor aprofundamento em torno do objetivo do estudo, vem ao encontro do que é exposto no trabalho de Peirano (2014), em que ela demonstra, de forma clara, que a etnografia pode ser considerada uma “bricolagem intelectual”:

Mas aprendemos, daquele momento em diante, que o “método etnográfico” implica a recusa a uma orientação definida previamente. O refinamento da disciplina, então, não acontece em um espaço virtual, abstrato e fechado. Ao contrário, a própria teoria se aprimora pelo constante confronto com dados novos, com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual. Todo antropólogo está, portanto, constantemente reinventando a antropologia; cada pesquisador, repensando a disciplina. E isto desde sempre: de Malinowski encontrando o kula entre os trobriandeses; Evans-Pritchard, a bruxaria entre os azande; Florestan, revendo a guerra tupinambá nos arquivos. Antropólogos hoje, assim como nossos antecessores, sempre tivemos/temos que conceber novas maneiras de pesquisar – o que alguns gostam de nominar “novos métodos etnográficos”. Métodos (etnográficos) podem e serão sempre novos, mas sua natureza, derivada de quem e do que se deseja examinar, é antiga. Somos todos inventores, inovadores. A antropologia é resultado de uma permanente recombinação intelectual. (PEIRANO, 2014, p.381)

Foi essa perspectiva de uma orientação prévia, essa permanente recombinação intelectual que me levou a fazer ‘a maior loucura’ que um mestrando pode fazer, na reta final de seu trabalho. Depois de muito tempo ‘brigando com a escrita’, com a forma como iria transformar as experiências do campo empírico para o texto etnográfico, quando tudo parecia caminhar para um trabalho com uma forma definida de escrita (numa perspectiva da descrição densa), com uma versão nesse molde enviada para a avaliação do orientador, percebi que faria mais sentido, na situação vivenciada e das condições e possibilidades existentes, outro modo de etnografar e de produzir o texto etnográfico a respeito do objetivo do estudo.

Envio, então, uma mensagem para o orientador jogando boa parte daquilo que estava em suas mãos para o alto, e sugerindo um novo texto, uma que fazia sentido para quem estava escrevendo, e faria também para quem fosse ler. Depois de um momento de angústia, em que pensei que meu orientador iria me acusar de ‘perder a sanidade mental’ ao tentar modificar o trabalho na reta final, e de uma resposta inicial

⁷ Organização Mundial de Saúde

que parecia corroborar com esse pensamento, por me questionar se pretendia abandonar a linha inicial da escrita etnográfica e seguindo mais para uma etnografia de duração, em que respondi que ‘sim’, com uma mistura de convicção e medo de um NÃO sonoro, ele me responde com um ‘gostei bastante da ideia’ e um *emoji* sorrindo (*smile*)!! Esse apoio demonstrado, me fez dormir com o trabalho nos ‘*trending topics*’⁸ do dia, e claro, a sonhar com ele, e mesmo no sonho, continuar desenvolvendo as tramas e narrativas dessa nova forma de produzir o conhecimento.

Depois de acordar de madrugada e sem conseguir mais dormir, ansioso por escrever, começo a produzir esse ‘novo trabalho’. As ideias e frases vão surgindo com mais fluidez, acompanhadas dos primeiros raios de sol do dia que chega em minha janela do quarto. Sendo assim, os parágrafos que apresento nos capítulos seguintes, esses centrados nas narrativas dos interlocutores, suas histórias e experiências, trazendo as relações entre esporte e drogas, não busca encontrar verdades absolutas, mas apresentar essas interpretações que vão se desenvolvendo no espaço-tempo urbano, expressando tensões, convergências, disputas, intrigas dramas e tramas, e como elas são verossimilhantes e conferem sentido e significado ao ‘grupo’, ao ‘esporte’ e às ‘drogas’.

Com essa premissa, a etnografia de duração se mostrou uma forma de tomar as narrativas dos jogadores como objeto de estudo, pois possibilitou que os interlocutores assumissem um papel ainda maior, de destaque nas ‘novas condições’ de investigação vivenciadas, fazendo isso revisitando seu passado, trazendo sua história através da oralidade até o etnógrafo, que a transcreve em uma narrativa acadêmica, o que não deixa de ser uma ação de transcriar (ROCHA; ECKERT, 2011).

Sobre a etnografia de duração, Eckert e Rocha pontuam:

Essa prática é oriunda do campo de conhecimento da antropologia, colocando em interface as especificidades temáticas da antropologia dita urbana, antropologia dita visual e a antropologia dita do imaginário. Neste entrelaçamento de linhas de pesquisa, nosso projeto epistemológico tem por orientação a tese da dialética da duração definida pelo saber bachelardiano que evoca, para o estudo da memória coletiva, o tratamento dos fenômenos da duração construídos como ritmos (ECKERT, ROCHA, 2010, p.126).

Na etnografia de duração, o etnógrafo e seus interlocutores passam por uma modificação ininterrupta, pois o exercício de ouvir acaba por produzir um constante deslocamento na compreensão e significação da identidade dos narradores, visto que

⁸ Fazendo alusão as redes sociais, quando se referem aos principais assuntos do momento.

a todo instante existe essa permeabilidade entre o 'eu narrador do presente' e o 'eu no instante do fato vivido', restando para o etnógrafo uma necessidade de reinterpretação/modulação entre esses dois 'eventos', transportando-os para o momento presente, exigindo uma forma de alteridade ímpar (ECKERT, ROCHA, 2010).

Ainda segundo as autoras, esse processo etnográfico tem como principal elemento a narrativa das experiências vividas pelo interlocutor, e contam com elementos intrigantes, e de certa forma, complexos, na medida em que exigem do etnógrafo uma escuta primorosa do tempo descrito pelo interlocutor, pois trabalha com um jogo de trocas em que o momento vivenciado passa por um duplo filtro, sendo transformado em narrativa, carregada de processos subjetivantes em que ele ressignifica aquele momento, agora com todo o contexto de sua trajetória de vida, trazendo novos sentidos, e em certo ponto, uma romantização daquele momento, e posteriormente, é processado pelo etnógrafo e transformado em escrita, agora com um olhar mais objetivante.

Nos parágrafos em que desenvolvem sua explanação sobre o tema, as autoras aprofundam ainda mais essa relação, como é possível constatar nesses fragmentos:

Para essa condição ser aceita, o contexto singular da pesquisa com a etnografia da duração precisa ser evidenciado. Neste caso, é somente por meio da dialética temporal contida no evento etnográfico, reinterpretado pelo contexto pela referência do saber antropológico, que se pode restaurar, por sua vez, o evento da memória narrada em sua significação. Colocar as experiências vividas em narrativa dá um movimento no tempo, da história vivida pelo habitante como anterioridade, tornada presente, agora pública pela narrativa a escuta do pesquisador. Logo, as experiências temporais narradas ao etnógrafo circulam entre as interpretações etnográficas como construções, no presente, dos tempos vividos e pensados por eles, dando reciprocidade ao deslocamento objetivo e subjetivo de ser-no-mundo, do antropólogo tanto quanto dos seus sujeitos da pesquisa (ECKERT, ROCHA, 2010, p.140).

Buscando contextualizar essa perspectiva da etnografia, apresento brevemente, nos parágrafos a seguir, alguns trabalhos que utilizaram a etnografia de duração em sua construção. O primeiro que menciono é dissertação de mestrado em Antropologia, realizada por Leandro Barbosa Santos (2016), em que ele se utiliza da etnografia de duração para, em suas próprias palavras, trazer um olhar etnográfico sobre os habitantes do bairro Guajuviras, situado na cidade de Canoas, no estado do Rio Grande do Sul. Trabalhando com as narrativas dos cidadãos daquele bairro, produz interpretações das formas de negociação dos habitantes locais. Diante do caráter inacabado do viver urbano, o destaque se encontra nas estruturas espaço temporais

que evidenciam o fenômeno da alteridade e da experiência humana com a cidade. O autor deu destaque a como esses habitantes se identificam reciprocamente, incluindo a perspectiva solidária local, revelando nas narrativas o traçado que transcende o tempo, conduzindo muitos dos modos de estabelecer vínculos no espaço. Uma de suas contribuições sobre a maneira como os fatos vividos são narrados pelos interlocutores é a seguinte:

O tempo só possui conteúdo na medida em que confere ao pensamento concretude diante dos acontecimentos. O principal meio no qual nossa memória se apoia não se encontra na história aprendida, mas na história vivenciada. Assim, não devemos perceber a narrativa enquanto uma sucessão dotada de cronologia, marcada por eventos e datas, mas caracterizá-la por tudo o que diferencia o período narrado em si, em relação a outros. As narrativas geralmente proporcionam imagens de arranjos incompletos, percebidos por diferentes experiências. O tempo é concebido como algo que se refere ao conjunto de seres, uma criação artificial, palpável somente através da soma combinada, entre múltiplos dados tomados por empréstimo das durações individuais (SANTOS, 2016, p.163).

Outro estudo, também uma dissertação de mestrado produzida por Lucas Graeff (2005), da Antropologia Social. Nessa investigação, o pesquisador acompanha as narrativas dos idosos que moram no Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre. Durante o período em que o autor se uniu a rotina dos idosos, escutou as suas histórias de vida, e todo o contexto narrativo que atribuía significado aos seus narradores, culminando com suas relações e reflexões acerca de suas trajetórias de vida até aquele momento presente, como é possível perceber nesse trecho:

A memória e o cotidiano imprimem uma temporalidade específica à experiência de envelhecer no asilo. Em cada lugar e momento, ritmos diferentes se impõem: eles estão intimamente relacionados às ocupações dos espaços sociais e às relações afetivas estabelecidas no presente, que servirão de apoio coletivo para a evocação das lembranças. As festas, os jogos, o lazer e a sociabilidade[...] são momentos de efervescência social, que extravasam os hábitos e rotinas diárias e enquadram socialmente a memória. Por essa razão, o acesso as diversas camadas de sentido da condição de envelhecer no asilo depende da participação nos ritmos sociais da instituição. A temporalidade do Asilo Padre Cacique foi uma chave interpretativa para compreender as minúcias do contexto asilar: as “táticas cotidianas”, que tangenciam as regras institucionais e tornam o asilo “habitável” (De Certeau, 1996); as várias práticas e saberes, constituídos durante a vida de cada velho e legitimados frente ao pesquisador através da narrativa, que explicam a apropriação de outros espaços sociais além da cama, do armário e da cadeira no refeitório; e a reinvenção de trajetórias sociais através da memória, espaço do fantástico (Eckert e Rocha, 2000c), possível justamente pela ruptura com as redes sociais anteriores à entrada no asilo. (GRAEFF, 2005, p.12)

Como é possível perceber nos trabalhos exemplificados, a etnografia de duração se vale de jogos de memória, que estão intimamente ligados ao imaginário

criador dos indivíduos, que atribuem significados ao descrever suas experiências de vida, moldados a partir de suas trajetórias, e que acabam por construir descrições singulares de suas vidas, um 'arranjo poético' de sua história (ECKERT; ROCHA, 2005).

Depois de esclarecer essa mudança de rumo da pesquisa e o que motivou a adotar essa linha investigativa-narrativa, agora foco no desenvolvimento dos interlocutores que fazem parte desse trabalho. A escolha dos interlocutores foi feita em face da proximidade construída ao longo dos anos no Grupo, mas também pela relevância de suas narrativas acerca da relação entre esporte e drogas. Devido ao fato de que tenho contato e proximidade com os praticantes, tive maior abertura para explorar e conversar sobre um tema tão delicado, como é o caso do uso de drogas. Essa proximidade foi um desafio e um exercício contínuo de realizar o trabalho com o estranhamento necessário, mas fundamental para que os interlocutores compartilhassem suas histórias e experiências.

Durante a pesquisa produzi 37 diários de campo e 9 entrevistas semiestruturadas norteadas pelos objetivos específicos da presente pesquisa. Até março de 2020 as experiências de campo foram mais constantes e, em face disso, grande parte dos diários de campo foi produzida nesse período (de fevereiro de 2019 a março de 2020). Depois disso, na nova realidade de pesquisa, as entrevistas na perspectiva das narrativas assumiram mais protagonismo.

No início da investigação fiz alguns diários de campos experimentais para me familiarizar com a escrita, ajustar o olhar, compreender como seria esse processo, e conversei com os interlocutores mais frequentes do local, explicando como seria realizada a coleta de dados, através de observação, questionários, fotografias, gravações de áudio e vídeo. Procurei sempre deixar claro que em nenhum momento colocaria dados que revelassem suas identidades, como fotos de rosto, de roupas que fossem personalizadas ou nome e localização precisa, para que tivessem a liberdade de se expressarem sem receio de que alguma coisa lhes trouxesse problemas, e que se em algum momento quisessem se retirar da pesquisa poderiam sair sem nenhum ônus ou impedimento.

Na pesquisa etnográfica, como sublinha Fonseca (2018), um ponto que merece ser destacado é o limiar entre proteger o anonimato do interlocutor e descaracterizar o mesmo a ponto de não ser possível reconhecê-lo, não no sentido de identificar seu nome, mas omitindo tantas informações que se torna impossível saber qual realidade

ou contexto sociológico o indivíduo está inserido. Como alerta essa autora, escrever sobre a realidade de outro de modo que se possa identificar seu contexto social sem expor o indivíduo é algo complicado, e nossos modelos de pesquisa não podem ser tidos como algo fechado, que traz consigo a realidade definitiva, mas sim uma simplificação grosseira da realidade.

3 UM GRUPO DE BASQUETE NA PERIFERIA DA CAPITAL

O que apresento neste capítulo é uma forma de perceber um grupo de basquetebol num bairro de periferia de Porto Alegre, fazendo isso com base no estudo sobre a memória esportiva urbana e de periferia, experimentada na forma de 'um grupo', sendo ele tomado como um fenômeno social narrado por personagens protagonistas na perspectiva da duração de instantes descontínuos que são evocados para orientar as experiências atuais.

As interpretações sobre a vida em um grupo de sociabilidade urbana marcada pela prática do basquetebol foram norteadas por dois agenciamentos de evocação, ou melhor, dois dramas esportivos específicos: o primeiro relacionado a construção de um lugar do grupo; o segundo a construção, manutenção e continuidade de modos de conviver.

3.1 Da Escola para a adoção da Praça

Situado em uma região bem afastada do centro da capital, o bairro da periferia da capital Porto Alegre onde a pesquisa foi realizada e a respeito do qual ela foi desenvolvida, conserva ares de uma cidadezinha do interior, como recorrentemente descrita pelos próprios moradores, com plantações e criações de animais como gado, diversas praças e áreas de natureza e para a prática de atividades ao ar livre.

Essa representação faz muito sentido nesse bairro periférico. Ali as pessoas tomam chimarrão na praça, conhecem todos pelo nome, se atualizam sobre as novidades do bairro na parada do ônibus ou tomando uma cerveja no bar em frente à praça central, que como muitas cidades interioranas, tem em seu entorno os principais serviços: Delegacia de polícia, igreja, farmácia, padaria, supermercado, barbearia, escola.

No entanto, com o aumento da criminalidade e do tráfico de drogas, presente em praticamente todos os locais do Brasil nos últimos anos (TAVARES, 2016), no bairro em questão não seria diferente. Sendo considerado pelos interlocutores da pesquisa um bairro tranquilo, com o crescimento da criminalidade os passeios ao ar livre no fim da tarde e as rodas de chimarrão começaram a terminar mais cedo,

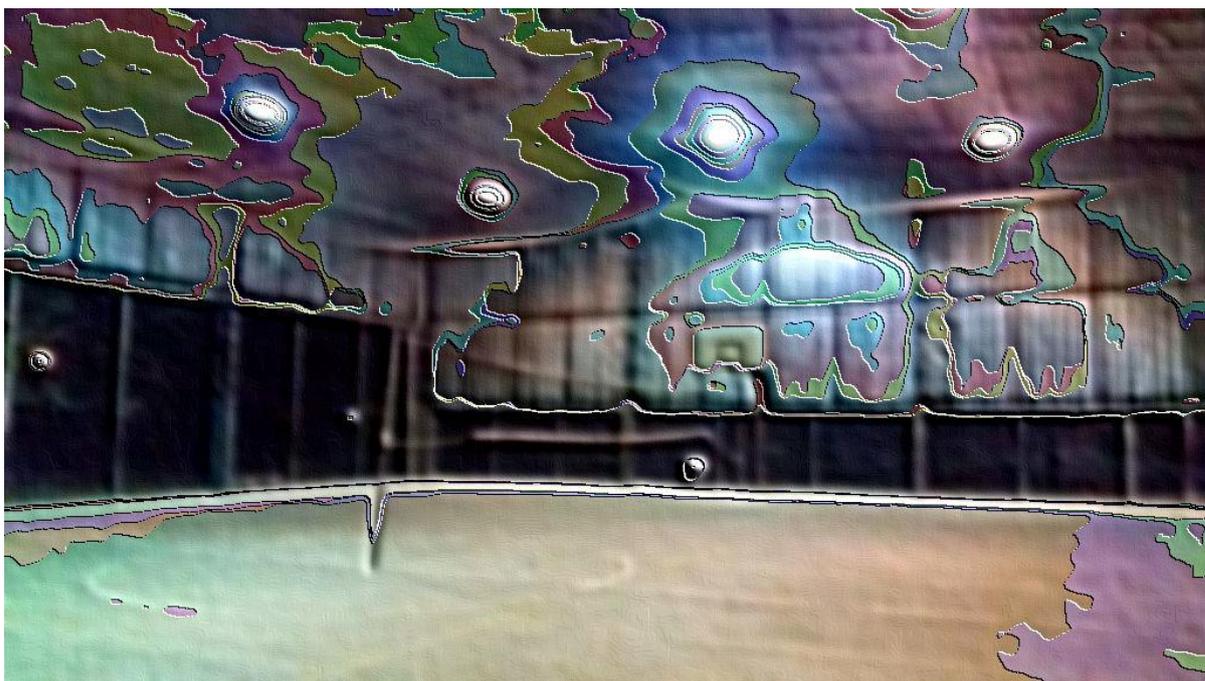
fazendo surgir mais relatos do medo que tomou conta de grande parcela dos moradores.

Morando no bairro desde o nascimento, acompanho as felicidades e agruras dos seus habitantes para desenvolver suas atividades, entre elas as esportivas. Nesse contexto urbano e a respeito da vida nele é que procuro descrever narrativas das experiências vividas (e transcriadas aqui, na forma de um texto etnográfico) por membros de um grupo que procura criar condições para a prática de basquetebol, especificamente para ter um lugar para jogar.

Apesar de tratar, nesta seção, do grupo, terei como uma espécie de ‘espinha narrativa’ os dados produzidos na relação e na entrevista com o personagem-narrador Wlamir, tanto por ele ser ‘o mais velho’, ‘o último dos antigos’ jogadores, como pela condição que ele assume de protagonismo, liderança, agregador, apaziguador, aquele reconhecido pelos demais como ‘o Prefeito’. A narrativa sobre o grupo é transcrita na relação com as minhas próprias narrativas das experiências vividas nos desafios urbanos de ter um lugar para jogar, afinal eu também sou considerado como um ‘dos antigos’.

A partir dessa explicação acerca das narrativas e dos narradores, pontuamos que as nossas lembranças sobre a origem do grupo – há quase 30 anos atrás – levam a uma relação com a Escola do Bairro, ocupada para a prática do basquetebol numa época em que a instituição de ensino não tinha gradeamento em sua totalidade, quando era possível frequentar à noite ou nos finais de semana para utilizar a quadra, ainda descoberta naquele tempo. A escola somente veio a ter um Ginásio de Esportes recentemente (2006), quando foi construída uma estrutura coberta para as aulas de Educação Física e outros eventos, como se pode verificar na imagem abaixo (Figura 2).

Figura 2 - A quadra coberta da escola



Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Até por volta de 1999, os jogos em sua maioria aconteciam nos finais de tarde, quando a quadra da Escola já estava desocupada, pois as turmas que estudavam à noite não tinham aulas de Educação Física nesse período, mas somente um dia da semana durante o dia. Já aos finais de semana, não tinha hora. Os jogos ocorriam e podiam ser notados desde o período da manhã até os mais avançados horários da noite, principalmente no verão. Durante esses jogos, já era possível perceber a proximidade de usuários de drogas com a quadra, como se pode perceber na narrativa do Wlamir:

No basquete, tu vê de tudo. Até no Colégio, quando a gente entrava pra jogar ali, ali era mais restrito, mas a gente sabia que os mais velhos que circulavam, um que outro tinham uma ligação, uma liberação com o uso da maconha, vamos dizer assim, entre aspas. E isso também, se vivencia desde aquele tempo até hoje, também com praticantes de skate, que também apareciam pra jogar, e às vezes eles não iam só chapados de maconha, às vezes iam de *tinner*, às vezes no Colégio tu parecia que via uns zumbis andando lá, que eles usavam *tinner*, então, era possível ver isso também. Então a droga tinha momentos que o camarada estava lá só pra fazer a diversão do jogo, mas também às vezes, entre um jogo e outro, fazer seu consumo, inclusive aconteceu de um, que a gente observou, que inclusive passou a ser vendedor também lá, traficar, não durou muito tempo, e depois sumiu. Às vezes a gente o vê no bairro, está meio fugido, mas ele ainda tem envolvimento [...]
(ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019).

Na época em que era ainda possível jogar na quadra nessa instituição de ensino (mais de 20 anos atrás), ela tinha muros em apenas 3 lados, o que possibilitava a apropriação por grupos de sociabilidade esportiva formados em relações não vinculadas ao universo escolar. Não havia um projeto ou programa da instituição de ensino para que isso ocorresse, mas também não havia proibição ou atos de repressão ou impedimento, criando a oportunidade inclusive para o grupo do basquetebol. A direção tinha conhecimento de que jogávamos nos fins de tarde e no fim de semana, e apenas pediam para cuidar

Contudo, esse cenário se altera com as mudanças do próprio bairro e com a ocorrência de arrombamentos e de furtos na Escola. Nas nossas lembranças e sensações da vida local habita a informação de que, com o aumento da violência e da criminalidade, nos últimos anos (essa narrativa é recorrente entre os membros do grupo, repleta de descrições de acontecimentos relacionados), o local acabou sendo totalmente fechado – com a construção do restante do muro – e passou a contar com um policial militar residente, que mora em uma casa em um anexo.

Depois de vários anos distante, com base numa articulação com a nova direção, no ano de 2019, tivemos novas oportunidades de jogar na quadra da Escola. A respeito da primeira vez que isso ocorreu, desenvolvi um diário de campo, do qual trago o excerto e a figura abaixo:

Naquela quinta feira de uma tarde meio cinzenta de maio, característico do Sul, quando o frio já está começando a fazer morada, a movimentação entre o grupo era maior e mais eufórica, pelo menos entre os mais velhos, os das antigas. Para os mais novos, na faixa dos 20 anos, aquilo não parecia ter muita diferença, mas para quem praticava o basquete há mais tempo do que os novatos tinham de idade, era um misto de ansiedade e saudosismo. **Depois de mais de duas décadas desde que tínhamos montado o grupo de basquete, na quadra daquela escola, pela primeira vez tínhamos acesso a mesma quadra onde tudo começou, onde os primeiros arremessos foram dados.** Wlamir, um dos mais velhos do grupo e que tinha feito o seu estágio docente em Educação Física na escola, era quem tinha costurado a liberação da quadra da escola para o grupo. Naquele tempo, quando o basquete era jogado naquele local, a escola não era cercada como nos dias atuais, era bem diferente de agora. Em um grupo heterogêneo, formado por jovens de diversas faixas etárias, desde os mandinhos de 12 anos até os tiosões de 30 anos, tínhamos um dos funcionários recém aprovado no concurso público para trabalhar na escola. Pois então, como o mundo dá voltas, aquele funcionário, que chegava pela primeira vez na escola, que rapidamente fez amizade com toda a comunidade do basquete, hoje é o diretor da escola. Foi ele quem abriu as portas da escola para que tivéssemos duas noites por semana a quadra disponível, e quem sabe até ele consiga, entre uma tarefa e outra do seu trabalho, dar uns arremessos com o pessoal. Como boa parte das escolas, a quadra tem especificações

modestas, com um piso de cimento queimado, sem buracos ou falhas que comprometam o jogo, marcações quase apagadas, e que são convencionadas antes do início dos jogos entre os participantes, com referências como a linha de três vale a partir dessa coluna ou algo semelhante, só para ilustrar. Coberta, daquelas estruturas metálicas vazadas em que o teto se estende até próximo ao chão, e tem um vão fechado por tela no espaço restante, com iluminação de boa qualidade (O diretor relata as dificuldades de se administrar uma escola com escassez de recursos, e o jogo de cintura para resolver os problemas, visto que a iluminação é composta por 9 grandes holofotes, e um deles está queimado, e que mesmo tempo a lâmpada para trocar, por se tratar de uma estrutura alta, em torno de 15 metros, é preciso de andaimes para tal, e que ele conseguiu um empresário local que tem um filho estudando na escola e que loca esse material e pode emprestar, mas que mesmo assim está correndo atrás de um veículo para transportar a estrutura, algo complicado), duas tabelas na altura oficial, o que deixa o grupo animado. Wlamir e Victor, que já tinham chegado antes ao local, conseguiram algumas vassouras para varrer a quadra e remover o excesso de areia acumulada, normal em quadras de cimento queimado, que se esfrelam com o uso. Tudo pronto para o início dos jogos, devido ao número elevado de participantes, ao invés da tradicional escolha dos times no arremesso, onde cada jogador que for acertando o lance livre vai para um dos lados, dessa vez se faz de um modo mais rápido, onde os dois primeiros a acertar irão escolher os times. Victor acerta o primeiro arremesso, e um dos jogadores que veio de outro bairro vizinho para participar do “evento” de estreia da quadra, também converte e irá ser o outro a escolher. Victor escolhe a mim, e ainda brinco que superei um trauma de infância na escola, pois pela primeira vez em mais de 30 anos tinha sido o primeiro a ser escolhido para uma equipe, contrastando com as últimas opções do passado. Sendo um dos mais experientes do grupo, ajudo a traçar uma estratégia, pois como não conhecemos uma boa parte dos novos jogadores, e devido a nossa maior idade, sabendo que iremos perder o gás antes dos mais novos, optamos por montar uma equipe mais alta, sabendo que teríamos maior rebote nas jogadas e com isso maior posse de bola e maiores chances de dar toco, o que se mostrou uma estratégia acertada, visto que no fim do jogo já não marcávamos homem-a-homem, marcação que é mais exigente fisicamente, e sim por zona, onde nos colocávamos em posições chave dentro da zona de três e garrafão, apenas esperando para bloquear o ataque adversário e pegar os rebotes defensivos (Figura 3). (DC. 16/05/2019).

Figura 3 - Um dos “games” na Escola



Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Durante muito tempo (entre meados até o final da década de 1990), relata Wlamir, a principal quadra utilizada era essa da Escola e, raramente se jogava na única praça do bairro com estrutura para o basquete. Essa Praça era preterida em relação a Escola por ser em um lugar mais afastado, longe da maior parte dos que jogavam na década de 90 e início dos anos 2000, em que a maioria não tinha meio próprio de transporte, ou no máximo uma ‘magrela’⁹. Além disso, a estrutura da Escola era melhor, com um piso mais íntegro, e era toda murada, o que evitava que a bola fosse parar na estrada, sendo atropelada por algum veículo, o que acontecia com frequência na quadra da praça, essa desprovida de proteção.

Em seu início, a quadra da Praça era utilizada exclusivamente para a prática do futsal, com a marcação pertinente a essa modalidade. Era feita de um piso de concreto já bastante danificado pela ação do tempo, não tendo qualquer tipo de cobertura ou gradeamento e nem mesmo goleiras. Posteriormente essa quadra foi sendo apropriada pelo grupo de basquete:

Ela a muitos anos atrás eu sei que ela era uma quadra só de futebol, mas o basquete, meio que foi, acho que a gurizada que viu que tinha a possibilidade de encaixar lá uma ligação pra fazer a tabela, e aí começou o basquete. Ela tinha uma iluminação, uma iluminação um pouco mais precária, mas existia, que era possível a noite, mas volta e meia, tinha que ligar pra prefeitura, pedir pra consertar, tinha um problema, as vezes não era possível fazer jogos que se tinha programado porque estava no escuro, então se jogava um pouco e

⁹ Apelido dado a bicicleta pelos interlocutores.

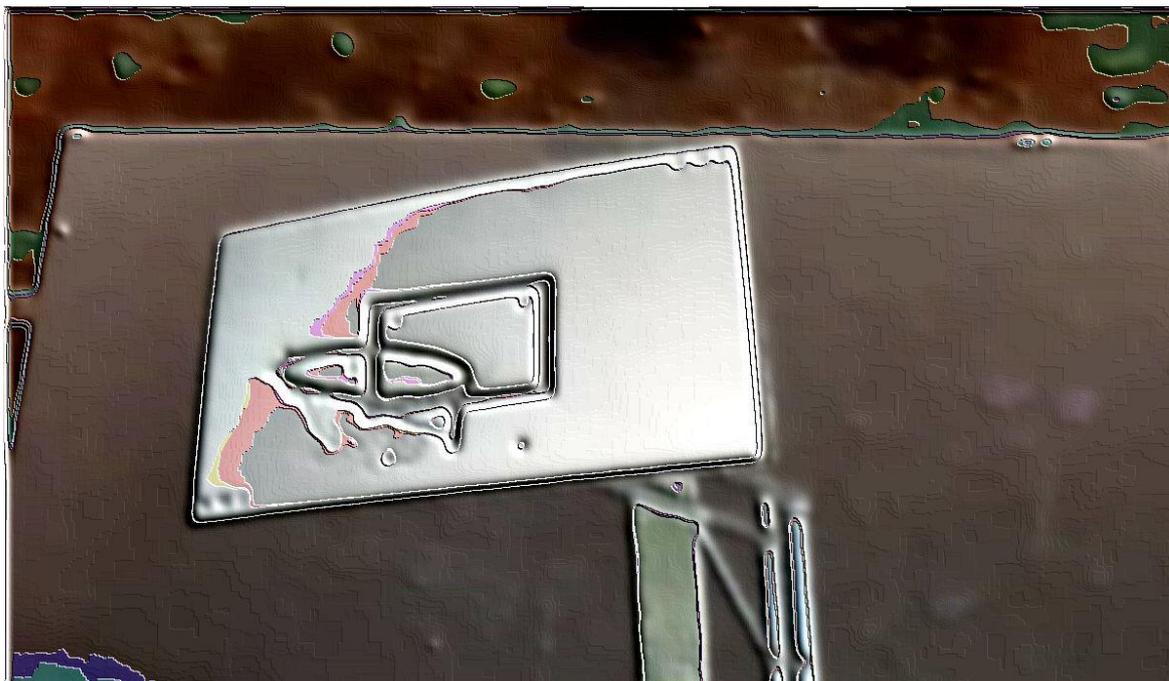
se desistia, porque não tinha condições de enxergar a bola. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019).

Essa precariedade se evidenciava quando o único poste com luminária da praça não ligava, devido ao mau contato que existia no sensor fotovoltaico. Depois de algum tempo, começamos a estudar essa estrutura e percebemos que o sensor ficava no poste do outro lado da rua e a fiação ia até o poste da Praça. Então, quando se percebia que estava escurecendo e a iluminação não estava acendendo conforme os postes mais afastados, um dos presentes era escalado para ir até o ‘poste do sensor’ e fazer com que ele ‘pegasse no tranco’, seja com uma balançada ou um chute mais forte até que as luzes estivessem acesas para delírio dos presentes, como recorda Wlamir.

A tabela pode ser utilizada como outro exemplo para demonstrar o quanto a estrutura era precária. No início não existia o poste de ‘suporte em L’ invertido para fixar a tabela, já que a quadra não contava com marcações atinentes ao basquetebol. Então, foi fabricada uma tabela de menos de um metro quadrado, isto é, menos da metade de uma tabela oficial. Um cano de ferro foi cravado no solo para manter essa pequena tabela em pé, com algumas travessas pregadas em um poste de madeira que ficava próximo a quadra, criando uma estrutura pouco estável, mas que permitia um jogo de basquete.

Isso ocorreu em uma época em que não era comum se registrar todos os momentos como hoje, pois não se tinham celulares com câmeras; uma foto tinha o custo de revelação. Por isso, não foi possível, até o fechamento da escrita, encontrar uma imagem daquela primeira tabela cujos esforços e estrutura habitam as memórias dos membros do grupo de ‘basqueteiros’, cujas narrativas ajudam a entender melhor. Na figura 4, está a primeira tabela oficial colocada na quadra pela então Secretaria Municipal de Esportes, Recreação e Lazer (SME), sendo possível visualizar as iniciais dessa ‘pasta’ do Governo Municipal na tabela, além de mostrar o poste em “L” invertido que sustenta a tabela, e que não existia antes. O poste de madeira muito próximo da quadra é o mesmo que foi usado como suporte para a primeira tabela – aquela menor – inicialmente colocada na quadra.

Figura 4 - A primeira tabela com medidas oficiais da quadra



Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Sobre a migração da quadra da Escola para essa quadra da Praça e sua adoção como lugar de referência do grupo, assim como os cuidados que se começaram a ter com ela, foram narrados por Wlamir da seguinte forma:

Teve um período que também a quadra da praça estava desativada, e ai por força da gurizada querer ter esse jogo no final de semana, e o Colégio também começar a ficar fechado, então migrou-se para essa quadra, porque os únicos lugares que nós temos no bairro para jogar praticamente são esses, era o colégio e a Praça. A Praça era muito bem vista, principalmente pros finais de semana de verão, porque ela tem uma aragem boa, ela vem um ar do Guaíba, então ela é refrescante, tu vê o movimento das pessoas passando na rua, e ela se tornou a quadra principal para a prática do esporte. E sempre, a própria força desse grupo, para manter ela em dia, para fazer manutenções, seja comprando uma tabela, procurando arrumar um aro, colocando uma redezinha nova, ou diferentes tipos que foram montadas prontas, ou que foram mandadas fazer, em serralheria, e o pessoal rachou essa redezinha. Hoje a gente conseguiu dar uma melhoradinha, ela tá com as iluminações todas, a praça em si tá toda bem iluminada, foi uma reivindicação minha, inclusive, com a prefeitura, de não deixar nenhum ponto cego, com escuridão, mas não consegui que aumentassem ainda, dentro da quadra, o que seria o ideal a noite para a prática de jogos. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019).

O grupo começou a se reunir regularmente na praça e se tornou mais coeso, com participantes fixos que sempre estavam jogando, uns passando na casa dos outros para chamar para o jogo, avisando quem encontravam na rua, o popular 'boca

a boca¹⁰. E, com o avanço da tecnologia, esse coletivo foi se adaptando. Primeiro com os que tinham um telefone fixo ligando para combinar o encontro, às vezes até para o telefone público. O próximo salto tecnológico possibilitou que alguns tivessem um telefone celular, em uma época em que se mandava SMS (mensagem de texto), pois se considerava que a chamada de voz era muito cara. A internet ainda não tinha a escala de conectividade em que vivemos atualmente. No ano de 2014 foi criado, pelo Victor, um grupo no aplicativo de mensagens instantâneas *WhatsApp*®, com o nome fazendo um trocadilho, em alusão ao campeonato de basquete norte-americano (a *NBA*®¹¹). Com esse grupo criado no aplicativo já se sabia de forma aproximada o horário nos quais iriam acontecer os jogos; o pessoal passou a se comunicar com mais eficiência, tornando mais simples o processo de comunicação, como se percebe na fala de Wlamir:

Agora tem a comunicação para avisos no *WhatsApp*, então o pessoal já sabe o horário que um vai ir, que o outro vai ir, e já mais ou menos fica avisando que tá lá, para depois chegar também. Isso é uma coisa que ajudou um pouco também, essa coisa da tecnologia, evitando os desencontros e os deslocamentos desnecessários até a quadra, para depois não ter 'game'. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019).

O grupo no aplicativo inclusive se mostrou muito útil para debater sobre ações necessárias para que ocorra um jogo, possibilitando que se agilize o que for preciso, como se pode constatar no trecho do diário de campo abaixo:

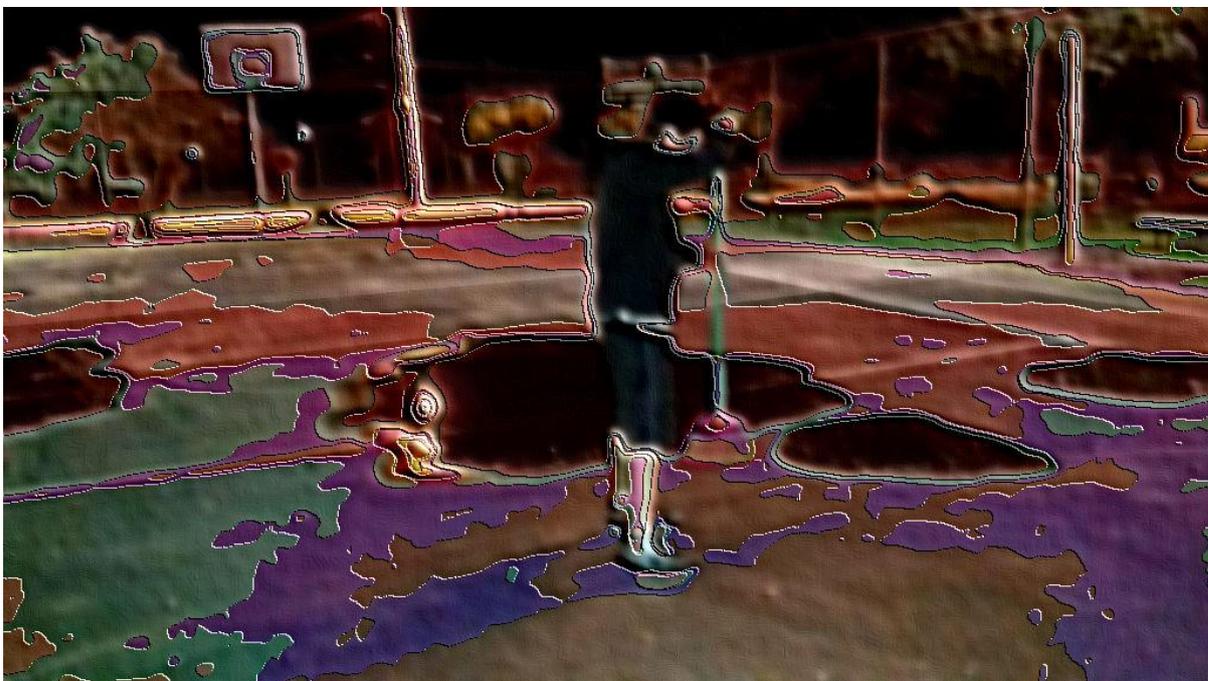
Início de tarde de sábado, ainda pegando um pedaço do inverno, quase começo de primavera, jogar basquete em quadra a céu aberto não é para qualquer um. Além do frio que congela o nariz e orelhas, receber uma bola forte é algo arriscadíssimo, pois um erro de trajetória pode resultar em uma bolada no nariz, e isso não é algo difícil de acontecer, pois com os dedos gelados o tato e o domínio não são dos melhores, e ao mesmo tempo que demorar a fechar as mãos para receber a bola pode resultar em um quase nocaute, fechar antes significa levar uma bolada nas pontas dos dedos, e a dor resultante do frio é maximizada. Outros fatores também são complicadores quando se joga no inverno, entre eles a janela de tempo com sol. Se no verão é possível jogar a noite toda com um clima inclusive mais agradável que quando se tem a luz do sol, no inverno depois que o sol se põe a temperatura cai vertiginosamente, tornando a prática quase impossível, o que leva a adiantar os jogos para horários entre as 15 e 17:30, horário em que a noite toma conta. Como entrave determinante para o jogo naquela tarde estava um último detalhe: a chuva que tinha caído durante a semana. A quadra tem pontos de desnivelamento que acabam por abrigar poças de água da chuva, e que compreendem quase 40% da extensão da quadra. Desse modo, para a se conseguir praticar com um mínimo de espaço, se torna

¹⁰ Comunicação passada adiante oralmente por que se encontrava pelo caminho.

¹¹ National Basketball Association, a liga profissional de basquete dos EUA.

necessário tirar a água empoçada. Pelo grupo de *whatsapp* começa o mutirão para verificar quem está disponível para ir mais cedo até a quadra, para 'se sacrificar pelo grupo', passando rodo buscando jogar para fora da quadra toda a água. Naquela tarde, Bira estava disponível, e se deslocou de sua casa a pé, com a bola de basquete na mochila e uma vassoura na mão. Fritz, que morava mais perto se comprometeu a levar mais um rodo para o mutirão de limpeza da quadra. Ao chegar no local já estávamos eu, Bira e Wlamir nos revezando na vassoura (Figura 5). Com a chegada do rodo a tarefa se desenrolava mais rapidamente. Enquanto isso, alguns mais afoitos já se aventuravam a arremessar, e quando perdiam o controle da bola ou faziam um arremesso ruim, a mesma acabava por encontrar umas das poças, molhando os que estavam trabalhando, resultando em sonoras vaias, e posteriormente, gargalhadas. (DC. 03/05/2019).

Figura 5 – Varrendo as poças para não prejudicar o jogo



Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Conforme narra Wlamir, depois de muitos anos a praça foi sendo adotada pelo 'grupo do basquete' como seu '*point*'¹² principal para jogos. E, com essa adoção, o grupo começou a cuidar para que o local estivesse em condições para a prática do basquete. Não por acaso sempre se abriam protocolos para solicitar o corte de grama da praça, a troca das lâmpadas, ou substituição do equipamento. Com a demora que se tinha para que 'o Estado'¹³ providenciasse essas reformas era comum que membros do grupo, vez ou outra, fizessem 'uma vaquinha' para comprar cimento e

¹² Termo advindo do idioma inglês, para designar 'Local'.

¹³ Termo nativo utilizado pelo grupo para se referir aos governos, em qualquer esfera, desde municipal até federal.

areia para tapar os buracos que iam surgindo na quadra de concreto bem deteriorada. E, conforme essa adoção da quadra foi se fortalecendo, foram se encontrando maneiras de contornar as dificuldades que ‘o descaso do Estado’ para com a quadra não prejudicasse a prática do esporte.

Isso ocorreu sobretudo pela iniciativa de Wlamir – que trabalha em uma repartição pública – e que acabou aprendendo como tornar mais eficiente as solicitações de manutenção, através da integração de diversos canais, como se pode constatar no relato a seguir:

Eu tenho alguns canais com o Ministério público, e a gente fez algumas construções. Voltando então, o MP, eu entrei no serviço público, na parte administrativa, em 2013, e uma vez eu estava conversando com um senhor que tinha muita experiência já na área pública, e com a dificuldade que eu tinha com protocolos, mesmo com muitas solicitações (Figura 6), não conseguia arrumar o piso da quadra, e ele disse não Wlamir, procura o MP do patrimônio, vai lá, ele deu o número da rua da Santana, que eles vão fazer um encaminhamento pra ti, via denúncia. Como a gente já estava um pouco na área digital, eu fiz um contato por telefone e perguntei eu posso abrir uma denúncia com vocês por e-mail, alguma coisa, eles disseram tu pode sim, tá aqui, me deram o e-mail direitinho, eu conferi no site deles, e fiz, remetendo o protocolo que eu já tinha, a sei lá, 8 anos, 10 anos com a prefeitura, e demonstrando que eles não tinham ajeitado o piso, e o piso já estava gerando lesão no pessoal por causa dos buracos, o nível do concreto que estava. Eu sei que a resposta do MP foi muito boa, eles receberam isso, acolheram, e assim, em coisa de 4 ou 5 meses, a prefeitura teve que fazer a atuação, então foi uma surpresa, agradável até, que fui numa reunião do conselho de segurança do bairro, e tinha até um vereador que a gente estava tentando, que era o Vereador Paulinho (Motorista), e marcamos com uma assessora dele pra conhecer o espaço, do jeito que estava, pra ver se via prefeitura também, porque é um trabalho dos vereadores, cobrar os trabalhos que são feitos dentro da prefeitura. E o dia que eu estava com ela, a coincidência foi legal, o dia que eu estava na quadra, de manhã, olhando o piso, tudo, encostaram os caminhões da prefeitura, e eu fiquei olhando pra eles, e vi que eles começaram a olhar muito pra tela e pra quadra, e aí eu fui perguntar pro rapaz, vocês vieram fazer uma faxina, uma limpeza... e o rapaz não, a gente veio substituir o piso. E com o que vocês vão substituir? Com asfalto. E é o asfalto que a gente tem utilizado até hoje, durou bastante. Agora já tá necessitando, já tem uns abaloamentos assim, já está na hora de ver se dá pra tentar fazer mais uma passagem de camada, de tirar um água, e depois de tempo a gente viu que algumas linhas começaram a ficar fracas, comprei uma tinta, a gente passou lá, depois Fritz fez uma reforma de uma das tabelas, e agora eu consegui verba pra fazer outra tabela, agora a gente tá só esperando os tempos do Fritz, que é ele que vai fazer a outra, e tem que pegar a camionete dele, comprar material e tudo, e depois compra e é ressarcido pelo conselho de segurança, que ele que faz essas atuações no bairro, pra tudo que é envolvimento que possa ajudar a comunidade, né? Eles levantam viaturas, tudo né. E também a gente tem um bom canal ainda com o Colégio, mesmo que tenha terminado o projeto do basquete lá, mas o diretor do colégio, no meu tempo lá, era monitor, e hoje ele é diretor, e ele abriu espaços, terças e quintas, para que nos dias de chuva o pessoal que queira jogar, tenha um espaço lá. Abriu um leque de lugares pra jogar. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019).

Figura 6 – Alguns dos inúmeros protocolos

Lista de Protocolos						
Protocolo	Abertura	Finalização	Solicitação	Situação	Anexos/Fotos	Notificação
[Redacted]	21/11/2018 11:47:40	-	SMOV/DIP - Luminária existente apagada	Em andamento	Visualizar Enviar	Visualizar Enviar
Endereço: [Redacted]						
Assunto: Três lâmpadas apagadas em uma luminária de quatro lâmpadas ao lado da quadra da praça [Redacted]						
Trâmites do Protocolo:						
Data	Descrição	Secretaria Atual	Resposta			
21/11/2018 11:47:40	Programação	SMOV				
[Redacted] +	24/08/2018 09:51:22	29/10/2018 13:19:45	SMOV/DIP - Luminária existente apagada	Concluído	Visualizar Enviar	Visualizar Enviar
[Redacted] +	01/05/2018 19:26:46	20/07/2018 13:34:32	SMOV/DIP - Luminária existente apagada	Concluído	Visualizar Enviar	Visualizar Enviar
[Redacted] +	30/04/2018 16:00:12	02/07/2018 14:41:41	SMOV/DCVU - Via pública - conservação	Concluído	Visualizar Enviar	Visualizar Enviar

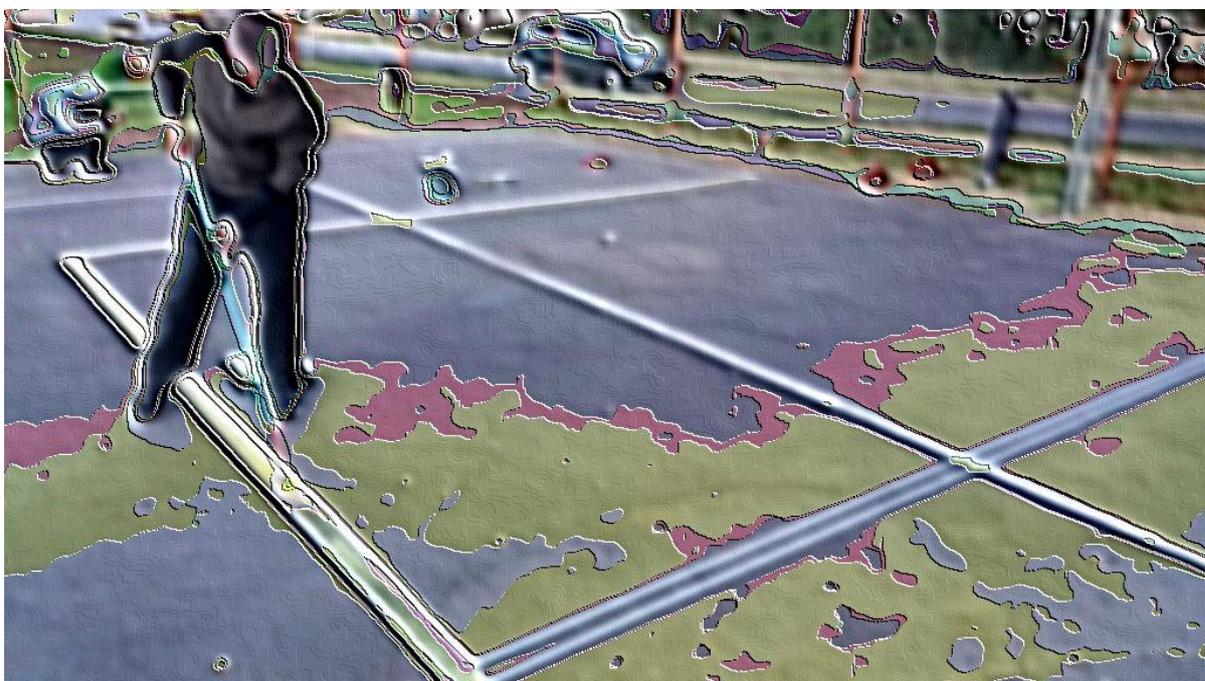
Fonte: Print compartilhado por Wlamir no Grupo

Aprendendo, conhecendo e mobilizando agentes e canais disponíveis para solicitar os serviços de manutenção, o grupo de basquete, com o protagonismo 'do Prefeito', atuou na construção de uma sensação de pertencimento com aquele lugar, o que se retraduzia num maior zelo e cuidado com aquele espaço e equipamento público de esporte e lazer. Nesse contexto, não raras as vezes, com a demora das respostas e o infundável número de ligações até que se tivesse o objetivo atendido, e algumas vezes parcialmente, o grupo começou a fazer melhorias por conta própria. Por exemplo, em um determinado período as linhas da quadra estavam gastas. O pisar constante nas linhas e a ação do tempo acabou por deixar cada vez mais fraca a marcação dos limites do jogo, principalmente as linhas do tiro livre, as linhas do garrafão e a linha de três pontos. Wlamir, nesse cenário, disponibilizou algum dinheiro e materiais que tinha em casa, a partir do que foi feito novo mutirão para a pintura das linhas da quadra, como se pode acompanhar na descrição a seguir:

Início da tarde de sábado, o grupo de *whatsapp* do basquete começa a trocar mensagens, programando para um jogo em breve, já que naquele dia o tempo está marcando que iria fazer sol, algo que não acontecia a dias. Pouco depois das 14:30, Wlamir manda uma mensagem, alertando o grupo de que provavelmente haveria uma 'missão' para o grupo, em caso de arrecadação de verba, iria pintar a marcação da quadra. De pronto, Paulista respondeu

que estaria à disposição, enquanto outros lamentavam a dificuldade em ir até a quadra naquele dia específico, deixando evidente que estavam com vontade de jogar, mas que não estavam conseguindo organizar o tempo disponível. Pouco antes das 16 horas, Wlamir está na quadra, e questiona se mais alguém já está vindo, com as respostas variando entre 5 minutos, 10 minutos, e alguns não vou conseguir ir, incluindo aí o Paulista, que tinha sido um dos primeiros a se candidatar, justificando que chegaria muito tarde. Conforme ia sendo feita a marcação, postagens eram feitas no grupo, gerando vivas e comentários dos analistas de plantão, como quando questionam porque o desenho do quadrado (figura 7), já que não tínhamos a regra do garrafão no grupo, gerando alguns risos, os elogios de alguns dizendo que Wlamir seria o próximo vereador do bairro, por fazer mais do que muitos que estavam nos cargos, e que nunca enxergavam o bairro, só na época de pedir votos. Um dos participantes rasga um elogio: Garrafão NBA né pai!! Mas já lança uma piada na sequência: Depois só falta a tabela, o piso, a iluminação e a cobertura. Depois de risos generalizados, o mesmo emenda que era mais fácil morrer e nascer nos EUA na próxima encarnação, e mais gargalhadas. O tempo passava, e Wlamir, Bira e Paulista seguiam na tarefa, enquanto uns pintavam e faziam as medidas e marcações, outro ajudava a secar a quadra, tirando as poças que ficaram da chuva do dia anterior, e que precisaria ser removida para que se fizesse a pintura do local. Mesmo sendo um dia frio de inverno em que o sol declinava perto das 18 horas, já era próximo das 21 horas e o trabalho continuava. (DC 08/06/2019).

Figura 7 – Pintando o “quadrado”

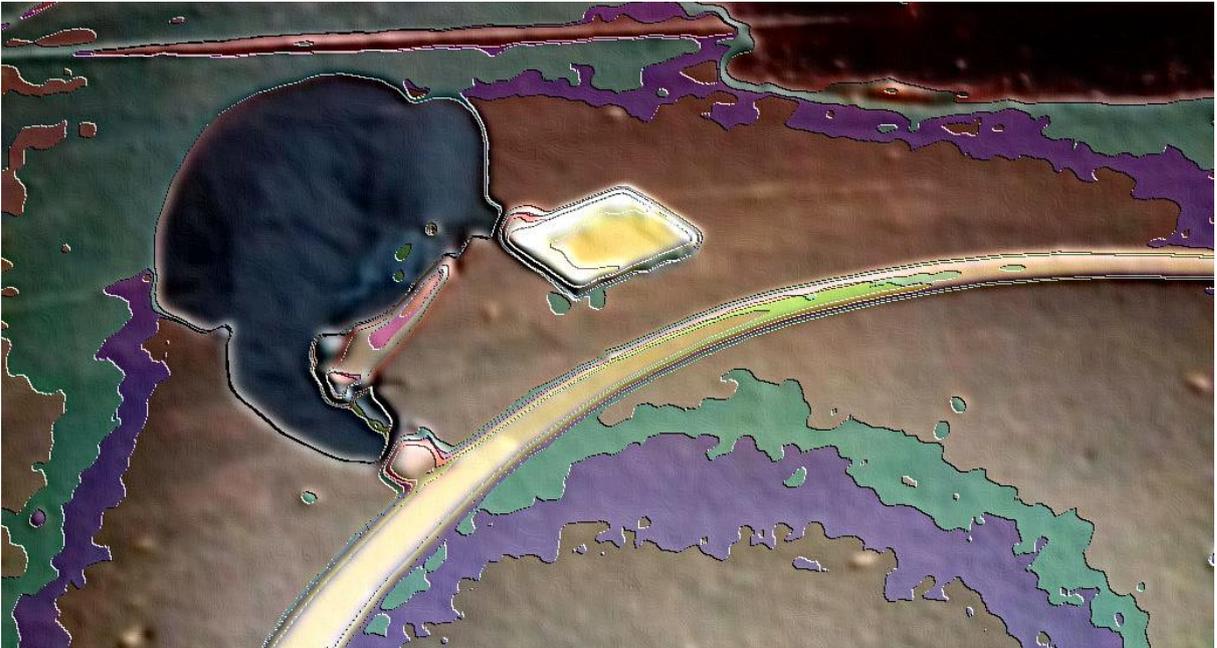


Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Após avançarem até próximo das 22 horas, com a noite já avançada (figuras 8 e 9), os voluntários receberam diversos elogios e dicas dos que estavam no grupo do *WhatsApp*. Alguns deles ressaltando o trabalho bem feito, melhor do que aqueles que a prefeitura tinha feito em algum momento. Wlamir destacou, após ser indagado se

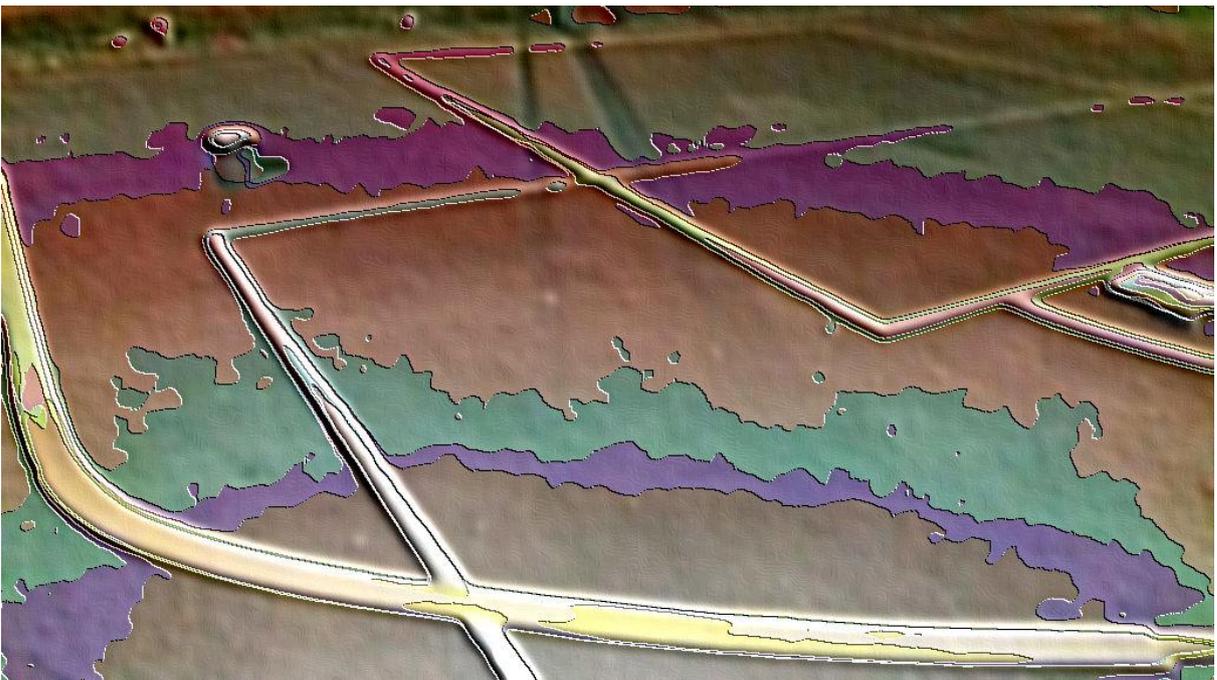
tinha feito os dois lados da quadra ou pintado a de vôlei, que muito ainda tinha que ser feito, e que iriam novamente continuar no domingo (figuras 10 a 11), para deixá-la pronta para o jogo da tarde.

Figura 8 – Uma das linhas recebendo pintura



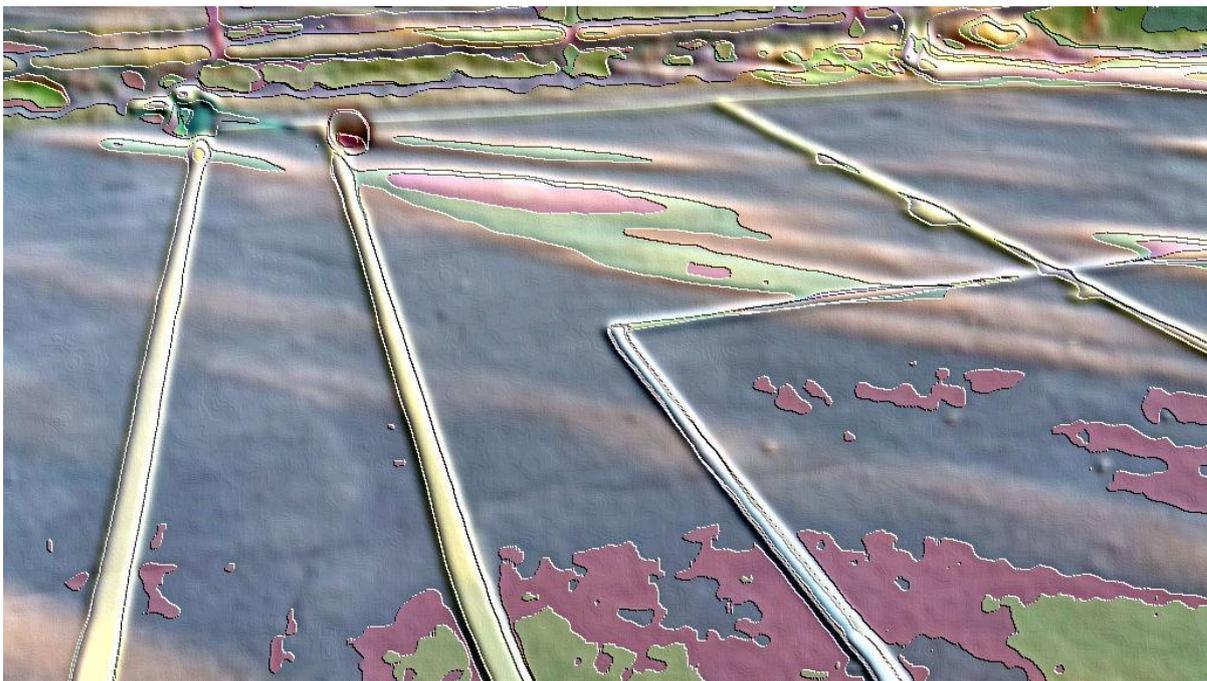
Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Figura 9 – Encerrando os trabalhos



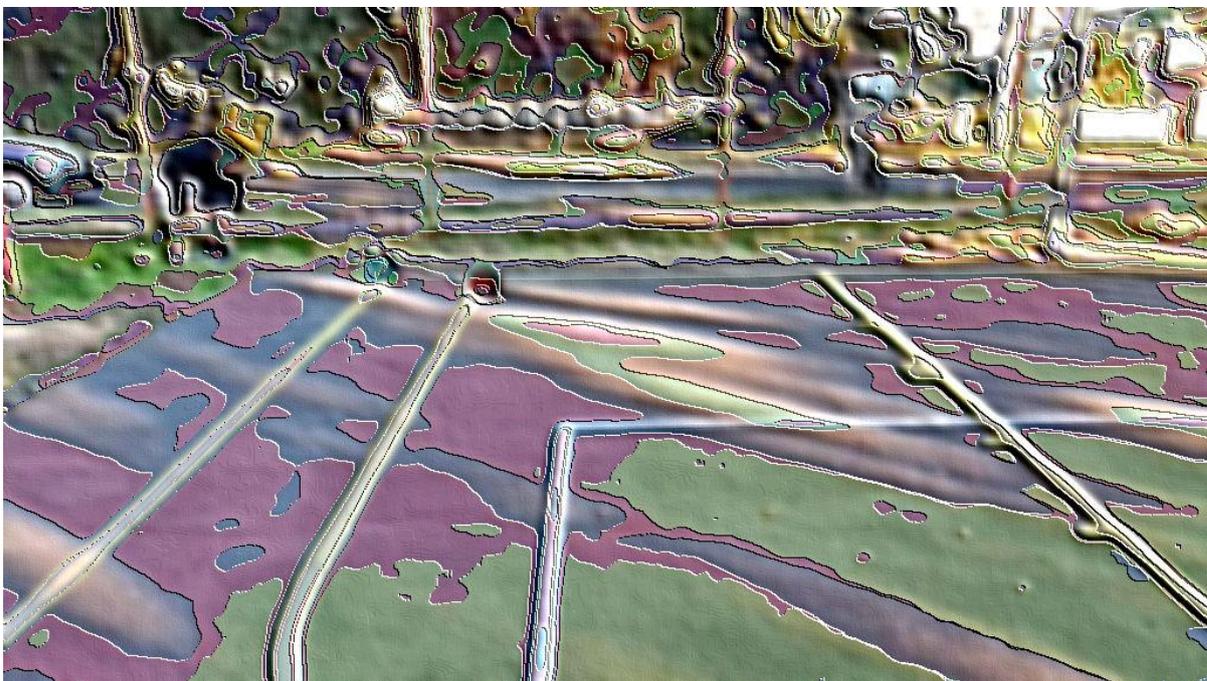
Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Figura 10 – Trabalhos de domingo



Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Figura 11 - Recolhendo o material depois de concluir a pintura



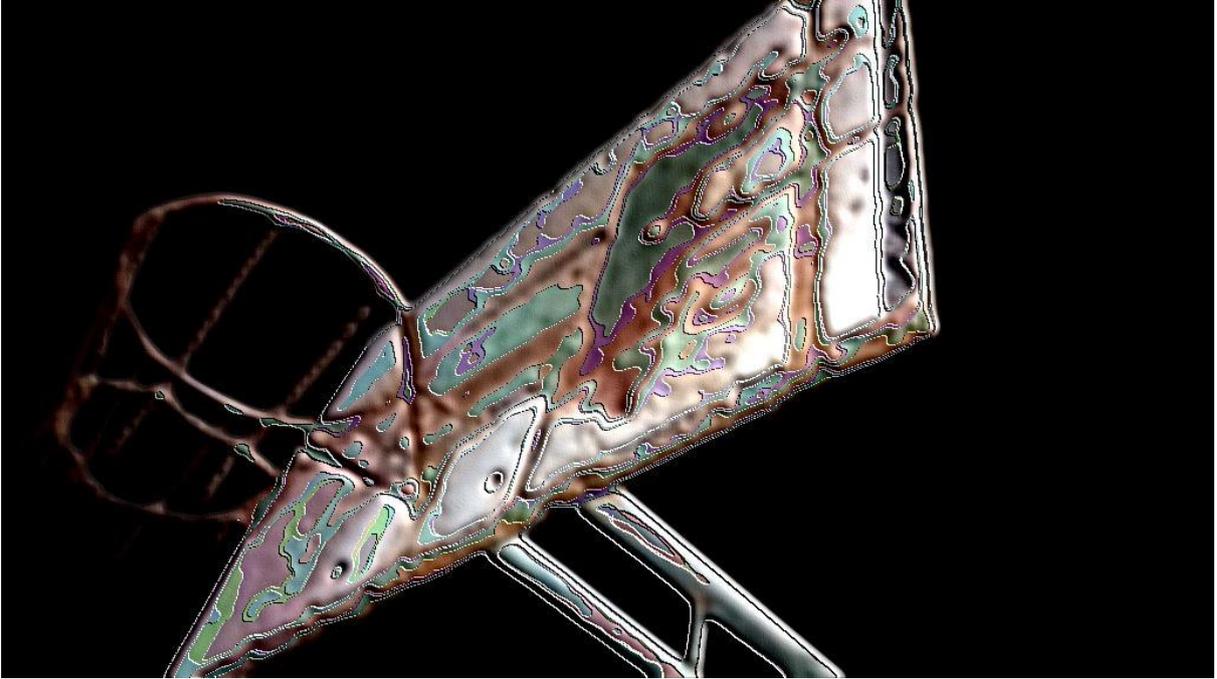
Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Outra situação narrada nessa linha de representar/sustentar a coesão do coletivo citado no relato acima é a troca de toda a tabela, com a confecção com

material adequado, e todo o processo envolvido em sua montagem no local, e que pode ser acompanhado no diário de campo a seguir:

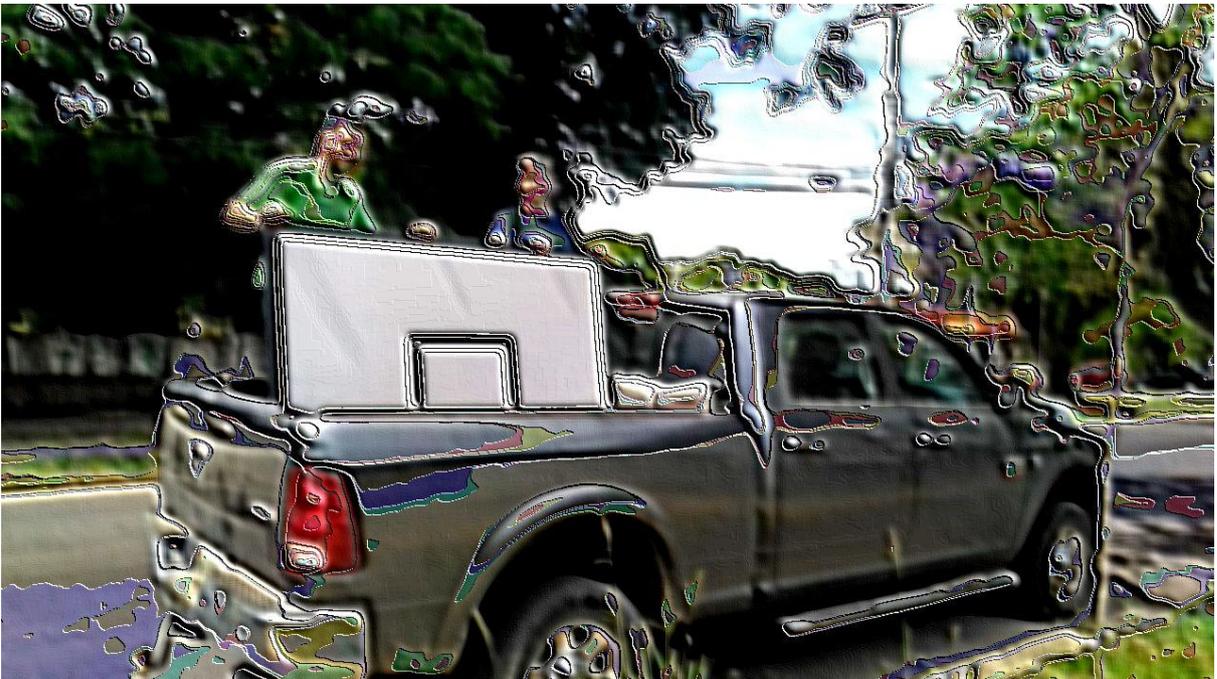
Após o esforço do Fritz, que correu atrás de material e bancou a verba para confecção da tabela nova, visto que a do lado esquerdo da quadra a muito tempo já não tinha mais aro, e a da direita já estava a um bom tempo com o aro torto, além da madeira bem comprometida, soltando lascas (figura 12) o que dificultava o bom aproveitamento de arremessos e causava efeitos totalmente erráticos na bola, nos juntamos para efetuar a troca em um sábado. Colocamos a tabela nova na camionete do pai do Fritz, pois apesar da proximidade da casa dele com a quadra, em torno de 100 metros, a mesma era muito pesada, tendo sido confeccionada com madeira naval, a mesma utilizada para cascos de barcos, por ser mais resistente as intempéries, garantindo maior durabilidade. Eu e Wlamir viemos em cima da camionete segurando a tabela até a quadra (figura 13). Lá chegando, os outros que se prontificaram a ajudar já estavam ansiosos à espera da nova tabela. Munidos de andaime, escadas, chaves de boca, alicates e todos os tipos de ferramentas e utensílios, começamos a operação de retirada da tabela antiga. Já preparados para o que iríamos encontrar, pois essa não era a primeira vez ao longo dos anos que fazíamos essa troca, já levamos serrinhas para ferro, pois os parafusos não mais tinham como serem desrosqueados, devido a ferrugem e erosão com a exposição ao clima. Enquanto um segurava o andaime, outros dois se mantinham encima, um serrava o parafuso e o outro afastava o aro para dar espaço para a serra entrar (Figura 14). Muito mais pela muvuca dos presentes do que pela ajuda, vários dos jogadores estavam por ali. Essa movimentação atípica reuniu alguns curiosos, inclusive um empresário local, que se comprometeu a ajudar na confecção da tabela do lado oposto. Após retirar a tabela antiga, devido a característica do poste que dá sustentação a tabela, que esconde o acesso ao parafuso que mantém o aro fixo embaixo (como se fosse um triangulo de ponta cabeça composto por 3 parafusos, e o de baixo não deixando o aro subir quando a bola bate nele), após várias medidas e cálculos, comparando as marcações e espaços de ambas as tabelas (figura 15), tivemos a ideia de colocar uma placa de metal envolvendo essa área para conseguir fixar dos lados e não deixar o aro em falso (figura 16), e depois de colocado, foi possível perceber que a ideia funcionou, e que o aro ficou muito bem fixado (Figura 17). (DC 09/12/2019).

Figura 12 – Último registro da tabela antiga



Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Figura 13 – O transporte da tabela nova



Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Figura 14 - A retirada da tabela antiga



Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Figura 15 – Fazendo as medidas e marcações para colocação da nova tabela



Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Figura 16 – Fixando a placa de sustentação do aro



Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Figura 17 - A tabela instalada e pronta para uso



Fonte: Acervo do próprio pesquisador

As imagens que evidenciam ‘linhas velhas’ e ‘linhas novas’, ‘tabelas velhas’ e ‘novas-oficiais’, mostram uma narrativa de mudança, de transformação da experiência

esportiva. A quadra da praça, que anteriormente contava com uma estrutura descrita como muito precária em relação a atual, feita de cimento cru cheia de buracos, o que aumentava o número de torções de tornozelo por parte dos praticantes, principalmente nas disputas de bola embaixo do aro. Depois da ‘preocupação’ e da ‘adoção’ conta com uma camada de asfalto, o que tornou a quadra mais segura e menos abrasiva, aumentando a vida útil de tênis e bolas, que não duravam quase nada outrora. Também não existia grade de proteção, e um arremesso errado, aliado a tabela diminuta, de menos de um metro quadrado, resultava em bola no meio da avenida, não sendo poucas as vezes em que a bola era atropelada por um carro ou ônibus, com desfecho trágico para o dono da bola.

Na próxima seção trato exatamente da experiência esportiva, não mais centrada na questão do lugar, mas da construção de modos de tornar-se e de ser esportivo.

3.2 Entrosando e renovando o pessoal do grupo

Antes que esse grupo se formasse como o conhecemos hoje, em sua disposição, outros jogadores ocupavam o espaço da quadra da Escola e da Praça para a prática do basquete. No entanto, não foi possível, através dos relatos e das entrevistas, saber se era um grupo organizado e se tinha dias certos de jogos ou participantes regulares.

Wlamir, um ‘dos antigos’, que fez a transição entre esses dois coletivos de praticantes, junto com seu amigo Shaq, narrou que começou a frequentar aos poucos a quadra da Escola, e, nos dias em que tinham os mais velhos jogando, participava do aquecimento, em que todos ficam arremessando e ‘pegando a mão do jogo’, ou seja, ‘sentindo a quadra’, ‘o peso’ e ‘o *grip*¹⁴ da bola’, ajustando a própria ‘pegada na bola’ e força empregada para arremessar de dois ou de três pontos, e todos interagem, antes de começar o jogo.

Levar a própria bola era algo considerado ‘natural’ no grupo, pois para evitar perder a caminhada e não ter ninguém jogando, muitos levavam a sua para a quadra. Depois de um aquecimento, algumas brincadeiras e simulações de situações de jogo, a melhor bola disponível era a escolhida para ‘o game’, e as demais eram deixadas

¹⁴ Vem do inglês, significa “pegada”. No basquete, é o quanto a bola está com aderência, não escorrega da mão, importante para que se tenha o devido controle das jogadas de drible, passe e arremesso.

do outro lado, afastadas da quadra de jogo para evitar um possível acidente no caso de alguém tentar recuperar uma bola difícil e ao pular no limite da quadra pisar em uma bola fora de jogo e se machucar.

Com essas bolas desprezadas pelos mais velhos, os menores se divertiam e jogavam afastados. Quando faltava alguém para completar um trio ou alguém se cansava/lesionava, um dos pequenos era convocado para fechar número de jogadores. As regras para esses convocados eram simples: ajudem na marcação, se recuperar uma bola passe para um mais velho, se receber um passe é para 'limpar a jogada' e passar para um mais velho, se tiver a chance de arremessar, passe para um mais velho. Com a vontade de jogar 'um jogo de verdade' com os maiores e depois contar vantagem quando voltassem para o outro lado da quadra, que era o que acontecia na maioria das vezes, até que fossem considerados preparados, segundo a avaliação dos mais antigos, para jogar partidas inteiras e inclusive disputar os trios nos lances livres, a maioria cedia as regras da quadra (regras essas criadas pelos mais velhos, é claro).

Após um momento mais generalizado, de aquecimento, de 'sentir a bola' e 'sentir a quadra', em que todos os praticantes estão juntos, normalmente ocorria a divisão dos trios para o jogo, sendo esse o momento em que os menores passavam para o outro lado da quadra, para não atrapalhar o 'jogo pegado', isto é, aquele jogo em que todos querem entrar para ganhar, deixando algumas vezes de lado a máxima de que o importante é competir.

Essa entrada no grupo dos que jogavam 'pra valer'¹⁵, não foi um processo curto, como relatou Wlamir:

Que eu comecei a jogar, que começamos assim, inserido no grupo, isso não foi assim, de imediato. Pode se dizer que levou alguns meses, até um ano, para isso acontecer, mas ali, com 5 ou 6 meses, a gente já estava se misturando com o grupo dos maiores ali, e já jogando, e isso iniciou lá a 27, 28 anos atrás, e ai claro, o grupo entrou e começou a participar mais efetivo com 2, 3 anos, 4, e a partir dali, já teve alguns dos antigos que já faziam outras coisas, por força de trabalho, ou se mudaram do bairro, e ai a gente acabou assumindo como o grupo principal, e isso se manteve por alguns anos, ai também outros foram embora, e sempre vieram novos para completar esse grupo.(ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019).

¹⁵ Tem o mesmo significado que 'jogo pegado', ou seja, o jogo bem disputado, em que ambos os lados não querem perder e se dedicam ao máximo para vencer.

Esse modo de se integrar ao grupo vigora e faz sentido até os dias atuais, quase como uma espécie de ‘peneira’ não oficial, pois aos poucos se vai conhecendo aqueles que têm condições, na percepção construída pelos membros do grupo, para participar dos jogos e não comprometer o equilíbrio das disputas, como se pode notar em uma das explicações ‘do Prefeito’ nos parágrafos mais abaixo, assim como ocorreu no meu caso específico e do meu vizinho. Nós íamos frequentemente até a Escola para jogar futebol, um jogo que chamávamos de ‘3 dentro 3 fora’, onde um jogador fica no gol e uma dupla tenta fazer 3 gols, enquanto o goleiro tenta dificultar para que a dupla jogue 3 bolas para fora, e desse modo saia do gol, do contrário, ele deve ficar mais uma rodada como goleiro, o tradicional ‘mofar’.

Enquanto jogávamos futebol, ficávamos de olho na quadra de basquete, observando o jogo, e, com vergonha de tentar arremessar sem técnica nenhuma, esperávamos para que os jogadores fossem embora. Nesse momento passávamos a tentar alguns arremessos com a bola de futebol mesmo ou, às vezes, chegávamos cedo e, quando ainda não tinha ninguém jogando, nos arriscávamos nos arremessos. Nesta situação, acontecia a chegada dos primeiros para jogar basquete e, enquanto aqueciam, um ou outro arremesso que batia na tabela e ia para nosso lado da quadra criava uma oportunidade. E, claro, antes de devolvermos, tentávamos um arremesso com a bola de basquete. Além disso, em diversas ocasiões nos convidavam para dar uns arremessos juntos enquanto aqueciam.

Com o tempo, esses arremessos já não esperavam mais convite. Começamos a nos inserir mais no grupo e logo passamos a integrar o time de ‘quebra-galhos’, este composto por aqueles que rondavam a quadra à espera de um convite para fechar o número de jogadores. Essa dinâmica de entrada no grupo, segundo ‘o Prefeito’, permanece como uma dinâmica que contribuiu e continua contribuindo para a renovação do coletivo e sua longevidade, de quase 30 anos de existência:

Exatamente, entra e aos pouquinhos vai pegando mais habilidade, se entrosando com o pessoal, e acaba que passa a fazer parte daquele grupo, e cria um ciclo de renovação, pois daqui um tempo, que nem agora, que somos, digamos, ‘os mais velhos’, e às vezes pegamos um ou outro menor que está jogando para dar uns arremessos juntos, e o cara vai entrando e renovando o grupo, o que tem feito com que ele dure tanto tempo. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019).

O entrosamento, o fazer parte do grupo implica em incorporar algumas normas e etiquetas próprias, que são diferentes dos demais lugares que jogamos, sejam elas

para o jogo quanto para a convivência. No que se refere ao jogo, em tempos anteriores ocorriam concessões, quebras de regras para aqueles que estavam começando a jogar pudessem se inserir, sem que houvesse uma interrupção a todo instante. Isso incidia sobre a dinâmica do jogo, ficando menos interessante em termos de competitividade, mas não afastava esses potenciais integrantes do grupo. Entretanto, com o tempo foram implementadas alterações que conferiam aos jogos maior competitividade e equilíbrio. Elas acabaram por ser incorporadas como espécies de 'regras oficiais' do grupo. Sobre essas diferenças, o relato a seguir as ilustra:

Eu acredito que se criou ao longo do tempo, algumas coisas particulares do jogo aqui, para ficar um pouco competitivo também, e por ter muita gente, por exemplo, linha de três pontos para atacar, mesmo que o outro time erre e não acerte em tabela nem aro, o outro tem que sair na linha de três pontos para poder atacar de novo, isso foi uma maneira de manter competitivo e dificultar um pouco, para não ser tão fácil assim também pro outro. Já lá no outro bairro, a bola não acertou no aro, não pegou nada, se tá com o adversário o adversário vai lá e faz a cesta direto, e assim, aqui a gente sempre faz até dez, lá dependendo, eles já fazem 12, se tiver menos gente vai a 16, se é um dos últimos jogos já vai a 16, aqui sempre é 10. A gente agora tá mudando um pouco a questão da bola presa, a bola presa vai, a gente puxa até alguém pegar a bola, e segue o baile. Lá faz que nem oficial, alguém joga a bola pra cima e tentavam os dois que estavam com a bola presa tentar pegar a bola. Já vi também vezes que uma hora um diz fica contigo, outro fica comigo, tá, tá, sabe, não tem também definido muito o que vão fazer com bola presa, parece que não tem uma coisa muito definida. Respeito também existe, que nem lá, existe aqui, pediu falta levou, mas me parece que o povo lá, eles são mais assim, até menos de se bater, eles se respeitam mais quanto ao contato físico mais forte, não sei se por nível de classe, o que que é. Jogam bem também, uma gurizada que busca os jogos, buscam em outros lugares, buscam a prática, eu me lembro que a gente teve também essa etapa, eu, Shag e Dennis e as vezes o Rosa, a gente ia na CECOPAN, na cavalhada, procurava ver se tinha jogo na Redenção, o Shaq ia jogar na Redenção, as vezes convidava eu aí, na Adventista na Otto Niemeyer, fazia alguns caminhos pra procurar outros lugares quando não tinha jogo aqui no bairro, ou quando queria jogar, procurava, ia em quadras, fomos no Marinha do Brasil pra praticar o esporte. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019)

As particularidades do jogo na quadra da praça, nesse grupo de basquetebol, são sentidas e se observa um respeito por parte dos integrantes. Isso vai sendo construído e aprendido independentemente 'de maneira igual para todos', como narra Wlamir:

Se um camarada vai as vezes, sem muito conhecimento da prática, e até fazendo de forma errada pro corpo, jogando até de pé descalço, então as vezes o camarada está tomando um banho no rio, não é do bairro, e aparece e quer jogar junto, e está de pé descalço. Então, lá no Colégio também, tinha um menino que ficava com o pé vivo porque, jogava de chinelo, ia do futebol, do chão de areia, e já vinha ali pra jogar e ficava jogando de pé descalço. Então, ali todos são iguais, os que tem poucas condições financeiras e o que tem de comprar tênis bom e roupinha de marca, está tudo igual, está tudo na mesma situação. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019)

Há um reconhecimento disso, mesmo por parte daqueles que vivem em locais onde a violência é mais acentuada, onde são corriqueiros os conflitos acabarem resolvidos com violência. Na quadra, narrou Wlamir:

Eu acho que como já tem um certo nível, do pessoal que joga, de educação, acredito que aqueles que vem de fora, analisam, já veem o contexto e mantem aquele contexto, já tem uma leitura de como funcionam as regras daquele jogo ali. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019)

Esse processo pedagógico do/no grupo é experimentado pelas pessoas em diferentes lugares simbólicos:

- ‘Os mais antigos’: são aqueles membros que têm mais tempo de participação no grupo (Wlamir, Canhoto, Fritz, Victor, Jathyr, Bispo), cujas manifestações são respeitadas pelos demais, não apenas pela maior competência tático-técnica, mas também pelo reconhecimento da trajetória e seus esforços cotidianos para se fazerem presentes com certa regularidade;
- ‘Os mais novos’: representam aqueles jogadores mais recentes e que têm demonstrado uma boa frequência de participação (Paulista, Mosquito, Brow, John, Will, Bira, Vitinho., James, Branco, Fofó, Alex, TL, Dighuinho, Felipão, Pandolfo, Marcos, Rody, Lucão, Tree, Fera, Doug), assim como têm colaborado na manutenção e respeito às ‘regras do grupo’;
- ‘Os mandinhos’ ou ‘menores’: aqueles considerados juvenis (por volta dos 13 e 14 anos de idade), que não são páreos para os mais velhos, mas que não arredam o pé. Ficam no entorno da quadra buscando oportunidades para manusear a bola, trocar passes e arremessar. Observam os demais dentro de quadra (‘os antigos’ e os ‘mais novos’ e apreendem os elementos necessários para que quando os convites surjam estejam prontos. Não raramente isso ocorre e, dessa forma, ‘os mandinhos’ vão se integrando;
 - ‘Os de passagem’: são aqueles que não integram esses lugares descritos acima, que estão nas proximidades da quadra por algum motivo e se interessam pelo jogo, solicitando a participação. Havendo a possibilidade, frequentemente pela necessidade de completar os times/trios, são incorporados, porém sempre com receio e maior cuidado em relação àqueles considerados ‘conhecidos’. A partir disso também podem se integrar como um ‘novo’ membro.

Desde minha adolescência, por volta dos 13, 14 anos de idade, passei a frequentar a quadra de basquete, primeiro jogando com os ‘mandinhos’. Uma vez ou outra, eu era convidado para jogar com ‘os maiores’, para fechar o trio, e me sujeitar

as regras impostas pelos ‘dinossauros da quadra’, ou ‘idosos’, na zoação¹⁶ da galera, com suas marcações de faltas duvidosas ao não aceitarem perder uma bola ou tomar um toco de um ‘mandinho’. Aos poucos, conforme eu ia crescendo e me aprimorando, acabei por fazer parte daquele grupo regular (me tornava um dos ‘mais novos’). Depois de mais de 20 anos jogando quase que todos os finais de semana naquela Praça, hoje em dia sou um dos ‘antigos’ do grupo, tendo algumas vantagens, como aquelas faltas duvidosas a meu favor quando machucam ‘meu ego’ por perder um lance para algum garoto de 15 anos de idade.

Com o tempo, conforme os mais velhos vão se retirando do jogo, seja por idade, trabalho ou a mudança do bairro (ou outro motivo qualquer), um grupo específico vai se formando e assumindo o protagonismo do basquetebol no bairro, em termos de organização e de continuidade do grupo. Esse protagonismo não necessariamente recai sobre ‘os mais velhos’, pois alguns dos ‘mais novos’, mesmo considerados recentes, demonstram engajamento nesse sentido de manutenção do grupo. Atualmente, por exemplo, esse protagonismo é ocupado por quatro ‘antigos’ (Wlamir, Fritz, Victor e Canhoto) e um ‘novo’ (Bira). Dessa forma, ocorre e tem ocorrido um processo de renovação que atravessa décadas, fazendo, inclusive que ‘amigos do game’¹⁷ se sintam pertencentes – a partir dos diferentes lugares simbólicos acima – ao grupo, como uma espécie de outra família, se considerarmos a dimensão de respeito e de cuidados uns com os outros.

Era comum ocorrerem conversas buscando ajudar um ou outro membro do grupo, como o que ocorreu junto a iniciativa privada, onde uma empresa de material esportivo participou de uma ação para oferecer assistência a alguns membros mais carentes do grupo. Como diversos jogadores são de baixa renda, ou estão em uma idade difícil para conseguir entrar ao universo de trabalho, ora pela pouca experiência, ora pela proximidade com o período de alistamento militar, é recorrente alguém estar jogando com o tênis inapropriado, com um solado ralo, que não protege do impacto, ou sem o cano projetado para envolver o tornozelo, o que ocasiona torções, muitas vezes com o tênis remendado com fita adesiva, numa tentativa de aumentar a vida útil dos mesmos, isso quando não são casos mais extremos, em que nem tênis existe, e os jogadores participam descalços. Esse evento, além de proporcionar uma experiência considerada ‘mais profissional’ da atmosfera do basquete, tinha ainda

¹⁶ Brincadeira, chacota.

¹⁷ Termo nativo para se referir ao círculo de amigos criado na quadra de basquete.

como ação a entrega de pares de tênis apropriados para a prática do basquete para esses jovens ‘mais carentes’.

O evento gerou muita expectativa no grupo, com as mensagens no *WhatsApp®* a todo momento fazendo referência a algo como “vamos jogar hoje pra treinar para sábado”, “quero meu trio hoje treinando para não fazer feio”, e “não se lesionem nos próximos dias”, para elencar alguns. Na véspera, Wlamir e mais um integrante do grupo foram até a loja para ajustar os detalhes, como disposição das quadras, tabela de jogo, entre outros, sempre postando algo para deixar o pessoal mais empolgado ainda. No dia do evento, o deslocamento foi compartilhado, buscando acomodar a todos, como se observa no diário a seguir:

Com as dificuldades enfrentadas por ser um bairro bem afastado do local do evento, na noite anterior os que iriam participar começaram a se organizar para a logística do dia seguinte. A primeira coisa a ser averiguada foi o transporte público, e após checar os horários, já se pode constatar que seria impossível, visto que a linha que passava só teria o primeiro horário as 10 horas da manhã, e o evento tinha início logo depois, não sendo possível chegar a tempo. Após essas postagens falando sobre as possibilidades de transporte público, seja ônibus coletivo ou lotação, os membros do grupo que tinham carro se manifestaram dizendo que nem cogitaram que o pessoal iria de ônibus, pois seria possível acomodar todos com os carros em lotação máxima, mas seria muito melhor do que outra forma de transporte. Enquanto um mais engraçadinho disse que iria de bike, os outros se organizavam na divisão dos lugares nos carros, além da vaquinha para rachar gasolina e estacionamento. Um dos motoristas lembrou que todos deveriam levar uma toalha para colocar no banco na volta, para não encharcar de suor depois do jogo, do contrário a lavagem do carro por dentro entraria na vaquinha, para mais uma rodada de piadas depois do comentário. (DC 29/09/2018).

Depois de trazer esse breve trecho sobre como foi feita a logística para que todos participassem, o excerto a seguir possibilita compreender melhor sobre como o evento surgiu, e os seus impactos para o grupo:

Essa ação, um dia eu estava jogando basquete na quadra, e me deparei com a situação, de dois jovens que jogavam com tênis baixos, de sair, mais voltado pra sair, talvez de jogar futebol, assim bem raladinho, e então me deu a ideia de tentar encontrar empresas que quisessem apresentar a marca delas, contribuindo pro esporte da quadra de rua, e então fiz contato com a Rebook, com a Nike, entre outras, e algumas empresas retornaram, dizendo que não seria possível, e a Decathlon acabou fazendo contato com a regional aqui, do Shopping Praia de Belas, dizendo que sim, que era possível, que iriam alinhar, ver como podia, fazer, e ai nasceu esse evento (figura 18), pra fazer a propaganda e também a entrega dos tênis. Então, montamos para fazer alguns jogos (figura 19), e o pessoal se divertiu, jogando basquete na quadra que eles têm (figuras 20 e 21), de testes, no terceiro piso, uma área aberta. A Decathlon ficou sendo uma parceira, ficou a vontade de fazer um evento maior, mas aí envolvia toda a questão de prefeitura, alvará, eles

queriam fazer na praça externa ao shopping, orçamento que eles têm pra contratação de profissionais, e acabou não saindo, mas eles ficaram com um gostinho de quero mais, tanto da empresa, que gostou de fazer, quanto do pessoal que gostou de jogar. Os dois jovens receberam os tênis (figura 22), jogaram bastante com eles, inclusive eu encontro esse modelo de tênis em outros locais que jogam, é um tênis bem visto no basquete. O evento foi considerado muito positivo pela equipe e os atletas, todo mundo se divertiu muito (figura 23). Essa minha proximidade com a gerência, acabou rendendo um contato deles procurando alguém que tinha interesse em trabalhar na loja, eu disparei esse contato no grupo de basquete, e prontamente um dos nossos amigos se manifestou e conseguiu a vaga, trabalhando um bom tempo na loja. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/05/2020).~

Figura 18 – Flyer de divulgação do Evento

BASQUETE

★★★★☆

BASQUETE 3x3

DECATHLON PRAIA DE BELAS

SOBRE O EVENTO

Conhece o 3x3? Venha conhecer o estilo de Basquete que domina as ruas!

Data: 29/09 Sábado
 Horário: das 11 às 12h30
 Local: Decathlon Praia de Belas (Quadra de Esporte, parte externa da loja)

Faixa etária: Todas as idades

- Traga roupas confortáveis.
- Menores de idade acompanhados dos pais.
- Chegar com 10 minutos de antecedência.

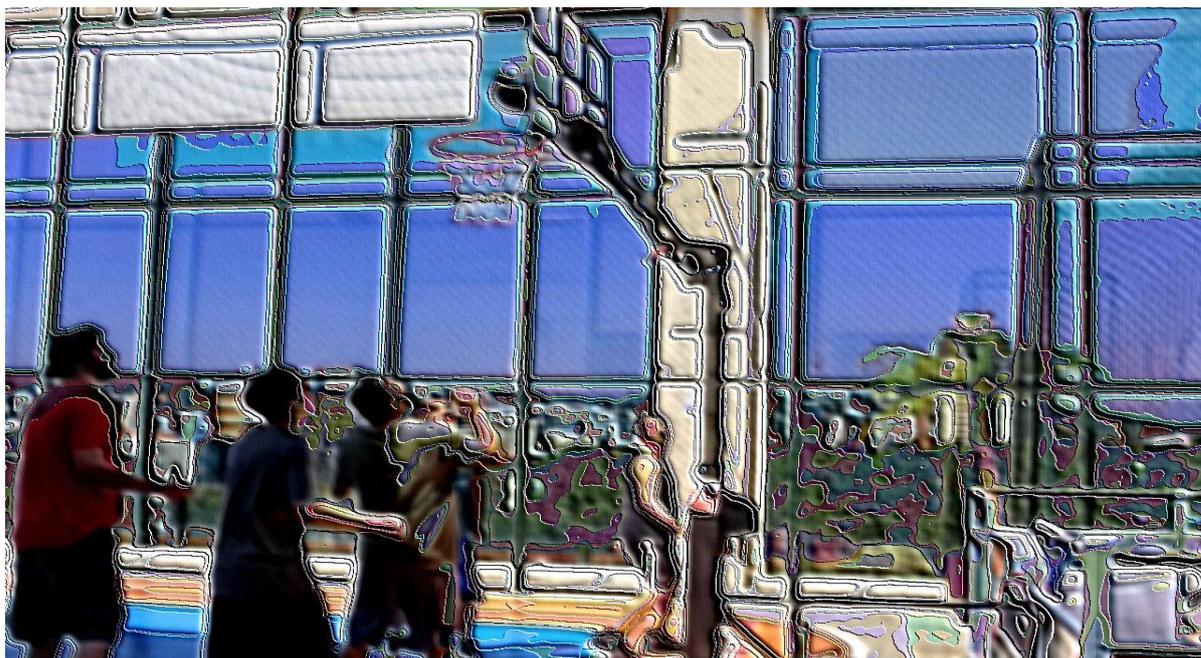
Evento Gratuito

Participe e convide seus amigos! #SouEsportista, para mais informações, entre em contato conosco: Karine (51)2626-4289

Parceiro: MÁRCIO RODRIGUES

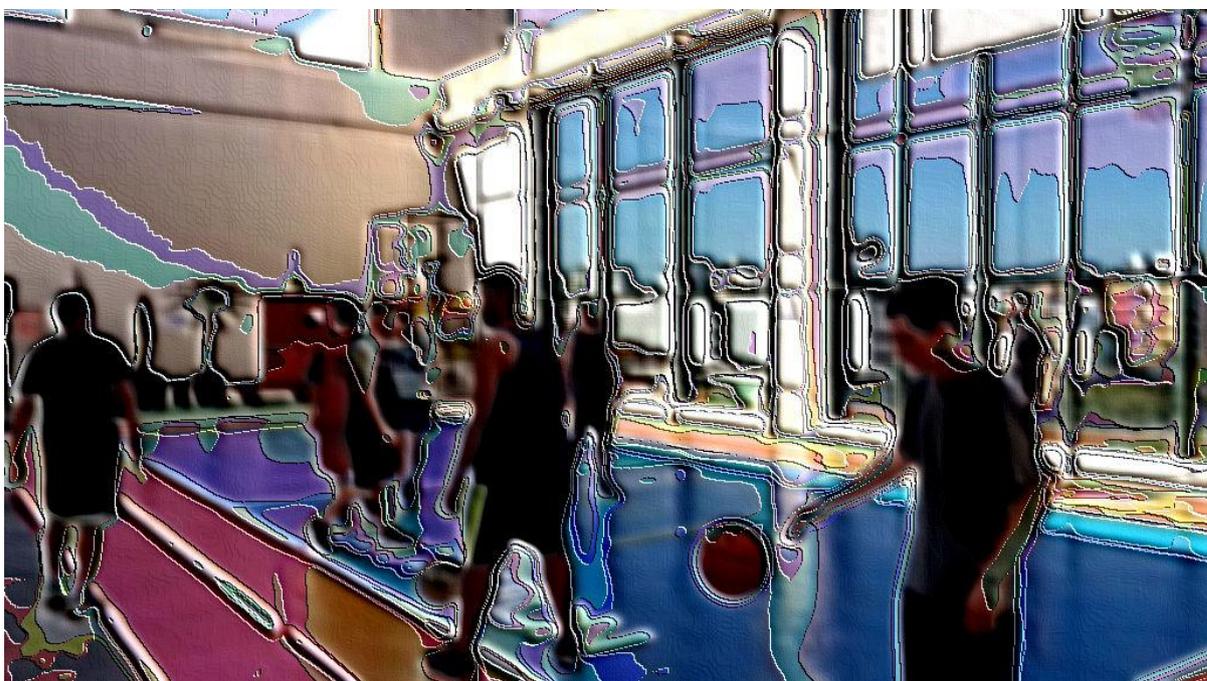
Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Figura 19 - A quadra de testes da *Decathlon®*



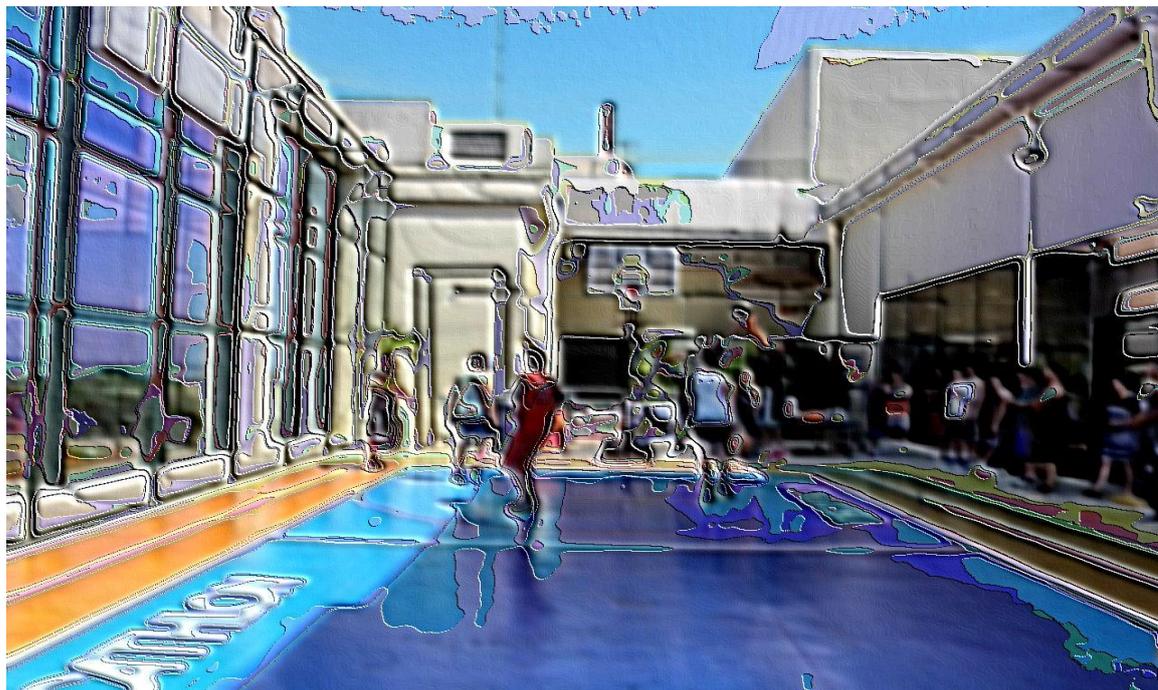
Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Figura 20 – Aquecimento entre os participantes



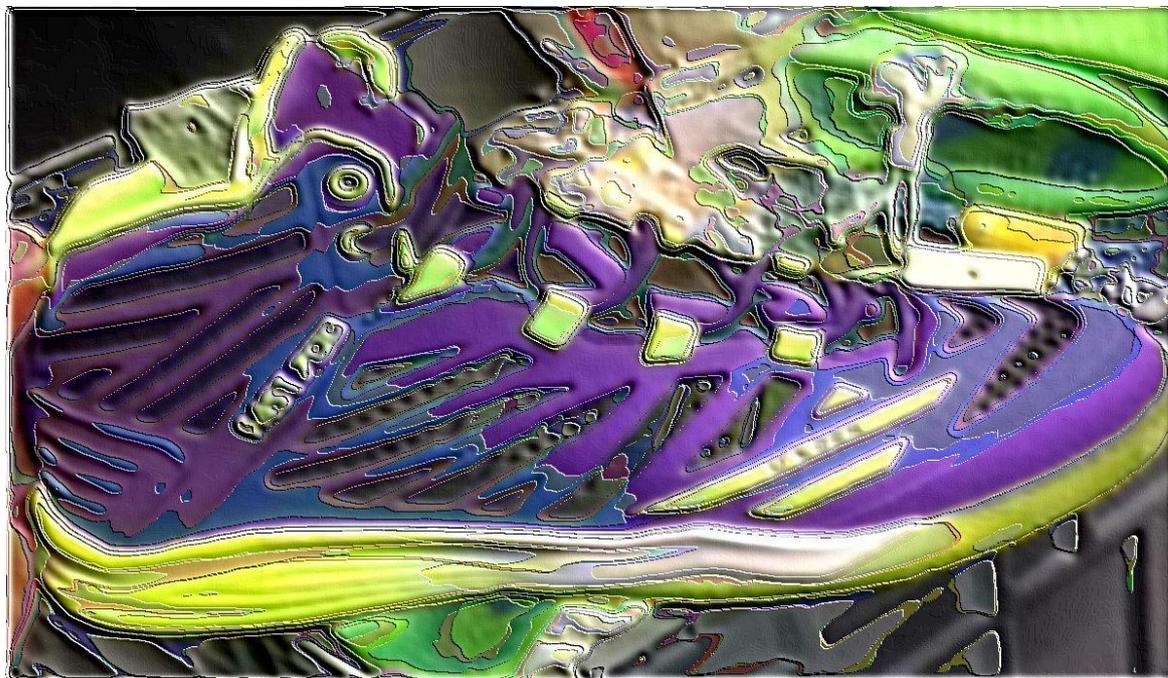
Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Figura 21 – Jogo de abertura do torneio



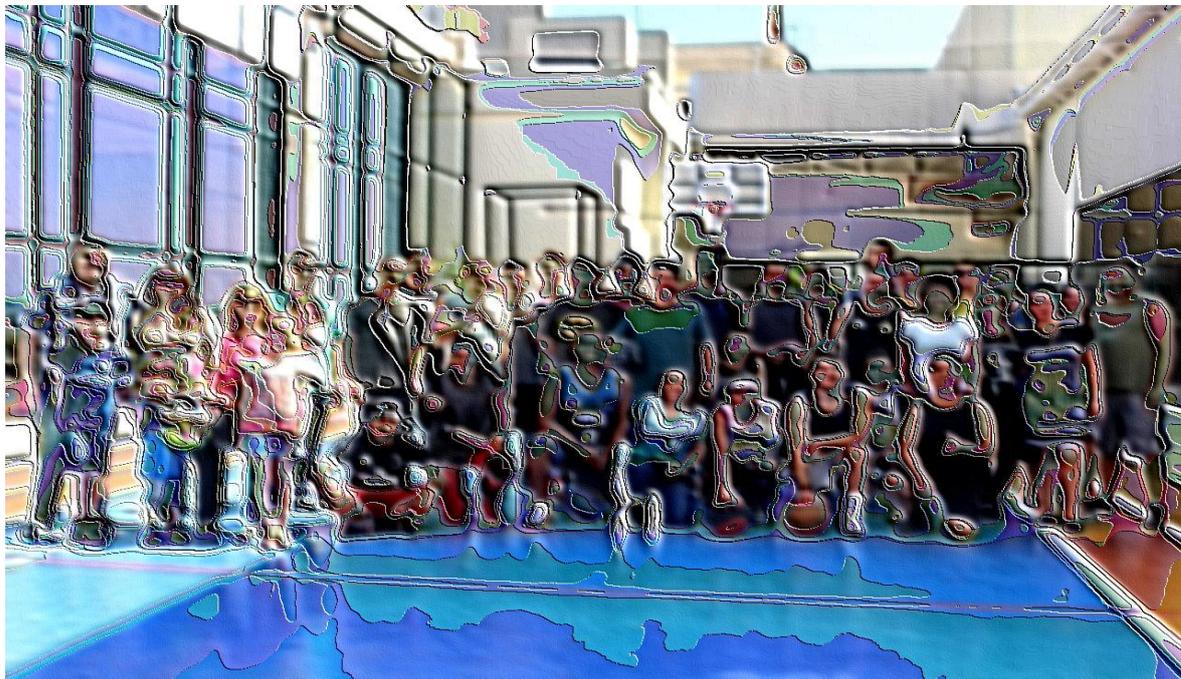
Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Figura 22 – Um dos modelos sorteados no evento



Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Figura 23 – Foto de encerramento com participantes, familiares e organizadores



Fonte: Acervo do próprio pesquisador

* * * * *

O que procurei descrever, ou melhor, transcriar até aqui, foi uma narrativa que faz durar e que conecta instantes descontínuos sobre a experiência vivida e lembrada por mim e pelo interlocutor Wlamir sobre o grupo de basquetebol num bairro de periferia de Porto Alegre. Nesse exercício, busquei colocar em relevo os arranjos temporais que ritmam o viver cotidiano, configurados em suas expressões narrativas, para que, agora, nesse momento final do capítulo, eu pudesse buscar aquilo que Rocha e Eckert (2011) menciona como conexões simbólicas entre os acontecimentos que permeiam as experiências narradas (nesse caso, os desafios de um lugar para jogar e de modos de viver esportivamente o basquetebol).

O que conecta e faz durar essas experiências narradas sobre a experiência de sociabilidade esportiva no grupo de basquetebol da periferia de Porto Alegre? Quais são as chaves interpretativas que possibilitam isso? Na interpretação que pude construir, considerando as narrativas e a imersão etnográfica, passei a compreender que as memórias evocadas e articuladas se conectam – fazem sentido – frequentemente na relação com os dramas da vida urbana no bairro de periferia de

Porto Alegre, isto é, a violência, a criminalidade e o fechamento da Escola, assim como a precariedade e o abandono de espaços e equipamentos esportivos na Praça, denotando uma necessidade social de construção de redes de uma sociabilidade esportiva capaz de enfrentar tais desafios e dramas urbanos. É por meio dessa sociabilidade esportiva no/do grupo de basquetebol que se articulam cuidados e adoções.

Quando as narrativas articulam e recompõem memórias sobre o grupo esportivo, propriamente emergem outros elementos de conexão. Chama a atenção, nesse sentido, o esforço de estabelecimento e de reforço de lugares simbólicos (relacionados fortemente ao tempo, à persistência, engajamento e regularidade no grupo) e de etiquetas esportivas (respeito à competitividade e equilíbrio dos jogos), os quais, de uma maneira paradoxal, procuram de forma simultânea criar experiências que se distanciam da vida cotidiana (dos problemas, da violência, por exemplo), mas reconhecem a necessidade de cuidado das pessoas e da Praça para além das demandas da prática esportiva.

Noutros termos, a narração do grupo de basquetebol é uma narração da própria cidade, especificamente da experiência urbana num bairro de periferia, com as imposições de seus desafios cotidianos. O grupo funciona como uma espécie de caixa de ressonância das dinâmicas de vida no bairro, uma forma como se expressa desejos acerca da cidade.

4 PERSONAGENS-NARRADORES DO BASQUETEBOL

Após tratar do grupo de basquetebol, das narrativas sobre os lugares para jogar e das formas para se manter e se renovar, abordo, neste capítulo, de modo mais específico, as narrativas de jogadores de basquetebol a respeito das relações entre o esporte e as drogas. Considero que os jogadores que, ao evocarem suas memórias no fluxo de seus relatos, se reinventam como personagens-narradores, produzindo tramas de construção de sentidos de si mesmos. Essa reinvenção, por sua vez, é interpretada e representada na forma de um outro texto narrativo, o do pesquisador/etnógrafo que, por sua aproximação e convivência, compartilha o fluxo cotidiano dos interlocutores e, a partir desse lugar, escreve.

Segui na linha do que sustentam Rocha e Eckert (2011) sobre como estudar, na perspectiva da etnografia da duração, a memória coletiva nos contextos urbanos. Para essas autoras:

[...] para tratar da cidade como objeto temporal, a etnografia da duração destaca as intrigas, as diversidades de imagens e de dramas que configuram o cotidiano citadino, apreendidos como uma espécie de mapeamento simbólico do emaranhando dos ritmos vividos por seus habitantes em múltiplos territórios. (ROCHA; ECKERT, 2011, p. 33)

Neste capítulo buscamos abordar tais diversidades, dramas e intrigas, sobre uma trajetória de vida num grupo de sociabilidade urbana marcada pela prática do basquetebol. Isso foi norteado por dois agenciamentos de evocação: a relação dos personagens-narradores com o basquetebol e, nesse contexto, a presença e o uso de drogas; a representação da perda de um dos membros do grupo 'para as drogas'.

4.1 As relações com o basquetebol e com as drogas

Ao longo da pesquisa, pude me aproximar, pela convivência etnográfica e/ou através de entrevistas, de 3 personagens-narradores, jogadores de basquetebol no bairro de periferia de Porto Alegre (Wlamir, o Prefeito da Praça; o Paulista; e o Mosquito). Além desses 3 interlocutores, como um dos 'antigos' membros do grupo, me coloco também como um dos personagens-narradores (sou o Canhoto).

Wlamir, o ‘prefeito da praça’

O primeiro personagem-narrador que transcrio é considerado por muitos o ‘Prefeito da praça’, seja pelo tempo em que ele faz parte do grupo, seja pelas ações que ele desempenha junto a articulação, enquanto as intervenções junto ao Ministério Público e os órgãos competentes, para a preservação e melhoria do espaço de jogo.

Desde a infância morador do bairro, Wlamir lembra que essa foi uma época tranquila, em suas palavras. Filho de pai militar e mãe religiosa, atribui a esses fatores sua boa educação e zelo com a disciplina, sem que isso prejudicasse seus momentos de diversão, os quais possui muitas boas lembranças. Como ‘bom moleque’¹⁸ que era, suas memórias estão repletas de brincadeiras como pega-pega, andar de balanço, jogos de taco, com os amigos da vizinhança e da escola.

Sua rotina de adulto começa cedo, pois precisa se deslocar até o local de trabalho, bem afastado de sua residência. Servidor público estadual, está alocado na região central da cidade. Após a jornada de trabalho, fazia suas atividades conforme uma agenda bem organizada, com a prática de pilates duas vezes na semana, alternando com os encaixes para os jogos de basquete, em que tenta contemplar os locais em que o grupo esteja mais ‘pilhado’ para jogar naquele dia.

Ao narrar o seu gosto pelo basquetebol, Wlamir explicou que:

O gosto pelo esporte, principalmente o basquete, foi um dos diferenciais para eu ter feito o curso de Educação Física, eu sempre gostei de esporte, sempre gostei, sempre corri, fiz ginastica no tempo do Claudinei (antigo professor do fundamental), já falecido, então eu sempre aproveitei bem todos os momentos, fazer todos os esportes que podia, inclusive no verão eu ia pro surf também, no inverno, até fui pra surfar em praias, em diferentes praias, mas o basquete, eu nunca abandonei o basquete, eu acho que eu peguei ele como o esporte, e o grupo que tá dentro dele também, que a gente tem de certa forma, pelo *whatsapp* ou pessoalmente, a gente se conhece a muitos anos dessa prática de esporte, alguns a gente tem mais contato, outros um pouco menos, mas a gente sabe que tem aquela união pra fazer os jogos. Sim, teve as vezes da era do vôlei, da era do futebol, mas eu acho que o basquete foi onde eu, digamos assim, mais me encontrei, que eu gostei porque a dificuldade do futebol era para avançar como atacante, então trabalhava bem a zaga, mas não gostei. O vôlei joguei direitinho, gostava tudo, mas também não tinha assim muita gente pra continuar a prática. E não tendo como continuar tu acabas desistindo. E o basquete foi o único que a gente conseguiu, unir grupos que iriam jogar, e assim, a gente fazia sempre um basquete de meia quadra, sempre de trio, as vezes 4, quando tinha muita gente, e ficava jogando trio e jogava-se tarde, e depois até tarde, e depois tomava-se banho e a vontade era tanta de continuar que se ia de novo pra quadra pra jogar de novo, voltava-se de novo para a praça, tinha iluminação e se aproveitava até tarde da noite, sem problema nenhum. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019)

¹⁸ Garoto que tinha muitas amizades, que se relacionava bem com todos.

Ao narrar essa sua história no basquete, Wlamir faz questão de frisar que ele não foi o pioneiro no basquete no bairro, pois lembra que haviam outros mais velhos que jogavam, os quais, segundo sua percepção, já detinham o domínio de jogo. Explicou que se espelhava no exemplo deles, e que na época lhe pareciam ótimos jogadores, narrando sua aproximação com a modalidade da seguinte forma:

A minha história no basquete começou por acaso, com a compra, na realidade houve uma troca de uma 'arminha de pressão' de um amigo meu, o Shaq e nós conhecíamos um e outro que jogavam basquete, que era o Edgar, que passava na rua com uma bola de basquete, mas que a gente não tinha muito contato. Foi o basquete que nos aproximou mais ainda, e ele se dava também com o Alaor, na época e tudo, que era outro que fazia também parte do grupo para jogar. Mas nós sabíamos desse grupo dos mais velhos que tinha, depois tinham outras pessoas que víamos que jogavam de vez em quando, mas que era que nem nós, itinerante, aparece e depois desaparece por um tempo, e nessa época, eu me lembro que o Shaq trocou a 'arminha de pressão' com o rapaz do bairro que tinha uma bola, e disse olha Wlamir, fiz um baita negócio, troquei uma 'arminha de pressão' estragada por uma bola de basquete, uma bola azul e branca da pênalti, e ficou se jogando um tempão com aquela bola, e na época eu até disse báh, que negócio ruim que ele fez, mas guardei pra mim, mas foi o melhor negócio que ele tinha feito na época. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019)

Com a bola de basquete adquirida, segundo Wlamir, o próximo desafio foi encontrar um local para a prática do basquete. Apesar de ser um bairro com muitas praças públicas, elas não possuíam muitos equipamentos de lazer e prática de esportes, sendo limitadas a algumas com campinhos de futebol, que só tinham duas goleiras, em diversos casos produzidas pelos próprios moradores, de madeira, além de algumas com brinquedos para as crianças, como escorregador ou balanços. A grande maioria das praças naquela época (meados da década de 1990) tinha somente bancos como estrutura instalada pelo Estado. Desse modo, encontrar um local para jogar basquete não era um desafio pequeno, uma vez que essa modalidade demanda de no mínimo uma tabela instalada para arremessos, sendo muito mais difícil improvisar, não sendo possível colocar duas latinhas para fazer o papel de goleira, como no futebol. Assim, os dois amigos começaram a procurar um local para jogar, como se pode perceber no trecho a seguir:

[...] então começamos a procurar onde é que tinham espaços no bairro, para poder jogar, e então descobrimos que a escola local, um colégio estadual, ele não tinha muros, então era fácil de pular pela cerca ou por um buraco para entrar e jogar no final de semana, até era mais fácil no final de semana que estava livre, do que dia de semana, mas também a gente aprendeu que dia de semana também era possível, e tinha, mesmo com falta de iluminação, às vezes o pessoal até teve época que descobriu onde se ligava a geral, e tinha luz de noite e se jogava de noite também, e depois se apagava, e era uma

época mais tranquila assim, em termos de segurança, em tudo, até pela entrada do colégio, que tinha um bebedouro a disposição, o pessoal tinha acesso aos banheiros, não era fechado, hoje por questões de segurança, vandalismo, é tudo lacrado, fechado, não se tem mais acesso ao colégio, tem um brigadiano¹⁹, que fica cuidando do local e tudo, mudou [...] (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019)

Com um local para jogar e em uma época em que não se tinham os compromissos da vida adulta, ‘só estudar’ e depois o restante do dia livre, se começou a jogar quase que todos os dias da semana, de domingo a domingo, no fim da tarde durante a semana, e nos finais de semana as vezes nos três turnos. Com esse tempo de permanência em quadra, muitas vezes acontecia de se atrair a atenção de outros jovens que passavam por ali ou que iam jogar futebol no campo de terra batida ao lado. Dessa leva, muitos dos que jogavam futebol começaram a se encantar pelo ‘canto da sereia’²⁰ que era aquele espaço novo, um esporte considerado diferente, e que foram aos poucos se arriscando a dar uns arremessos. Wlamir fala um pouco mais sobre esse processo:

[...] conforme íamos aprendendo a jogar, outros que jogavam futebol ao lado se juntavam a nós, Canhoto era um, Victor era outro (risos). Teve um outro rapaz também, o Ratinho, que também era da rua ali e também foi aprendendo e foi jogar, teve o Giant, teve outros que passaram a conhecer o esporte e a gostar. E depois que pegamos um pouco da prática, deixamos de ser excluídos pelos mais velhos, e fazer parte do grupo também, e isso acontece até hoje, aqueles que entram começam ali e tem dificuldade, vão e vão e acabam pegando o gosto do jogo e aprendendo mais e acabam sendo ‘selecionados’, ao natural, para participar dos jogos. É que é complicado quando tu tens um conhecimento um pouco do jogo, tu jogar com alguém que está iniciando. E se machucar? Fica complicado, porque o basquete precisa de muitas habilidades finas ali, coordenadas, para que se possa praticar. Senão está sempre ou fazendo falta, ou alguma infração do jogo. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019)

Outro aspecto que Wlamir chama a atenção diz respeito aquilo que ele entende como o efeito protetor que o esporte oferece aos jovens em situação de maior vulnerabilidade social, muito similar ao encontrado na revisão de literatura descrita no capítulo 1, em que o esporte pode ser considerado uma ferramenta social, com o uso do tempo livre para atividades esportivas, evitando um maior contato com o tráfico e a criminalidade, como é possível perceber no excerto a seguir:

Eu entendo que o esporte, pelo menos assim, é um momento em que ele vai tá um pouco fora daquilo que de repente, é a realidade dele, então ajuda, não só ele isolado, mas ele com certeza pro jovem que não tem uma tarde ou

¹⁹ Termo regional utilizado para se referir ao Policial militar, devido ao nome atribuído a corporação, “Brigada Militar”.

²⁰ Na mitologia, as sereias atraíam os pescadores com seu belo canto. No texto, faço uma analogia para a forma como aquele esporte pouco conhecido na região, com uma bola vistosa, colorida, jogadas com muita plasticidade, atraía as atenções de quem passava ali.

uma manhã toda do que fazer, ele tá lá vivenciando aquilo, ganhando dinheiro como traficante, vendo que daqui a pouco ele vai morrer, pra ele, estar em um projeto é bem melhor, e ele vai estar fazendo toda a atividade física pro corpo dele, do que estar envolvido em alguma atividade com o tráfico, então eu acredito com certeza que ajuda, não é só isolado, tem todo um trabalho psicológico por trás, tem toda uma questão familiar que a gente sabe que envolve, mas a gente sabe, tem vários amigos aí, pelo menos uns dois que a gente sabe, que tenham acabado perdendo a vida por conta das drogas, e um pelo menos, que foi um deles que faleceu, que talvez ele tenha vivido um pouco mais porque justamente ele praticava o esporte. Que era o momento dele ali, de esquecer os problemas que ele tinha, com drogas, com falta de dinheiro, com toda a questão de vulnerabilidade que ele andava, e de naquele momento ele poder ganhar o jogo, e sair bem dali e tudo, para o próximo dia. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019)

Essa percepção de que o esporte diminuiu o tempo ocioso dos jovens, reduzindo assim as chances de contato com as drogas e o tráfico foi debatido no trabalho de Cortes Neto, Dantas e Maia (2015), onde os autores consideram que os jovens que passam a grande parte do tempo na rua, estão em situação de maior vulnerabilidade social.

Quando Wlamir traz essas reflexões sobre a relação esporte e drogas, acaba pontuando sobre como alguns dos participantes do grupo de basquete tiveram aspectos de suas trajetórias semelhantes, e, no entanto, desfechos muito diferentes do seu, como se percebe no fragmento a seguir:

Eu sei que assim, dos meus amigos, todos, em algum momento, eles tiveram a possibilidade de experimentar, alguns posso falar, por exemplo, o Sucar e o Kanela, não sei a que nível foram, sei que maconha sim e depois largaram. Cocaína, já não sei. O shaq já foi mais além, e depois não sei como ele conseguiu sair dessa sozinho, porque não ia ter condições de ficar internado em uma clínica, diferente do Zezinho, é muito complicado estado ou município estar bancando para as pessoas, e tem uma regra que tu não pode colocar se a pessoa não quiser, então é complicado tu fazer na força alguém querer ser internado, então a pessoa tem que querer também, e tu colocar na cabeça da pessoa é diferente de quem tem dinheiro, vai mandar o pessoal buscar, e vai buscar em casa do jeito que tá, e depois vai fazer o tratamento, e digamos assim, não poderiam, mas entre aspas, fazem pela força do dinheiro, de ter condições financeiras de fazer isso. Então, eu sei que o Shaq, teve uma época que eu me afastei dele, por conta disso, porque ele estava andando com uma gurizada que estava usando, inclusive buscando, e hoje eu sei que ele está muito bem, tá casado, tem um filho, está com a empresa dele tocando, e sempre seguiu gostando do esporte, e está incentivando hoje o filho dele, o gurizinho já tem uma bolinha de basquete, já brinca com alguma coisa e tal, e ele me parece que está limpo completamente, mas o esporte ele tem essa coisa do caminhar com a droga, inclusive teve a alguns anos, um ano e pouco atrás, uns rapazes, dois rapazes, que vieram aqui jogar, que são de outro bairro, os guris me colocaram no grupo lá, e eu coloquei um dos guris no grupo daqui. E aí a gente começou a interagir pra conhecer lá o espaço, é muito bom, porque é uma contrapartida do loteamento que é feito lá, não é um condomínio fechado então pode entrar, qualquer um pode entrar lá, e a gente descobriu que tem um grupo, um grupo grande também, com *whatsapp* deles, não são todos que jogam, a mesma coisa do nosso, se mantem os mesmos e alguns novos que entram, e eles também são classe

média assim, que tu vê que aparecem, as vezes até com um nível social um pouquinho melhor que os que jogam aqui no bairro, e igual, convivem com a mesma situação de ter gente fora da quadra que vai lá e fuma seu cigarrinho de maconha, então, não são todos, não são todos, mas existe também, ela caminha paralelo onde está o esporte, isso tem também no futebol que a gente sabe, não sei se, eu não tenho experiência pra saber se com o vôlei na rua, mas tem essa coisa do esporte, e o pessoal que é adolescente, que passa por essa etapa, e alguns amadurecem, não vão mais, e outros continuam, mesmo com idades mais, a gente sabe que tem um motoqueiro aqui, numa oficina, que ele trabalha ali, e sempre fuma em casa, ele tem a oficina dele e faz isso em casa sempre, então tem perfis de pessoas, né. Mas o esporte ele tem essa coisa assim, a droga, como ela é, para o adolescente, ela tem, ela é proibida, não é aceita, então ela tem essa coisa de eu tenho que saber o que é, eu tenho que experimentar, e fora os outros tipos de drogas que a gente nem tem ideia, porque não convive diretamente, que são essas artificiais hoje, que o pessoal até de classe média alta utiliza. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019)

Na fala de Wlamir, ele abre um parêntese sobre as drogas que a classe média utiliza. Existe essa percepção de que drogas é algo da periferia, dos menos favorecidos economicamente, quando o problema é da sociedade como um todo, visto que a droga é o que há de mais democrático, e pode ser percebido em todas as esferas sociais. Acreditar que os usos de drogas são exclusivos da periferia ou coisa de marginal representa uma percepção bastante distorcida e distante da realidade dos usos de drogas que acontecem também nos bairros de classes média e alta. O que muda, em alguns casos são as formas de abordagem, tanto da mídia como da polícia.

Ao relatar sobre a presença das drogas na Praça onde jogam, Wlamir assume que ela faz parte, que é muito mais liberada hoje, mas que a gurizada – e ele relaciona as drogas com a juventude – não é boba, está sempre esperta, conforme expressa o seguinte trecho da entrevista.

Na quadra teve uma noite só, que eu estava lá, e a gente estava brincando com a bola, e estava eu o Shaq e a Babi, namorada do Shaq. E eles passaram lá e eu estava de carro e tudo, e eles fizeram uma revista em nós, pediram pra olhar o carro, mas só aquilo ali. Viatura sempre passou ali, sempre passam olhando, mas fazendo abordagem, não. Gurizada também não é boba, se estão com algum tipo de droga e tem viatura passando, eles dão uma escondida, assim, para não ficar muito escancarado. E acho que hoje a coisa está muito mais liberada. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019)

Apesar de reconhecer essa presença e esperteza, o interlocutor se manifesta claramente contrário ao uso de drogas. Entre os personagens-narradores da pesquisa ele é, seguramente, aquele que se posiciona mais veementemente contrário ao uso:

Eu sou contra qualquer uso de drogas, eu sou contra!! Tudo que vai alterar o funcionamento do corpo não deveria ser utilizado, pois vai sempre prejudicar, seja ela uma droga mais 'leve', seja ela uma droga mais pesada. Aliás, a droga leve normalmente é porta de entrada para drogas mais pesadas. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019)

Eu, o 'Canhoto'

Como mencionado na entrevista do Wlamir (acima) e no capítulo anterior, eu me tornei um dos participantes do grupo de basquete, através das interações iniciadas nessa quadra. Dessa forma, considero pertinente contar como ocorreu minha aproximação com o esporte, que se deu de uma forma complicada. Para facilitar a compreensão, devemos voltar um pouco no tempo, na verdade muito, na década de 80, mais precisamente 1986. Eu nasci em 1980, e estava com 6 anos na época. Não, eu não fui um talento precoce que foi descoberto em uma peneira na escola, tampouco um olheiro de futebol me viu fazendo embaixadinhas com a lancheira ou algo do tipo. Na verdade, o fato a seguir não tem nada a ver com o esporte, mas certamente vai influenciar minha vida esportiva para sempre.

Em meu primeiro ano na Escola, em uma época em que alguns métodos de ensino ainda se faziam presentes, como castigos aos alunos, e que não existia *internet* e as cópias eram feitas no mimeógrafo, um dispositivo que basicamente faz o que a fotocopadora faz hoje (já quase se aposentando, passando o bastão para os Scanners e impressoras), mas da seguinte forma: uma folha carbono especial para a tarefa era feita de 'molde', aquilo que se queria reproduzir, como um trabalho ou uma prova. Essa matriz era então colocada fixa em um rolo nesse dispositivo, e era embebido em álcool para liberar a tinta que essa folha carbono especial continha, e se ia colocando manualmente, uma a uma, as folhas de ofício em branco para que ela entrasse em contato com a matriz e virasse uma cópia, e quando ela começava a ficar fraca, mais álcool era adicionado. A sala em que essa tarefa era realizada tinha mais cheiro de álcool do que um posto de combustíveis, e alguns alunos se voluntariavam para auxiliar o professor na tarefa de passar os trabalhos no mimeógrafo, mais pelo prazer do cheiro de álcool do que pela tarefa, o que já nos colocava como potenciais 'usuários de drogas' (brincadeira).

Depois de contextualizar a realidade da época, volto para minha história. Eu era uma criança canhota, algo que algumas pessoas na época consideravam um desvio, algo errado, então toda a aula, ao começar a fazer minhas tarefas, minha professora ia até minha mesa e amarrava um barbante em minha mão direita, dizendo que aquela era a mão 'certa', e que eu deveria escrever com ela sempre.

Isso me obrigou a trabalhar com uma mão que não era a minha dominante, sendo que fora do contexto escolar, ao brincar na minha rotina de criança, eu utilizava o lado esquerdo como dominante. O tempo passou, eu acabei me acostumando a escrever com a direita, mas me levou a um embaralhamento nas habilidades motoras: se por um lado (trocadilho infame), eu tinha desenvolvido um refino mediano da mão direita quanto as habilidades motoras finas, escrevendo razoavelmente bem, mas com muita exigência física para o controle e com uma escrita quase que legível, eu continuava a utilizar o lado esquerdo do corpo para as atividades de força.

Chegamos então ao ponto chave, a minha relação com o esporte. Com essa quebra no meu desenvolvimento, era comum que esportes que exigiam que um dos lados executasse uma tarefa específica de cada vez, como no futebol, onde mesmo que se diga que um jogador chuta com as duas pernas, ele precisa fazer isso com uma de cada vez. No meu caso, eu chuto com meia perna de cada vez, já que detenho a força na parte esquerda do corpo, mas uma habilidade maior na direita. Isso me prejudicou para a maioria dos esportes que se tinha opção em meu tempo escolar, e que na verdade nem eram tão maioria assim, sendo, em sua totalidade, dois: futebol e vôlei.

Aliado a essa dificuldade motora, também tive poucos estímulos esportivos na infância, pois morando em um local que sempre teve um histórico de violências, minha família não me deixava jogar futebol na rua como uma parte dos meus amigos, e assim fui cada vez mais ficando para trás no desenvolvimento esportivo, sendo normalmente um dos últimos a ser escolhido quando se fazia a divisão dos times na escola, e normalmente indo para o gol.

Depois de muito tempo, já adolescente, na casa dos 12 ou 13 anos, começamos a jogar futebol no bairro, eu e meus vizinhos que tinham uma idade próxima, pois já estávamos com uma idade em que sabíamos até que ponto podíamos fugir das regras familiares sem sermos punidos. Jogávamos futebol com goleiras de chinelo alguns dias com outros garotos do bairro, mas como não éramos muito habilidosos, procurávamos jogar 3 dentro 3 fora, uma das diversas formas de se brincar com o futebol, onde o objetivo é que aqueles que estão 'na linha', ou seja, fora do gol, façam 3 gols, enquanto o goleiro procura dificultar para que eles enviem 3 bolas para fora, obrigando o que chutar a última bola para fora assumir o lugar no gol, trocando de lugar com o goleiro. Praticávamos no único campo que tínhamos acesso naquela época e que tinha goleiras, o da escola estadual próxima de casa.

Algumas vezes, durante esses jogos, podíamos observar que na quadra de basquete ao lado do campo um pequeno grupo de rapazes se juntava para jogar no fim de tarde, principalmente nos finais de semana. Com o tempo, depois de encerrado o futebol íamos até a quadra, e ficávamos do lado oposto, dando alguns arremessos com nossa bola de futebol em um primeiro momento, e com a sequência de vezes que isso acontecia, fomos pegando intimidade com os outros mais velhos que jogavam e pedíamos a bola deles para uns arremessos, quando se tinha mais de uma bola além da que eles estavam jogando. Eu poderia dizer que foi naquele momento que encontramos nosso esporte, mas só posso falar por mim. Se minha maior limitação era aliar força e refino em mãos diferentes, o basquete parecia me proporcionar a oportunidade de trabalhar com ambas as mãos em conjunto, e a cada novo dia de contato mais surgiam jogadas, e com o tempo começamos a nos integrar ao grupo, como irei relatar no decorrer do trabalho.

Desde muito cedo, morando próximo a um local conhecido por ser um ponto de tráfico de drogas, convivo com certas regras ditadas por minha mãe, como não ficar na rua até tarde, cuidar com quem brincar, evitar ficar na frente do local onde os traficantes faziam seus negócios, para não correr riscos como estar no meio de uma briga, algo muito comum no local, com diversas trocas de tiros, inclusive a luz do dia. Uma das famílias do local, que comandava o tráfico na década de 90, tiveram o filho mais velho morto por tiros, alguns anos depois o segundo filho, depois o terceiro filho, chegando ao ponto de o último filho ser preso, e sem os avós, já falecidos, e sem o pai, morto, as crianças foram expulsas de casa pela facção rival, deixando para trás a casa da família e se mudando para longe, indo morar com parentes do interior.

Não tive incentivo da família para ser praticante de alguma modalidade esportiva, mas também nunca tive oposição, o esporte era algo sem importância, supérfluo, ou seja, não significa que minha família não gostasse ou reprimisse alguma prática esportiva, eles simplesmente achavam isso irrelevante, desnecessário.

Como minha família é de religião cristã, sempre aprendi que as drogas eram algo ruim, que traziam a destruição da pessoa e da família, com diversos exemplos de ex-drogados que participavam dos cultos e contavam seus testemunhos, de como tinham sido libertos das drogas, o que de certa forma foi me condicionando enquanto criança nos dogmas que 'a igreja' ensina.

Conforme fui me tornando mais independente, comecei a ampliar o círculo social e tendo contato com amigos das mais diversas camadas e grupos, onde acabei

tendo contato com diversas drogas, primeiro as lícitas, como cigarros e álcool, e depois as ilícitas, como a maconha, para relaxar, entrar na onda, curtir, como diziam meus amigos, mas nunca usei com frequência, ou tive crises por ficar sem usar, pois era algo que nunca achei graça, mas também nunca demonizei ou fiz julgamentos de quem usava. No entanto, tendo em vista as disposições incorporadas nos contextos de socialização, sempre procurei manter minhas relações sadias, evitando maior proximidade com aqueles que faziam um uso mais destrutivo, que constantemente estavam sob efeito de drogas, ou que buscavam incessantemente formas de obter mais drogas, pois não condizia com o que tinha planejado para o futuro. Isso acabou por me afastar de alguns amigos ao longo da vida, pois quando todo e qualquer momento em que nos reuníamos era levado para o uso de drogas ou sua procura, considerei que não fazia mais sentido insistir com essas relações.

Durante a adolescência, já com maior autonomia, me aventurava pelos esportes fora do ambiente escolar, primeiro com o futebol, o qual tenho muito apreço, mas quase nenhuma habilidade, e posteriormente com o basquete.

Sempre acompanhei na televisão quase todo tido de esporte a que tinha acesso, visto que na década de 90 só conseguia acompanhar o que passava em canal aberto, e a internet estava engatinhando. Com esse gosto por esportes, sempre tinha acesso as campanhas de marketing da época em que se destacava que o esporte era um meio de livrar das drogas, quase como um salvador. No entanto, ao refletir em todos os momentos em que estive com amigos ou pessoas próximas envolvidas ou com problemas com drogas, não recorro em nenhum momento de aconselhar que a pessoa praticasse um esporte, fizesse alguma atividade relacionada à prática esportiva ou de lazer para ajudar na situação, o que me leva a crer que era muito mais uma reprodução de discurso absorvido ao longo da vida do que realmente uma convicção.

Essa situação está presente num dos diários de campo que desenvolvi a respeito da organização do grupo para jogar basquetebol após o Natal de 2019. Esse diário retrata que o assunto 'drogas' está presente entre as conversas, não sendo um tabu falar sobre isso. Aparecem relatos, descrições de fatos, consequências, preocupações, etc., denotando que essa é uma questão presente na vida urbana naquele bairro de periferia.

Depois de uma ceia de Natal com a família reunida, e de uma noite em que dormi como uma pedra, saio no início da tarde, por volta das 13 horas, para resolver um assunto. Durante o trajeto, encontro Brow, um dos nossos amigos de basquete, e lhe pergunto se vai jogar mais tarde, visto que é feriado e boa parte do pessoal ainda se encontra em Porto, pois iriam somente no ano novo para o litoral. Em um primeiro momento não reparei, mas sua dificuldade em elaborar as frases durante nossa conversa, confirmou que ele estava sob efeito de alguma droga, não sei se álcool ou alguma não permitida, mas como nosso caminho foi curto, não tive tempo de saber mais, e entre as frases mal redigidas mentalmente, ele confirmou que iria jogar mais tarde. Chegando em casa, olho no celular e encontro diversas mensagens no grupo de basquete do *whatsapp* de um dos jogadores, Jathyr. Vendo que o mesmo estava insistindo para saber se iria ter jogo, chegando inclusive a ventilar a possibilidade de levar o espólio de bebidas remanescentes do Natal em um isopor para a galera, e imaginando que a data não devia ser fácil para ele, pois algum tempo atrás seu irmão caçula tinha falecido em um acidente de moto, [...] respondi que provavelmente iria jogar. Próximo das 19 horas, me apresento para o jogo, horário tarde tanto pelo calor insuportável que estava fazendo nesse dia, como por uma lesão no tornozelo esquerdo que estava limitando meu jogo, e preferi então jogar um pouco menos para minimizar a chance de piorar o quadro. Durante os jogos, entre um descanso e outro, estou no banco com o Fritz, um dos que fazem parte do meu círculo de amigos desde a escola, no ensino infantil, assim como Jathyr. Conversando sobre as mensagens dele no grupo, ele me conta que ele passou algumas semanas ruins e que teve umas recaídas, ficando inclusive sumido por 2 dias. Isso explicou o motivo porque seu pai, que dificilmente aparece em quadra, deu uma passada um pouco antes lá, para ver se ele estava realmente jogando. Somente a título de informação, Jathyr tem a mesma idade nossa, na casa dos 38/39 anos, é casado e tem uma filha, não é mais o que pode chamar de um 'garoto'. Com a chamada para um novo jogo, não tivemos como aprofundar mais o tema. Após mais de uma hora de jogo, indo até o ponto em que as jogadas já não saiam nem perto do que se planejava, pois o corpo já não tinha mais vigor para executar aquilo que se mentalizava, inclusive com uma zoação em uma bola que eu tentei correr para salvar mas parei no momento em que senti o tornozelo e lembrei que se buscasse a bola a lesão iria agravar muito, o Fritz riu e disse que o importante era manter o espírito e a mente sempre jovens, e que se o corpo não respondeu à altura, na minha mente eu tinha corrido meia quadra e salvado a bola e ganho o jogo, o que rendeu gargalhadas de todos. Mais alguns lances, e encerramos os jogos aquele dia. Como estava sem o carro naquele dia, vim até minha casa acompanhando o Paulista, Will e Brow. Durante o trajeto, o assunto foi somente um: O que iriam comprar para a virada do ano, e não falo de coisas como roupa, comida, etc, mas a maconha para se utilizar durante a noite de festividades. Isso abriu um leque de assuntos relacionados, como um corpo que tinha sido encontrado um terreno baldio nas proximidades, e um cara que entrou no ônibus com um amigo e que não parava de falar o que eu fiz, meu deus o que eu fiz, não acredito que fiz isso, e parecia estar muito noiado, sendo ventilado por eles se não tinha sido ele o cara que matou o do terreno baldio. Paulista então fez o link com o noiado e um amigo dele, que saiu para dar uma banda antes da meia noite no Natal, e que depois de consumir sua maconha retornou para casa, e foi expulso pelos pais, sendo impedido de participar da ceia de natal. Isso rendeu comentários do tipo nossa, a própria família, expulsar da mesa no natal, que pesado, entre outros de apoio ao amigo e reprovação da atitude da família. Depois desse assunto, voltaram então para o que iriam comprar para usar no ano novo, sobre a qualidade da maconha nos diferentes pontos de venda, um deles dizendo que se tivesse dinheiro iria comprar um 'camarão', um tipo de maconha mais forte e mais perfumada, segundo eles. Reclamaram também do preço, que um dos pontos o que você comprava com 10 reais era similar

ao que no outro tu pagava vinte reais. Se combinaram de quem iria pegar para quem, para cuidar com a quantidade afim de evitar o risco de ser pego como traficante, ou seja, não exceder o limite permitido como para consumo próprio. Isso gerou nova onda de gargalhadas, pelo fato que o Paulista sempre está com a camisa vermelha de basquete, e que se um dia fosse pego iria aparecer no balanço geral de costas na parede, e a camiseta iria se destacar entre todos, entregando que era ele o traficante preso. Esse assunto foi o último do grupo, pois chegamos a esquina em que cada um pegava seu caminho de alguns metros até a respectiva casa (DC 25/12/2019).

Segui para a Educação Física, onde em um primeiro momento, acreditava nessa premissa de que o esporte salvava das drogas, e com o passar do tempo, com minhas experiencias no esporte e conforme adquiria conhecimento, comecei a questionar mais essa relação, tendo como base os trabalhos de autores como Romera (2013), em que ao chamar a atenção de que o esporte não pode ser visto como salvador, ressalta a necessidade de outros atores sociais envolvidos, além de uma série de fatores, como a desmistificação de que tirando o jovem da ociosidade se consegue resolver o problema, e que é necessário compreender melhor a mentalidade dos jovens, para assim conseguir uma melhor comunicação e empatia com os mesmos.

O 'Paulista'

Paulista, outro personagem-narrador, este vindo de um bairro próximo, com índices de criminalidade maiores do que o nosso, era de se supor que o primeiro contato dele com as drogas tenha sido em seu bairro de origem, suposição desmentida logo em sua apresentação:

[...] é que assim, onde eu morava lá era em um beco, que dava direto para vila, lá na boca do tráfico. Ai então, estava começando, quando eu saí do meu bairro antigo e vim pra cá, estava começando o tráfico lá, a ficar forte, tudo mais, aquela função. Depois, já morando aqui, que eu tive mais contato mesmo, é na esquina da casa do cara [a venda de drogas] [...] (ENTREVISTA PAULISTA, 23/03/2020)

Descrevendo sua rotina, Paulista conta que normalmente acorda, realiza as tarefas diárias e depois vai jogar LoL²¹, um jogo *multiplayer online*, enquanto fuma 'unzinho'²². Se agora esse hábito já não causa estranhamento ou atritos em família, no passado recente foi muito diferente:

²¹ *League of Legends*

²² Cigarro de maconha.

No começo a família se importava, aquele padrãozinho, que é o certo, mas eles tinham mais medo, não de eu usar algum... claro, eles tinham medo de eu usar alguma droga e acabar vendendo alguma coisa dentro de casa, como já teve em alguns parentes da família, tudo mais. E medo de ficar devendo para traficante, essas coisas, mas é aquele medo normal, agora eles já estão acostumados, minha vó já fumou comigo também (risos). (ENTREVISTA PAULISTA, 23/03/2020)

Ao falar sobre o ocorrido, Paulista conta que boa parte desse atrito se deve ao fato de o pai ser militar, com padrões rígidos de postura e conduta, nunca tendo utilizado nenhum tipo de droga ou até mesmo cigarro. Ao comentar sobre o pai, novamente ele ri alto e decide contar uma história engraçada, segundo sua percepção. Na época das eleições de 2018, seu pai resolveu criar um perfil no *Facebook*®, e lhe mandou convite. Após propositalmente esquecer de aceitar pedido de amizade do pai em um primeiro momento, e com a insistência do mesmo, ele aceita, mas já prevendo o conflito. Dito e feito, foi ele começar a ver as postagens do filho zoando do candidato apoiado por uma grande parcela dos militares, e as brigas começaram. Cansado de tentar explicar ao pai seu posicionamento e as postagens, finalmente ele optou por excluir seu pai da lista de amigos. Novos conflitos pelo fato de não ser amigo do pai, até que finalmente ele encontra uma solução criativa:

Ai então eu peguei, ele me mandou solicitação de novo, e eu aceitei de boa. Depois, quando ele não estava com o celular por perto, eu fui no celular dele e deixei de seguir eu no *face* pelo celular dele, daí ficou tranquilo, ele não vê nada do que posto, e não enche meu saco. (ENTREVISTA PAULISTA, 23/03/2020)

Depois do momento de descontração, ele volta a contar sobre seu cotidiano. Após concluir o ensino médio, agora seu foco é estudar para entrar em um curso superior, na linha de estudos em redes de informação. Pretende, após concluir a graduação, 'se tornar um adulto mais responsável', dar um rumo em sua vida e ajudar nas despesas de casa.

Enquanto o ingresso no curso superior não acontece, sua rotina tem sido as voltas com os amigos e tudo que isso envolve. Conforme Paulista, o bairro não oferece muitas opções de lazer aos mais jovens, então eles se divertem em programas como jogar um basquete no fim de tarde ou dar um passeio para beber e jogar conversa fora, dar uma 'espairecida'. Em uma dessas espairecidas, ele acabou se envolvendo com as drogas:

Bem, eu tive alguns problemas familiares e meio que pirei da cabeça. Só que antes de fumar maconha, ou qualquer coisa, eu investiguei muito, fui muito atrás, e tudo mais, antes de começar a usar, para saber onde eu estava me

metendo. Porque se for só na onda do amiguinho tu toma no [...], mas aí comecei a fumar, e logo depois, isso com 17 anos, comecei quando estudava no centro. Isso em 2014. Então eu comecei a cheirar logo depois, um tempo depois. Eu peguei e comecei a usar outras drogas, experimentar, menos crack e heroína, eu acho que é o limite que todo mundo deveria parar. O bom seria não ir para cocaína, mas eu comecei a usar muita droga e tudo mais, e nessa época eu já gostava de basquete, porque o Brow, o Will e o John já eram meus colegas no fundamental. E a gente não jogava com a gurizada nem nada, só ficava que nem aqueles abobados que vão para a quadra só para meter arremesso, era a gente. Naquele tempo eu não acompanhava basquete nem nada, mas estava começando, comecei a acompanhar mesmo em 2016, assim, no fim da carreira do Kobe. Então eu comecei a achar o esporte como um refúgio, tanto para droga, como para certas amizades, acho que funciona como uma espécie de terapia para certas pessoas, sabe, como um refúgio tipo, vamos supor, briga doméstica dentro de casa, aí o adolescente ou a criança procura o esporte ali para dar um tempo pra cabeça, sair daquele ambiente, acho que é isso. (ENTREVISTA PAULISTA, 23/03/2020)

Quando fala de sua situação atual com relação ao uso de drogas, Paulista relata sobre o momento em que o uso mais agressivo passou a não fazer mais sentido para ele:

Não, eu já tive amigos próximos, que tiveram, um momento de onda forte, de tipo tu aconselhar o cara, faz isso, faz aquilo, a pessoa não escutar. Eu tenho alguns amigos que usam, mas eu estou sempre aconselhando, as vezes uma hora ou outra dá um estalo no cara, o cara resolve. Eu acredito nisso ainda. A cocaína eu parei faz dois anos já, dois anos e um pouquinho. A panca do negócio é uma merda, dá uma ressaca fudida no outro dia, uma depressão do caralho, eu estava usando mais quando eu estava muito cansado e queria dar um rolê, daí tipo eu bah, vou encher a cara, tu sabe que vai dar aquele ptzão²³, aí tu cheira, tu fica novo, por mais que vomite, tu tá novo, não importa. Eu estava usando mais por isso, e sei lá, eu não era a pessoa agressiva quando usava, era a pessoa que tentava sobreviver(riso) quando usava, porque meu coração parecia que ia sair pela boca, ficava calado num canto sem interagir com ninguém. Era uma coisa que estava sendo estúpida pra mim, e teve uma época aqui no bairro, que todos os meus amigos estavam cheirando, experimentando, toda aquela função. Tipo, o tempo inteiro, aí comecei a me afastar aos poucos, ficar mais em casa, e aí depois eu segui, voltei a sair depois de uns meses, e foi tranquilo, mas teve amigo meu, que com filho e tudo, ele cagou pro filho e família, fez a mesma coisa que eu, só que eu não tenho um filho para criar, eu não tenho essa responsabilidade, mas vários amigos meus com filhos preferindo usar drogas do que pagar pensão. (ENTREVISTA PAULISTA, 23/03/2020)

Nesse ponto, ele relata que suas amizades no basquete ajudaram a mudar sua relação com as drogas. Nos três trechos da entrevista abaixo, destaco a narrativa do Paulista sobre o lugar das amizades do basquetebol como essa rede de relações que constituiria o seu refúgio, não se tratando 'do esporte', mas de como o 'ambiente da

²³ Perda total, apagar de tanto beber.

quadra' e as pessoas que ali estão jogando se referem a outras relações, diferente daquelas de acesso e uso de drogas.

Eu sempre conheci um monte de gente no bairro, mas meus amigos mesmo são o Will, o John e alguns outros que não jogam, mas eles são o meu ciclo de amizade verdadeira ali. Agora o pessoal que eu saia para usar drogas, são mais conhecidos, porque amigo mesmo, ali um que outro, mas me afastei muito, e acho que foi bom pra mim. Eu parei para pensar assim, eu já curti pra caramba, já enlouqueci muito, já usei de tudo que pude, fiz tudo que pude, então está na hora de parar, estou no lucro. Coloquei a mão na cabeça, e porque estou usando isso, e se meus amigos tivessem colocado a mão na consciência, eu acho que a maioria não estava na merda que está hoje. Não vou dizer que eu esteja bem, a minha saúde está um pouco melhor, vamos dizer assim. A questão da droga não é só a questão da saúde, é a questão que tu gastas também muito dinheiro, porque tu pegas 20 reais de maconha tu passa o final de semana de boa, tu pegas 20 de cocaína, vai em minutos. Tu gastas em uma noite 400 reais, entendeu, e aí passa 3 dias virado, sem comer nem dormir, então é complicado. Eu consegui superar, graças a deus. O esporte em si me ajudou a afastar de muita amizade, porque como eu não saia muito no final de semana, eu saia só pra jogo, então daí tipo, poh, a gurizada do baska é mais light, tinha um ou outro fumando ali na quadra, mas era mais de boa, o baska foi um refúgio pra me afastar dessas amizades ruins, e manter um pouco melhor a saúde. (ENTREVISTA PAULISTA, 23/03/2020)

O esporte em si não vai evitar que o cara entre nas drogas, tu vais ser uma pessoa naquele ambiente, na quadra de basquete, mas na rua tu és outra pessoa, tem outras amizades, tem outro convívio, pensa diferente. Na quadra tu és o jogador, não tem como afirmar o que tu é fora. Tem muitos riquinhos que até traficam drogas, ficam viciadinhos, e na quadra não transparecem. Não é algo da favela. Por isso acho que é um contexto geral, não dá pra afirmar se vai evitar ou vai levar, porque muita gente, vou usar o skate como exemplo. O skate é discriminado um monte, principalmente no Brasil, nos EUA já é mais normal, mas tanto o skate quanto o basquete são muito criminalizados. Então as vezes tu estás julgando o cara porque ele só está querendo jogar basquete, mas tu não estás vendo que ele está tendo um refúgio ali, mas não tem como só o esporte sozinho evitar. (ENTREVISTA PAULISTA, 23/03/2020)

Comparado ao resto da gurizada, não é uma questão social, cada um tem as amizades que tem, e as vezes tipo, vou usar como exemplo um amigo do meu tio, que me deu "algum", é que no momento que tu começa a usar tu tornas teus amigos tua família, e tu esquece da tua família. Claro, eu não posso dizer a realidade dos outros, eu estou dizendo a minha, mas eu tenho uma família que é estruturada, mal ou bem é estruturada, não tenho problemas graves, ou coisas assim, mas eu peguei, estava abandonando minha família para usar drogas, e minha família me dando tudo do bom e do melhor, e sabe, o cara ali não valorizando o esforço das outras pessoas, e tudo mais, então eu acho que vai muito de quem tu te relaciona, o teu envolvimento com drogas e do teu pensamento, porque se tu tem curiosidade, não importa se tu tem amizade ou não, tu vai acabar usando. (ENTREVISTA PAULISTA, 23/03/2020)

O fato da rede de relações 'do basquetebol' criarem uma esfera de 'refúgio', isso não quer dizer a ausência de uso de drogas na Praça, mas que isso não ocorre de qualquer maneira. Enquanto traz seus relatos, Paulista fala sobre a necessidade

de se respeitar a todos que frequentam o local, inclusive os que não são usuários de drogas:

Eu acho que qualquer lugar, qualquer pessoa, tu tens que ter respeito quando usa drogas. Eu maconheiro, não vou gostar do cara fumando crack do meu lado, então eu penso da mesma forma, que uma família reunida na praça, com criança, não vai gostar de me ver fumando maconha ali, então é uma questão de ética, de respeito. Não é uma coisa que tipo... a gurizada as vezes passa do limite. Às vezes, tem domingão, a praça cheia, e os cara fumando maconha que nem louco, aí não dá. Depois os caras querem reclamar que estão tomando paredão²⁴, por que será? Tu tens que ter um respeito. (ENTREVISTA PAULISTA, 23/03/2020)

O que o Paulista expressa é uma aprendizagem das possibilidades de uso e de não uso de drogas na Praça, o que ocorre de maneira relacional, dependendo do 'clima do momento'. Isso, segundo ele, se deu pela 'malandragem' de lidar com as drogas, com outros usuários, com a polícia e com os próprios traficantes:

Eu tive boas experiências, acho que entrar no mundo da droga me deixou mais experiente, no sentido da malandragem, de como viver na rua e lidar. Porque hoje em dia tu conhece um magrão²⁵ de longe e já sabe se o cara usa ou trafica. Eu acho que quando se é muito conservador, tu ficas em um véu, tu não reconheces o crime de verdade, você vive em uma bolha. Eu não preciso estar envolvido no tráfico para saber tudo que acontece, mas os caras veem e me falam, porque são conhecidos. (ENTREVISTA PAULISTA, 23/03/2020)

Por fim, destaco ainda uma narrativa produzida pelo Paulista acerca da sua concepção sobre a presença de drogas na sociedade, que ela não fica restrita aquelas consideradas recreacionais e existem outras que causam problemas, vinculadas, por exemplo, à performance e à estética corporal.

Hoje tem muito mais casos de drogas nas diversas esferas, eu digo também que eles não usam só drogas (remédios), eles usam drogas também, alguns, então é complicado, o cara quer ter um alto nível, claro, o cara quer curtir a vida e ter um alto nível, só que não tem como, tu te injetando um monte de droga no corpo, né? Eu acho que assim, a gente não tem esse convívio, esse contato com pessoas que, eu por exemplo, não tenho nenhum amigo maromba que fica se injetando anabolizante, que mal ou bem, é uma droga que também é usada no esporte, eu acho que musculação até é considerada esporte. (ENTREVISTA PAULISTA, 23/03/2020)

Tinha o Zezinho que era da musculação, eu não cheguei a conhecer ele bem, eu fui conhecer ele melhor só depois que ele morreu, o John que foi me contando um monte de histórias, porque eu não sabia um monte coisas que ele fazia, o John quem me falou depois conversando sobre ele... (ENTREVISTA PAULISTA, 23/03/2020)

²⁴ Abordagem policial, revista policial.

²⁵ Sujeito, pessoa.

O Mosquito

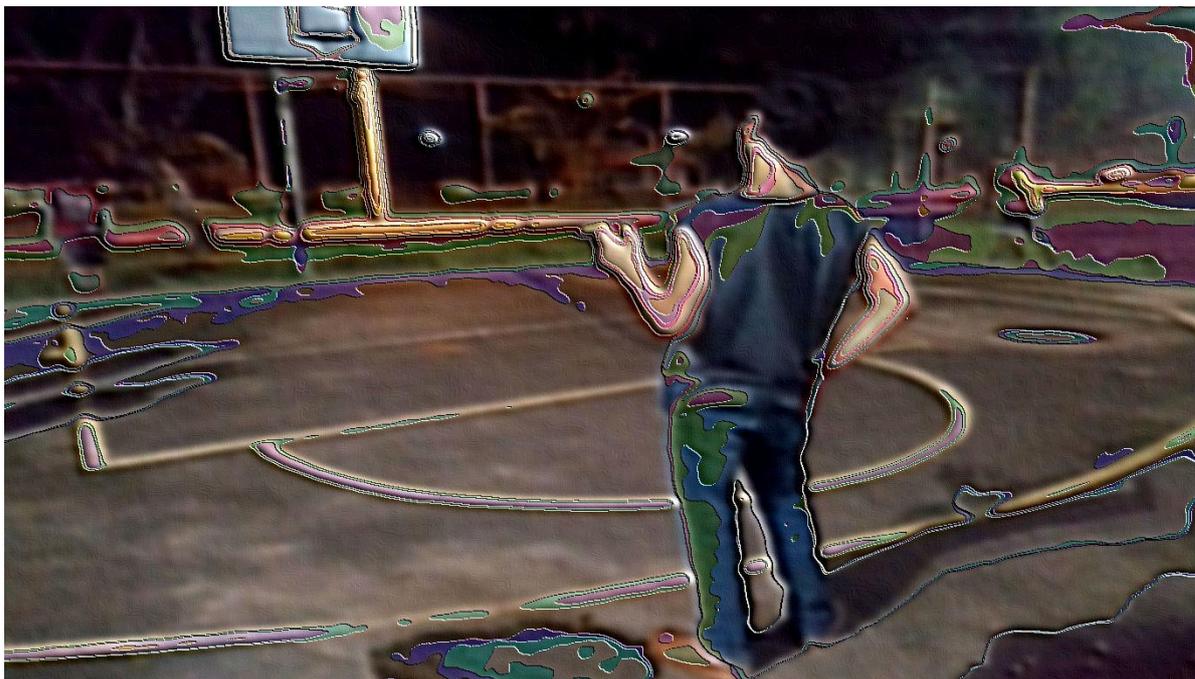
Para tratar do Mosquito apresento, inicialmente, um excerto do diário de campo de um dia de jogo em que ele estava presente. Registrei essa presença da seguinte forma:

Mosquito é frequentador da praça, para as mais variadas práticas de lazer, em uma gama de atividades. Morador de um bairro que fica a aproximadamente 5km de distância da praça, vem quase todos os dias andando de skate para seu local de diversão. Com seu grupo de amigos, costuma jogar basquete nos finais de tarde, seja fim de semana ou não, pois não tem nenhum tipo de trabalho. Normalmente passa as tardes e início da noite no entorno da praça, onde entre um jogo e outro de basquete, faz um intervalo para “relaxar”, fumando as vezes um cigarro vendido no comércio convencional, às vezes um cigarro comprado em uma das tantas ‘bocas de fumo’ que existem ao alcance de um ‘tiro curto’ de skate. Nos finais de semana, quando ocorrem os jogos ‘mais pegados’, quando os que jogam de forma mais competitiva, mas não conseguem frequentar a quadra durante a semana vão, é visível a dificuldade em jogar com o Mosquito no time. Alguns jogadores deixam bem claro seu descontentamento em ter que jogar com ele no mesmo time, outros são mais educados, e dão um jeito de simular um lance livre ruim na escolha dos times, de forma a não cair na mesma equipe que ele. Ele parece não se importar, pois segundo ele só quer se divertir e jogar um “baska” (termo utilizado na quadra, abreviação de basquete), sem se preocupar em vencer, o que irrita ainda mais os que são competitivos a cada bola perdida por excesso de ‘firulas’²⁶ ou desatenção, muitas vezes devido ao efeito do seu ‘baseado’²⁷. Após muitas partidas jogadas a seu modo, entre um cigarro lícito e algum cigarro ilícito durante os jogos (Figura 24), da mesma forma que chegou, Mosquito sobe em seu skate, pega a estrada e some, para alívio dos que querem vencer e procuram montar times mais fortes e sérios... (DC. 13/10/2018).

²⁶ Jogada sem propósito, rodeio, enrolação.

²⁷ Cigarro de maconha.

Figura 24 – Mosquito e seu baseado em uma paralização do jogo



Fonte: Acervo do próprio pesquisador

Conversando com ele durante os intervalos, eu apenas recuperando o folego, ele dando alguns ‘pegas’²⁸ em seu cigarro ‘normal’, como ele gosta de dizer, ao se referir ao cigarro convencional, falamos sobre o que estou estudando, qual o objetivo da minha pesquisa (estudar a relação esporte e drogas). Ele, que poderia ficar meio retraído, muito pelo contrário, se mostrou contente em saber que estou estudando essa temática, disse que gosta de jogar descompromissado e que ‘curte’ fumar sua maconha na Praça, e que acha que um não prejudica o outro, são dois prazeres distintos.

Quando peço para tirar a foto por toda a simbologia imbricada, com o cigarro e ao fundo o skate (figura 25), ele ainda brinca, dizendo “Bah, que pena que agora não tenho mais o beck pra tirar a foto, ia ficar muito maneira né? Imagina a fumaceira saindo em direção a câmera! Mas amanhã se tiver game de novo eu trago e tu tira a foto, tá?” (DC, 01/04/2019)

²⁸ Tragadas.

Figura 25 – Um cigarro ‘licito’ entre um game e outro



Fonte: Acervo do próprio pesquisador

No entanto, nos dias que se seguiram não foram possíveis novas fotos ou entrevistas. O Mosquito, que lá no início do trabalho, tinha se apresentado como um dos interlocutores, por ser um garoto de fácil acesso, descontraído e que gostava de falar, e ao que tudo indicava, iria me render muitas páginas de material. Porém, o que aconteceu é que ao longo do tempo, sua frequência na quadra foi se tornando cada dia mais rara, até finalmente cessar. E, ao questionar sobre como conseguiria contato dele junto aos seus amigos mais próximos, me foi dito que seria muito difícil, pois não tinha telefone celular, visto que não durava muito tempo com um e acabava por vender para comprar drogas, e que sua companhia tinha se tornado nociva demais, com muitas ‘*bad trips*’²⁹, ao ponto em que os seus antigos amigos se afastaram, e que agora ele estava com um pessoal mais da ‘pesada’³⁰.

Em uma noite de inverno, voltando para casa após um dia de trabalho, acabo por cruzar por ele entrando em uma conhecida boca de fumo da região, bem mais

²⁹ Termo advindo do idioma inglês, para descrever uma viagem ruim, no caso, quando se usa algum tipo de droga.

³⁰ No sentido de perigoso.

magro que o habitual, e com menos roupas do que o clima daquela noite pedia. Chamo por ele, eu de carro, e ele em seu skate, ele parece perceber e acelerar, não sei se por desconfiança ou por não me reconhecer. O fato é que nunca mais consegui ter contato com ele depois disso.

4.2 As narrativas sobre o drama do colega Amaury

Como já mencionei anteriormente, uma das tarefas de quem desenvolve a pesquisa etnográfica na perspectiva da duração envolve arranjar um cenário de evocação para, com ele construir as narrativas. Um dos pontos importantes, nesse sentido, foi provocar os personagens-narradores (Wlamir e Paulista) a tratarem de um dos membros do grupo que faleceu e que é considerado como uma 'perda para as drogas'. Também apresento minhas narrativas como pesquisador-personagem-narrador e, além disso, busquei entrevistar uma das irmãs do Amaury, procurando abordar justamente a questão do grupo de basquetebol.

A situação do Amaury foi muito importante para esta pesquisa. Sua trajetória motivou a sua realização, como uma espécie de estopim inicial de tantos questionamentos. Em uma das experiências vivenciadas com o grupo do basquete, sem sombra de dúvidas a mais marcantes entre os amigos de 'game', foi a do Amaury. Morador da mesma rua que eu, acompanhei ele e suas irmãs crescerem. Nasceu em Porto Alegre, no meio da década de 90. Criado sozinho por sua mãe, que obrigada a trabalhar muito para sustentar a família, visto que o pai não lhe assumiu as responsabilidades, não teve outra alternativa a não ser deixar o bebê com a avó. Com essa configuração familiar, não demorou para que ele chamasse a avó de 'mãe' e sua mãe de 'nina', como me relata sua irmã.

Sua mãe, depois de conseguir arrumar sua vida, teve como primeira ação trazer Amaury, com 5 anos de idade, para morar consigo. Próximo aos 10 anos de idade, sua irmã conta que Amaury teve realizado o seu sonho de finalmente ter um pai, com sobrenome e tudo, assim como os outros garotos da escola, pois sua mãe, depois de algum tempo, veio a conhecer o pai de suas 3 irmãs, e que lhe assumiu tanto no papel como na vida.

Dois anos após, se mudaram para o novo bairro, local onde o caminho com o grupo de basquete iria se cruzar com o de Amaury. Estudou até o 5º ano do fundamental, para ajudar a mãe nas despesas de casa, após ela se separar. Quando

fizeram 15 anos de idade, duas de suas irmãs foram morar com o pai. Assumi o papel ‘de homem da casa’³¹, sendo considerado por sua irmã mais nova como um pai-irmão. Sempre elogiado por todos por ser muito inteligente, ajudando suas irmãs nas tarefas escolares até o fim do 8º ano do fundamental. Um pouco dessa rotina pode ser acompanhada no relato de uma de suas irmãs:

Ele sempre trabalhou, ajudava minha mãe cuidar das gurias e de mim, foi meu pai, onde fez todo o papel de pai mesmo! Minha mãe contava, que ele sempre gostou de basquete, era o refúgio dele, ele começou numa quadra, e viram ele jogando na quadra do Bairro, ofereceram para ele dar aula de basquete para crianças, ele deu um pouco, mas não continuou, porque ele trabalhava para ajudar a mãe e cuidava de nós. Teve convite também para jogar profissional, mas recusou porque ficaria longe de casa(risos) (ENTREVISTA IRMÃ AMAURY, 11/05/2020)

Quando adquiriu sua primeira bola, sua irmã diz lembrar como se fosse ontem, era uma bola amadora, azul, e o quanto Amaury estava contente, tinha um sorriso de orelha a orelha. Ainda segundo o relato de sua irmã, a primeira de 9 bolas que viria a comprar, a cada ‘aposentadoria’ da anterior, resultado do desgaste causado pelos jogos disputados na quadra de cimento abrasivo, que aos poucos ia deixando-a cada vez mais sem ‘grip’, sem contar o trajeto entre sua casa e a quadra, em que se ia com os amigos, quicando a bola ao longo do caminho, treinando o drible, fazendo do percurso de aproximadamente um quilômetro um momento de diversão e aprimoramento dos fundamentos.

Seu início na quadra do bairro foi com um grupo de amigos, Toddy e Bale, sendo esse segundo, Bale, um amigo muito próximo, vizinho desde a infância, tido como um de seus pilares. Como quase todos que passaram a jogar, Amaury inicialmente começou a se inserir no grupo de forma tímida, dando seus arremessos do outro lado da quadra, com uma das tantas bolas levadas nos finais de semana pelo grupo. No contexto do grupo, que considerava ‘ser alto’ uma vantagem, apesar de sua estatura pequena, era reconhecido por ser ‘um garoto veloz’ e que tinha ‘bom quique de bola’, e que, assim, começou a se destacar. Desde muito novo sempre demonstrava muita garra e vontade de vencer.

Assim como muitos dos que frequentavam a praça ele começou desde muito jovem a consumir maconha. E constantemente jogava sob seu efeito. Com o passar dos anos começou a se drogar com ‘crack’, substância reconhecida entre os membros

³¹ Termo nativo, verossimilhante na narrativa da entrevistada, diz respeito a estrutura familiar, quando não existe a figura do pai, uma figura provedora do sustento ou que ajude na subsistência dos demais membros e que se torna o ‘homem da casa’.

do grupo como uma das mais nocivas, sobretudo pelos relatos e históricos conhecidos de prejuízos para famílias e garotos que tinham um futuro promissor, mas que ‘acabaram se enterrando com o crack’.

No caso do Amaury não foi diferente, pois com o consumo dessa droga vieram as complicações e importunações. Antes um garoto querido por todos, começou a ser evitado na rua, já que na maior parte das vezes em que encontrava um conhecido, o abordava pedindo dinheiro emprestado de forma insistente para completar uma passagem de ônibus, para comprar um remédio, para empenhar um tênis, ou seja, todo tipo de subterfúgio afim de conseguir dinheiro para sustentar seu vício. Eu, assim como outras pessoas, em diversas oportunidades acabei por trocar o caminho quando via ao longe ele com o andar característico de quando estava sob efeito das drogas, um andar nervoso, desconfiado e ao mesmo tempo expansivo, e quando estava dobrando a rua e escutava ele chamar ao longe fazia de conta que não tinha escutado, para não ter que falar com ele e sua insistência em pedir dinheiro para o vício.

Com sua relação cada vez mais profunda no mundo das drogas, boa parte das interações entre ele e os praticantes do basquete se limitavam ao jogo. Independentemente de estar ou não sobre efeito das drogas, Amaury era reconhecido e valorizado entre membros do grupo pela sua vontade em vencer. Sempre correndo mais que todos, não tinha bola perdida, passe difícil ou jogo definido. Não ia embora de quadra sem ganhar pelo menos uma partida, pois, segundo manifestava, não conseguia nem dormir se não vencesse pelo menos um ‘game’, o que gerava brincadeiras e zoações no grupo.

No entanto, essa relação mais destrutiva com as drogas parece ter tido um gatilho, conforme relata sua irmã. Em uma noite, em uma das várias em que passava se divertindo com os amigos após uma semana de trabalho concluída, no que se desenhava o cenário ideal para recarregar as energias, não foi o que aconteceu, como se pode acompanhar no trecho a seguir:

Na praça central do bairro, se não me engano era grenal³², o Bale era muito brigão, e tinha uns caras encarando-o, Amaury estava no bar, bebendo junto de uns amigos, Bale veio até ele, falou que o cara estava encarando ele, e pediu para que Amaury fosse conversar com o guri junto. Amaury pediu para ele esquecer, deixar pra lá. Ele não escutou, foi sozinho, e na briga quando Amaury viu, o guri deu 7 facadas em Bale, que morreu nos seus braços. Amaury chegou em casa em um desespero, chorava, chorava, chegou caindo

³² Clássico de futebol, disputado entre os times do Grêmio Football Porto Alegre e o Sport Club Internacional

no chão, cheio de sangue, a mãe se sentou no chão, pegou ele no colo, e chorava junto com ele (ENTREVISTA IRMÃ AMAURY, 11/05/2020).

Com a morte de seu amigo, segundo relato de sua irmã, Amaury entrou em depressão, pois se considerava culpado pela morte, por não ter ido junto quando ele chamou, não se perdoando com o desenrolar dos fatos. Depois do ocorrido, todas as datas comemorativas, como natais e aniversários, Amaury sempre falava sobre o amigo com muito amor e tristeza, chorando em todas as vezes. Conforme sua irmã, foi onde ele se jogou nas drogas mais pesadas e na bebida, e abandonou o basquete.

Após ficar muito tempo longe do basquete, com a insistência do Zezinho, um amigo da quadra, que jogava com ele ‘nas antigas’³³, e que foi diversas vezes na casa de Amaury para o chamar para jogar, ele finalmente cedeu e voltou para o basquete. No entanto, nunca mais foi o mesmo depois de perder seu amigo. Em uma dessas datas, mais precisamente seu aniversário, ocasião que mexia demais com ele, por ter um intervalo de 10 dias entre seu aniversário e o de Bale, tentou tirar sua vida, conforme se pode acompanhar no depoimento de sua irmã:

Nesse dia eu estava em casa, não deixei, ele ficou no chão e eu agarrada dele, pedindo para ele nunca mais fazer, eu chorava e ele em desespero, falava que não aguentava mais, e eu chorava porque meu maior desejo era tira a dor dele, e ele dizia: Mana eu te amo, desculpa o mano... E a mãe ficou sentada na frente de nós, bem forte, chorou um pouco e ali ficou. Fiquei abraçada nele até ele dormir. No outro dia, ele se levantou preparou o café da manhã, comemos eu ele e a mãe, depois almoçou, de tarde ele fez um bolinho e as 18 horas foi jogar basquete e eu fiquei em casa esperando ele, porque ele não gostava quando eu ia, porque tinha muito guri, e ele morria de ciúmes (risos). (ENTREVISTA IRMÃ AMAURY, 11/05/2020)

Naquele dia, voltou sorrindo do basquete, como sempre voltava depois de cada tarde do jogo, como se todo o peso do dia sumisse e ele estivesse leve, realizado, segundo o relato da irmã. Em um trecho da entrevista de Paulista, um dos amigos em quadra, é possível perceber essa ‘leveza’ que sua irmã cita, o quanto ele ficava bem dentro da quadra de basquete, praticando aquele esporte. Eis um dos trechos em que Paulista comenta sobre sua percepção de Amaury:

Eu acho que a diferença, eu conheci o Amaury, o Amaury, por mais que ele usasse as drogas e tal, ele não era um ‘cuzão’, ou coisa assim, ele não era agressivo, era de boas, pelo menos na visão ali na quadra era isso que eu tinha. Não posso também afirmar nada. Mas tinha o outro que usava, que era o oposto, ele era muito louco também. (ENTREVISTA PAULISTA, 23/03/2020)

³³ Termo nativo, utilizado quando se quer falar de alguma parceria, amizade ou grupo específico de um tempo passado, de outra época.

Contextualizando como ele o conheceu, e como percebia a personalidade de Amaury, Paulista continua:

Naquela época (quando estava aprendendo a jogar), eu o conheci junto com o Sávio e o James, né. E o Waldemar raramente eu via, mas era quase certeza que estavam sempre na quadra, 'torrando'³⁴. Eu cheguei a jogar, mas eu não aprendi a jogar com o Amaury, como o Diogo, por exemplo. Ele eu sabia que usava os bagulhos, o outro cara não. Depois que eu fui descobrir, tipo do Amaury descobri logo de cara, porque me falaram, daí eu tipo bah meu, não pode, o cara é maior gente boa e tal, tu não acreditava pela pessoa que ele era, mas o outro cara já tinha o jeitão, e o cara já desconfiava, assim, e também eu o via maltratando algumas pessoas as vezes, gritando, sendo estúpido, porque ele também nunca estava normal... (ENTREVISTA PAULISTA, 23/03/2020)

Outro amigo de Amaury, Wlamir, o prefeito da praça, traça um paralelo sobre a trajetória de Amaury na quadra, sua vivência no esporte e sua mudança de comportamento, como é possível ver no texto abaixo:

Voltando a questão do esporte que ensina, eu pude ver, por exemplo, de certa forma, a evolução que o Amaury teve ao nível do esporte, que ele aprendeu, que ele gostava do jogo, e que ele mudou a postura em quadra, porque quando ele chegou, ele não queria perder, ele simplesmente mudava o placar, ele mudava o placar. Depois que ele aprendeu o esporte e que ele ia competir justamente, ele dava o placar correto, isso eu me lembro, cansava de estar um X placar e o placar dele estava a mais, aí tu dizias não, não tá. Ai depois, por qualquer coisinha, alguém falava um placar errado, e ele mesmo que fosse pra menos, ele dizia o placar correto, porque ele queria ganhar justamente. E eu pude ver essa evolução e depois a queda dele. Porque aí depois, quando ele já estava com dificuldade pelo uso de drogas, e dava os reflexos, ele voltou de novo a querer roubar no jogo. Então, ele perdeu um pouco do... sei lá, da essência. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019)

Como é possível perceber nos relatos dos amigos de Amaury, ele era visto como uma pessoa querida por todos, e que a droga acabou por modificar de forma visível sua forma de interagir com o mundo conforme ele se envolvia com elas de forma mais intensa.

Em um dia, depois de mais uma noite na rua atrás de drogas, abordando a todos que via pedindo algum dinheiro emprestado ou tentando empenhar os bens de sua casa, como o tênis novo de sua irmã mais nova, gerando brigas com os seus familiares, Amaury se enforcou no quarto. Esse fato causou muita comoção entre todos da quadra, pois nos fez repensar sobre como deveria ser a vida do nosso amigo. Wlamir, ao falar sobre esse episódio, expressa uma percepção sobre o esporte na vida de Amaury:

³⁴ Termo nativo utilizado quando o pessoal joga nos horários de sol alto, quando ainda está muito quente, significa que passam muito tempo em quadra

Existe todo um trabalho psicológico envolvido por trás, tem toda uma questão familiar que a gente sabe que envolve para que uma pessoa saia do mundo das drogas, mas a gente sabe, tem vários amigos aí, pelo menos uns dois que a gente sabe, que tenham acabado perdendo a vida por conta das drogas, e eu não sei o Amaury, que foi um deles que faleceu, que talvez ele tenha vivido um pouco mais porque justamente ele praticava o esporte. Que era o momento dele ali, de esquecer os problemas que ele tinha, com drogas, com falta de dinheiro, com toda a questão de vulnerabilidade que ele andava, e de naquele momento ele poder ganhar o jogo, e sair bem dali e tudo, pro próximo dia. (ENTREVISTA WLAMIR, 20/10/2019)

O sentimento de perda externado por Paulista vai além do entendimento da perda física causada pelas drogas, mas da perda de Amaury enquanto ser humano:

E ele era um cara que jogava basquete bem, então ele perdeu toda a essência, o talento que ele tinha em quadra, porque mal ou bem, ele era dedicado ao basquete, então, ele jogou tudo fora por uma escolha ruim, a pessoa tem que pensar o que ela prefere. (ENTREVISTA PAULISTA, 23/03/2020)

Essa percepção de que as drogas acabam por destruir o indivíduo de ‘dentro para fora’, com a perda da sua ‘essência’, também foi descrito por Wlamir ao refletir sobre como Amaury se perdeu ‘enquanto pessoa’, quando começou a usar as drogas de forma mais destrutiva. Segundo esse interlocutor, isso tinha relação com a forma como ele voltou a ‘trapacear’ no jogo para vencer, alterando o placar, inclusive usando o mesmo termo ‘de perder a essência’.

* * * * *

Na perspectiva da etnografia da duração, o que procurei trazer acima envolve a dialética entre identidade (perpetuação da mesma) e ipseidade (manutenção de si). Nessa dialética, as narrativas produzidas e transcritas trazem elementos sobre como os personagens-narradores conectam lembranças de fatos, eventos, episódios, histórias acerca da relação entre esporte (grupo de sociabilidade esportiva de basquetebol) e as experiências vinculadas às drogas (não apenas de uso, mas também de convivência, de comportamentos, de dramas, etc.). Mas, buscando uma perspectiva compreensiva, o que amarra essas lembranças? Quais são as chaves interpretativas que me permitem entender suas presenças e ausências?

Em que pese o basquetebol (ou melhor a rede de sociabilidade esportiva de basquetebol), pude compreender que as narrativas são conectadas e são agenciadas, sobretudo, por duas questões: é uma experiência de relações sociais (esportivas) que

vêm da escola e dos coleguismos de vizinhança, do universo das relações estudantis e da contiguidade, que implica no processo de aprendizagem e domínio de habilidades, de aperfeiçoamento, de pegar o jeito, mas que está marcado por uma espécie de continuidade de um conjunto de relações significativas; nessa continuidade está presente a disputa entre o 'jogar por diversão' e o 'jogar para vencer', incomodando aquele que não entra para competir (as firulas, as desatenções) e valorizando aquele que joga coletivamente para vencer no limite dos constrangimentos das etiquetas singulares ('regras oficiais' do grupo), mesmo que não seja alto ou não demonstre maior/melhor 'talento'.

Já, no que diz respeito às drogas e suas relações com o grupo de basquetebol, pude compreender a existência de dois elementos de conexão que marcam as narrativas. O primeiro deles é o que se pode chamar de 'efeito protetor' do grupo, não no sentido de evitar o uso de drogas propriamente, mas de afastar, ainda que momentaneamente/situacionalmente, as pessoas de uma rede de amizades considerada nociva. A construção narrativa leva a crer na figuração do grupo de basquetebol como 'amizades boas', onde inclusive o uso recreativo de drogas, para relaxar, está no contexto, porém isso distante – relacionalmente – de 'amizades ruins', sendo estas aquelas que acentuariam usos nocivos de drogas, tanto para os próprios usuários, como para aqueles com os quais ele vive ou se relaciona.

Mesmo na medida em que a relação com o uso nocivo de drogas se aprofunda (proximidade das 'amizades ruins') o lugar do grupo de basquetebol (as 'boas amizades') se mantém abertas. O Amaury era evitado nas ruas pelas complicações e importunações, mas permanecia 'como membro' enquanto valorizasse as relações advindas da juventude estudantil e da vizinhança, assim como enquanto jogasse para vencer em acordo com as etiquetas do grupo. Se 'perder para as drogas', 'fazer escolhas ruins', 'perder sua essência', tal como pude compreender, tem a ver com esse distanciamento 'do grupo' e aquele que ele representa como um modo de ver e de viver a cidade e o bairro (o que foi analisado no capítulo anterior).

Em continuação a isso, o segundo elemento de conexão das narrativas e de compreensão das relações do esporte com as drogas, tem a ver com a noção de refúgio várias vezes mencionada. A prática de basquetebol no grupo, na Praça, resgata a dialética entre identidade (perpetuação da mesma) e ipseidade (manutenção de si) no contexto de uma construção positiva e dos desejos da vida naquele bairro de periferia, isto é, distanciada dos problemas. 'Dar um tempo para a

cabeça', 'esquecer dos problemas', voltar contente, retornar com leveza para a casa depois do jogo, não se relaciona com a ausência de drogas ou do tratamento dessa temática pela lógica da proibição, mas narrar-se como parte de um universo urbano que 'luta contra a violência' e que valoriza o cuidado uns com os outros na ausência ou abandono do Estado que fecha os seus muros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esse trabalho, busquei compreender de que forma os habitantes da periferia de Porto Alegre atribuíam significados para a relação entre esporte e drogas, carregando esses significados com toda a bagagem adquirida ao longo de suas jornadas, as suas histórias e vivências perpassando todo o conjunto de relações, relatos e construções, suas vitórias e dramas, atribuindo uma linearidade que só parece ser possível com todos esses elementos elencados anteriormente dialogando entre si.

Ao longo do desenvolvimento do trabalho, as questões de ancoragem da revisão de literatura perpassaram o pensamento presente dos interlocutores, ainda que não voluntariamente, demonstrando o quanto esses discursos estão presentes na sociedade, e não apenas no meio acadêmico, sendo eles o esporte como ferramenta social, a crítica a uma visão simplista entre o esporte e as drogas e a problematização das políticas públicas utilitaristas e focalistas.

No tópico sobre o esporte como ferramenta social, que afasta das drogas, que prepara o caráter do indivíduo, que ajuda a tornar o praticante da atividade esportiva mais resiliente, quando passamos a acompanhar os relatos de trajetórias dos praticantes de basquete naquela praça da periferia de Porto Alegre, naquele universo essa percepção não se confirma completamente, ou pelo menos, não da forma como se faz pensar em alguns textos.

Ao longo dos relatos é possível perceber que uma parcela significativa de eventos que afastam ou aproximam o indivíduo das drogas tem toda uma bagagem adquirida ao longo da própria formação como ser humano, desde sua infância, como desenvolvimento socioeconômico, estrutura familiar, local onde cresceu estar ou não em situação de proximidade com a violência e o tráfico, e que o esporte, por muitas vezes, pode contribuir para a aquisição de certos preceitos e valores elencados anteriormente, mas muito mais relacionados ao respeito pelos que se encontram naquele local, como o não fumar maconha quando tem uma criança perto, ou deixar para usar mais afastado para não constranger os que não são usuários, do que algo que efetivamente tenha impacto no seu uso regular desses compostos por parte do mesmo. Um fato relatado que tem impacto positivo é que o ambiente com amigos que não usam drogas ajudada a espairer, não ficar só com amigos que estão a todo

momento pensando em drogas, acabava por diminuir também a procura da droga por parte do usuário/jogador. No entanto, não se pode atribuir uma associação do tipo causa-efeito.

Quanto a crítica simplista sobre a relação entre esporte e drogas, talvez um dos pontos mais polêmicos entre os textos analisados, com resultados ora considerando os dados conflitantes, ora demonstrando que os jovens com maior engajamento na prática esportiva acabavam por ter o maior consumo de drogas entre os participantes, somente corrobora com a necessidade de se evitar esse discurso simplista, de que o esporte por si só tem o poder de tirar das drogas, pois diversos dos pontos acabam por ser desmitificados no trabalho, como o de que eliminando o tempo ocioso com esportes se evita o uso de drogas, quando nos relatos e observações dos praticantes de basquete, o que se constata não é a ausência, mas sim a presença constante e rotineira das drogas naquele universo, sem que a pauta de que o uso de drogas não deveria pertencer aquele lugar sequer fosse cogitada de ser levantada.

Quanto ao último eixo, a problematização das políticas públicas utilitaristas e focalistas, com o trabalho foi possível perceber que existe uma lacuna, um vazio deixado por essas políticas públicas, pois as drogas fazem parte da realidade da sociedade em geral, como relatam alguns dos interlocutores, não sendo somente um problema dos classes mais humildes, e que ações voltadas somente para esse ou aquele grupo acabam por ser ineficazes, na medida em que não atingem todos os que necessitam dessas ações. A constante necessidade de se atrelar o esporte a essa ou aquela finalidade, a esse ou aquele grupo social, acaba por dificultar o mais básico dos direitos, garantidos em nossa constituição, que é o direito ao esporte e lazer. Como é possível perceber no texto, ao longo desses anos, mais de duas décadas, o grupo só se manteve ativo e com um local para a prática em grande parte por suas próprias forças, pois em um primeiro momento, quando a violência atingiu o bairro no episódio da depredação da escola, a escolha dos governantes foi a mais simples, acabar com o acesso ao único local em condições da prática do basquete em todo o bairro, e somente com a dedicação e perspicácia do coletivo de jogadores, é que a adoção da quadra na praça tornou essa continuidade possível. No momento em que aquela comunidade estava passando por um momento crítico, do aumento da violência, ao invés de maiores ações por parte do poder público, para mudar esse cenário, com a integração de diversas esferas, o que se percebeu foi retirar um direito básico do cidadão.

Esse estudo foi conduzido ao longo de uma pandemia que fez a sociedade repensar a importância de muitas coisas. Assim como quase tudo nesse período, foi afetado pela dificuldade em acessar os interlocutores, o cancelamento dos jogos e todos os eventos que vieram com a mesma. Existem muitos pontos que seriam pertinentes avançar ainda mais, aprofundar mais, mas que nesse contexto não é possível. A pesquisa apresenta pontos importantes e que sinalizam indicativos para desdobramentos futuros, partindo da premissa de que tão importante quanto trazer respostas é possibilitar novas perguntas. Com essas limitações, espero ter contribuído para o debate acadêmico de forma positiva, e que novos estudos sejam produzidos nesse universo, enriquecendo ainda mais esse debate no futuro.

6 REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P.P.M. **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 37-73.

ALVES, J. A. B.; PIERANTI O. P. O estado e a formulação de uma política nacional de esporte no Brasil. **RAE-eletrônica**, São Paulo, v. 6, n. 1, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-56482007000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 11 abr. 2020.

ASUMPÇÃO, Luís Otávio Teles; NINA, Afonso Celso. Investigando a construção do estilo esportivo de vida por intermédio do conceito de habitus de Pierre Bourdieu. **Journal of Physical Education**, v. 21, n. 2, p. 303-312, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/download/5769/6062>>. Acesso em 21 abr. 2020.

BARBANTI, V. J.. 2. ed. **Dicionário de educação física e esporte**. São Paulo: Manole, 2005.

BARTUNEK, Jean M.; SEO, Myeong-Gu. Qualitative research can add new meanings to quantitative research. **Journal of Organizational Behavior**, v. 23, n. 2, p. 237-242, 2002. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/4093733?seq=1>>. Acesso em 13 jan. 2020.

BASSANI, Jaison. J.; TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre F. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-112, 2003. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1153/115317989006.pdf>>. Acesso em 23 jan. 2020.

BEDENDO, André; NOTO, Ana R. Sports practices related to alcohol and tobacco use among high school students. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 37, n. 2, p. 99-105, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462015005041389&script=sci_arttext>. Acesso em 3 jan. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro; Editora Marco Zero Limitada, 1983.

BUCHER, R. **Drogas: O que é preciso saber**. São Paulo, Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo, 1992. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/sms-2605>>. Acesso em 3 jan. 2020.

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES, Porto Alegre. Ata da Segunda Sessão Extraordinária da Primeira Sessão Legislativa Extraordinária da Décima Sétima Legislatura, em 02-01-2017. Porto Alegre, 2017a. Disponível em: <http://www.camarapoa.rs.gov.br/sessoes_plenarias/272/documentos/1441/download>; Acesso em 04 fev. 2018.

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES, Porto Alegre. Ata da Quadragésima Sexta Sessão Ordinária da Primeira Sessão Legislativa Ordinária da Décima Sétima

Legislatura, em 25-5-2017. Porto Alegre, 2017b. Disponível em: < http://www.camarapoa.rs.gov.br/sessoes_plenarias/333/documentos/1500/download >; Acesso em 04 fev. 2018.

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES, Porto Alegre. Ata da Sexagésima Quinta Sessão Ordinária da Primeira Sessão Legislativa Ordinária da Décima Sétima Legislatura, em 12-7-2017. Porto Alegre, 2017c. Disponível em: < http://www.camarapoa.rs.gov.br/sessoes_plenarias/355/documentos/1524/download >; Acesso em 04 fev. 2018.

CARMO, Michelly Eustáquia do; GUIZARDI, Francini Lube. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, p. e00101417, 2018. Disponível em: < <https://www.scielo.org/article/csp/2018.v34n3/e00101417/> >. Acesso em 3 jan. 2020.

CORREIA, R. F. A atividade física e o dependente químico em recuperação. **Sprint – Body Science** – Março/Abril, 2002.

CORREIA, M. M..Projetos Sociais em Educação Física, Esporte e Lazer. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, SP, v. 29, n. 3, p. 91-105, mai. 2008.

Disponível em: <[https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/dcefs/Prof. Adalberto Santos2/20-projetos_sociais_em_ef_esporte_e_lazer14.pdf](https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/dcefs/Prof._Adalberto_Santos2/20-projetos_sociais_em_ef_esporte_e_lazer14.pdf)>. Acesso em 3 jan. 2020.

CORTES NETO, Ewerton Dantas; DANTAS, Maihana Maira Cruz; MAIA, Eulália Maria Chaves. Benefícios dos projetos sociais esportivos em crianças e adolescentes. **Saúde & Transformação Social/Health & Social Change**, v. 6, n. 3, p. 109-117, 2015. Disponível em: < <http://stat.entrever.incubadora.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/3561> >. Acesso em 9 jan. 2020

COSTA, Liliane Emmanuelle Pinto da. **Histórico de atividade física de dependentes químicos de crack em tratamento na Fazenda do Sol em Campina Grande-PB**. UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, 2013.

DA MATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou Como Ter'Anthropological Blues'. **A Aventura Sociológica: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social**. E. d. O. Nunes. 1978.

DA ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. **RUA**, v.16, n.1, p.121-145, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/download/8638850/6456/>>. Acesso em 9 jan. 2020.

DUMAZEDIER, J.. **A Revolução Cultural do Tempo Livre**. São Paulo, SP: Studio Nobel, 1994.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. O tempo e a cidade. **Porto Alegre: Editora da UFRGS**, 2005. Disponível em: <<http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/download/371/309>>. Acesso em 19 mar. 2020.

ECKERT, Cornelia; DA ROCHA, Ana Luiza Carvalho. Etnografia: saberes e práticas. **Illuminuras**, v. 9, n. 21, 2008. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/30176/000673630.pdf>> Acesso em 19 mar. 2020.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. Pdf. In: Rosana Guber (org.) . **Trabajo de campo en America Latina**. Buenos Ayres, Paradigma indicial, 2018. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4963009/mod_resource/content/3/rbde10_06_claudia_fonseca.pdf>. Acesso em 19 mar. 2020.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. **A interpretação das culturas**, v. 1, p. 3-21, 1989.

GIL, Gilberto; FERREIRA, Juca. A cultura, o Estado e os diversos usos das “drogas”. **Drogas e cultura: novas perspectivas**, p. 13-22, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16166/1/Drogas%20e%20Cultura.pdf>>. Acesso em 22 mar. 2020.

GOMES JUNIOR, Antonio Bernardino; CAPUTO, Gabriel Alonso. **A INCLUSÃO SOCIAL E O ESPORTE NA INFÂNCIA: Um estudo de caso no Centro Municipal de Educação Integrada de Penápolis-SP**. SALESIANO, Centro Universitário Católico, 2014. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/59205.pdf>>. Acesso em 19 mar. 2020.

GRAEFF, Lucas. **O " mundo da velhice" e a cultura asilar: estudo antropológico sobre memória social e cotidiano de velhos no Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre**. 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5466/000515601.pdf?sequence=1&locale-attribute=pt_BR>. Acesso em 19 mar. 2020.

HUTZ, Claudio S.; KOLLER, Silvia H.; BANDEIRA, D. R. Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. **Coletâneas da ANPEPP**, v. 1, n. 12, p. 79-86, 1996.

HUTZ, Claudio Simon; KOLLER, Sílvia Helena. Questões sobre o desenvolvimento de crianças em situação de rua. **Estudos de psicologia (Natal)**. Vol. 2, n. 1 (jan./jun. 1997), p. 175-197, 1997.

LEITE, Bibiana Gonçalves; HECKTHEUR, Luiz Felipe Alcantara. Concepções de coordenadores do programa mais educação em funcionamento na cidade do Rio Grande-RS sobre o serviço social e a Educação Física. **Revista Didática Sistemica**, v. 17, n. 1, p. 176-186, 2015. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/redsis/article/download/5917/3675>>. Acesso em 26 mar. 2020.

LORENTE, Fabrice O. et al. Participation in sports and alcohol consumption among French adolescents. **Addictive behaviors**, v. 29, n. 5, p. 941-946, 2004. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0306460304000498>>. Acesso em 19 mar. 2020.

MAGALHÃES, Filipe Pitágoras Rodrigues. **Efeitos de um programa multiesportivo como parte do tratamento da dependência de crack e outras drogas**. UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO, Petrolina, 2017.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. ETNOGRAFIA COMO PRÁTICA E EXPERIÊNCIA. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832009000200006&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em 24 mar. 2020.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/107/10704902.pdf>>. Acesso em 25 mar. 2020.

MANTEROLA, Carlos et al. Systematic reviews of the literature: what should be known about them. **Cirugía Española (English Edition)**, v. 91, n. 3, p. 149-155, 2013. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2173507713000914>>. Acesso em 28 mar. 2020.

MARCUS, George E. Etnografia no sistema mundial. O surgimento da etnografia multilocal. **Alteridades**, n. 22, p. 111-127, 2001. Disponível em: <<https://alteridades.izt.uam.mx/index.php/Alte/article/download/388/387>>. Acesso em 28 mar. 2020.

MATOS, Joana Bastos; ANDRADE, Alexandre. Intervenção do profissional de Educação Física em jovens em situação de risco social: a contribuição da Psicologia do Esporte. **Conexões**, v. 9, n. 2, p. 153-176, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/download/8637705/5396>>. Acesso em 30 mar. 2020.

MOLINA NETO, Vicente. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da educação física. In: Molina Neto, V. Triviños, A. N. S.. (Org.). **A pesquisa qualitativa em educação física: alternativas metodológicas**. 2a.ed.Porto Alegre: UFRGS/SULINA, 2004, v. 1, p. 107-139.

MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea: Trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre**. 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/67002/000869338.pdf?sequence=1>>. Acesso em 30 mar. 2020.

NOGUEIRA, Quéfren Weld Cardozo. Esporte, desigualdade, juventude e participação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 1, p. 103-117, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892011000100007&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em 2 abr. 2020.

OLIVEIRA, Ana Amélia Neri; DE ALMEIDA SUASSUNA, Dulce Maria Figueira; TROMPIERI FILHO, Nicolino. Do direito ao lazer: o princípio acesso no Programa Esporte na Comunidade (Fortaleza-CE). **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 4, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/download/665/466>>. Acesso em 2 abr. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Neurociências: Consumo e dependência de substâncias psicoativas** (resumo). Genebra, 2004.

PAULINO, Wilson. **Drogas**. São Paulo: Ática, 1994.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, n. 42, p. 377-391, 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/horizontes/781>>. Acesso em 2 abr. 2020.

PICCOLI, J. C. J..**Normatização para Trabalhos de Conclusão em Educação Física**. 2. ed. Canoas: Ulbra, 2006.

PINHEIRO, Bruno de Oliveira; ANDRADE, André Luiz Monezi; DE MICHELI, Denise. Relação entre os níveis de atividade física e qualidade de vida no uso de drogas em adolescentes. **SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição**

em Português), v. 12, n. 3, p. 178-187, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/803/80347135007.pdf>>. Acesso em 2 abr. 2020.

PINTO, Rubia-Mar Nunes; DE OLIVEIRA, Cristina Borges. Esporte, infância e juventude despossuída: uma análise das ONG's como acontecimento discursivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 39, n. 1, p. 39-48, 2017. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328916000147>>. Acesso em 2 abr. 2020.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C.. **Metodologia do Trabalho Científico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2009.

RAMPAZO, M. **Skate, uma prática no lazer da juventude: um estudo etnográfico**. 2012, 128 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/63159/000869614.pdf?sequence=1>>. Acesso em 2 abr. 2020.

RICHTER, Ana Cristina. Dos lugares do esporte nas aulas de educação física: algumas possibilidades de intervenção pedagógica. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/cadernos/article/download/931/541>>. Acesso em 2 abr. 2020.

ROMERA, Liana Abrão. Esporte, lazer e prevenção ao uso drogas: dos discursos equivocados aos caminhos possíveis. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 4, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/download/674/475>>. Acesso em 2 abr. 2020.

SAMULSKI, D.& LUSTOSA, L. A importância da atividade física para a saúde e a qualidade de vida. **Artus – Revista de Educação Física e Desportos**, 1996. V. 17, n.1, p. 60–70. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/RBAFS/article/download/992/1140>>. Acesso em 6 abr. 2020.

SANCHES, Simone Meyer. A prática esportiva como uma atividade potencialmente promotora de resiliência. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, v. 1, n. 1, 2018.

SANTOS, Samuel; ISAYAMA, Hélder Ferreira. Formação profissional em lazer: a construção e a mobilização de saberes em contextos de violência. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 2, n. 1, p. 89-112, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/download/478/318/>>. Acesso em 6 abr. 2020.

SANTOS, Leandro Barbosa dos. **Os habitantes do Guaju: um olhar etnográfico sobre o Bairro Guajuviras**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/3031/1/Leando%20Barbosa%20dos%20Santos_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em 6 abr. 2020.

SILVA, Priscilla Pinto Costa et al. Práticas corporais e uso de álcool e drogas: vivenciando emoções. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 22, n. 2, p. 141-147, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/56010543/Praticas_corporais_e_uso_de_alcool_e_drogas.pdf>. Acesso em 6 abr. 2020.

SILVEIRA, Juliano. Considerações sobre o esporte e o lazer: entre direitos sociais e projetos sociais. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/download/687/488/>>. Acesso em 6 abr. 2020.

STIGGER, Marco Paulo; THOMASSIM, Luis Eduardo. Entre o “serve” e o “significa”: Uma análise sobre expectativas atribuídas ao esporte em projetos sociais. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 16, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/download/656/457/>>. Acesso em 6 abr. 2020.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Cidade narrada, tempo vivido: estudos de etnografias da duração. **Rua**, n.16, v.1, p. 121-145, jun. 2010. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/download/8638850/6456/>> . Acesso em 8 abr. 2020.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Etnografia da duração nas cidades e suas consolidações temporais. **Revista de Ciências Sociais**, n. 34., p.107-126, abr. 2011. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/144043/000835215.pdf?sequence=1>>. Acesso em 8 abr. 2020.

TAVARES, Elisângela Aparecida. O AUMENTO DA CRIMINALIDADE NO BRASIL: UMA RELAÇÃO DIRETA COM O IDH BRASILEIRO. **SYNTHESIS| Revistal Digital FAPAM**, v. 7, n. 7, p. 229-239, 2016. Disponível em: < <https://periodicos.fapam.edu.br/index.php/synthesis/article/download/139/136>>. Acesso em 8 abr. 2020.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 36-46, 1978.

ZALUAR, Alba. À guisa de conclusão: Cidadãos não vão ao paraíso”. **ZALUAR, Alba. Cidadãos não vão ao paraíso**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.